

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Programa de Pós-graduação em Filosofia

LUAN REBORÊDO LEMOS

ARQUITETURA DO TEMPO
O TORSO ARCAICO DE ANAXIMANDRO
(SIMPL. *in Phys.* 24.13–25)

RIO DE JANEIRO
2016

LUAN REBORÊDO LEMOS

ARQUITETURA DO TEMPO:
O TORSO ARCAICO DE ANAXIMANDRO
(SIMPL. *in Phys.* 24.13–25)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando José de Santoro Moreira
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Maria das Graças de Moraes Augusto

RIO DE JANEIRO
2016

R289a Reborêdo, Luan
Arquitetura do Tempo: O Torso Arcaico de
Anaximandro (SIMPL. *In Phys.* 24.13–25) / Luan Reborêdo
Lemos. -- Rio de Janeiro, 2016.
84 f.

Orientador: Fernando José de Santoro Moreira

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais,
Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2016.

I. Filosofia Antiga. 2. Pré-socráticos. 3. Cosmologia.
4. Tempo. 5. Anaximandro de Mileto. I. Santoro,
Fernando, orient. II. Título.

CDD 182.8

LUAN REBORÊDO LEMOS

**ARQUITETURA DO TEMPO:
O TORSO ARCAICO DE ANAXIMANDRO**
(SIMPL. *in Phys.* 24.13–25)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovada por:

Prof. Dr. Fernando José de Santoro Moreira, UFRJ-PPGF / Presidente

Prof.^a Dr.^a Maria das Graças de Moraes Augusto, UFRJ-PPGLM

Prof. Dr.^a Luisa Severo Buarque de Holanda, PUC-Rio

RIO DE JANEIRO
4 de março de 2016

PARA MINHA AVÓ NADIR, PORQUE
“VIVER É MUITO DIFÍCIL, MEU FILHO”

AGRADECIMENTOS

Aos professores que desde a graduação tanto influíram em minha formação universitária e insuflaram minha paixão pela filosofia antiga: Fernando Santoro, pelo incentivo e acurada orientação; M^a das Graças Augusto, pelo rigor e atencioso cuidado; Carolina Araújo, pelo paradigma do que é uma hipótese. Também agradeço à Tatiana Ribeiro, pela atenciosa prontidão em responder minhas intermináveis dúvidas de grego, e ainda à Íris Rodrigues, pelas conversas sobre o ensino.

Aos professores da *Universidad de Buenos Aires*, pela cordial recepção e fecundo diálogo por ocasião de uma missão de estudo no âmbito do *Programa de Fortalecimiento da Pós-Graduação do Mercosul* promovido pela CAPES: Lucas Soares, pelas orientações que foram muito além da pesquisa; Ivana Costa e Marisa Divenosa, pelas ricas objeções à primeira versão da leitura aqui proposta.

À CAPES, pela σχολή propiciada pela bolsa de mestrado.

Aos inúmeros anônimos da Internet, pela bibliografia que em papel (ainda) tanto nos falta.

Aos colegas do OUSIA (Andrea, Carlos Lemos, Carolina, Constança, Daniel, Eraci, Felipe, Josefina, Lúcio, Luiz Otávio, Rafael), pelas discussões nos seminários do Laboratório. E a Carlos Buck, pela gentileza.

Aos colegas do mestrado (Pedro e Tati), pelos esbarrões no corredor do IFCS.

Aos colegas do *Seminário Pragma* (Camila, César, Cláudia, Douglas, Edil, Felipe, Flora, Fernanda, Luciana), pela interlocução nas tardes de sextas. Mas a Cavé está impossível. Desçamos para outra taverna.

Aos esbarrões de Paquetá: Sabrina, te amo nêga! Paulo, mais teimoso pouco vi! Horácio, me empresta o seu Silveira Bueno? Fefas, bora tomar banho de chuva? Maurinho, vamos pescar? Otávia, quando vocês trazem seus trapos? Tamires, quando a luz da Baía conhecerá suas pinceladas? Mari, posso roubar o Zeca? Zeca, Rossini teria inveja dos nossos frequentes duetos felinos.

Aos meus pedaços apartados de mim mundo afora, pelo Frankenstein erótico pandêmico e celeste: “Que sus misterios, como dijo el poeta, son del alma, pero un cuerpo es el libro en que se leen”. Leiamos, pois, Gil de Biedma.

À minha família, pelo (indispensável) possível.

Ao Jasmim Noturno da Alambari Luz, Douglas, pela singularidade do tempo comungado.

TORSO ARCAICO DE APOLO
(Rainer Maria Rilke)

Não, não sabemos como era a cabeça, que falta,
De pupilas amadurecidas, porém
O torso arde ainda como um candelabro e tem,
Só que meio apagada, a luz do olhar, que salta

E brilha. Se não fosse assim a curva rara
Do peito não deslumbraria, nem achar
Caminho poderia um sorriso e baixar
Da anca suave ao centro, onde o sexo se alteara.

Não fosse assim, seria essa estátua uma mera
Pedra, um desfigurado mármore, e nem já
Resplandecera mais como pele de fera.

Seus limites não transporia desmedida
Como uma estrela; pois ali ponto não há
Que não te mire. Força é mudares de vida.

— MANUEL BANDEIRA, “Poemas traduzidos”, *Estrela da vida inteira: Poesias Reunidas*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, INL, 1970. p.395.

“Time is nature’s way to keep everything from happening all at once.”

— “Discovered among graffiti in the men’s room of the Pecan Street Cafe, Austin, Texas.”, citado por WHEELER, John A., “Information, physics, quantum: The search for links”. In: ZUREK, Wojciech Hubert. *Complexity, Entropy, and the Physics of Information*. Redwood City, California: Addison-Wesley, 1990, p.315 e p.330, n.79.

RESUMO

REBORÊDO LEMOS, Luan. **Arquitetura do Tempo: O Torso Arcaico de Anaximandro (SIMPL. *In Phys.* 24.13–25). Dissertação** (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Contra uma leitura disseminada segundo a qual os primeiros filósofos teriam se ocupado sobretudo do princípio material das coisas existentes, o trabalho defende que a cosmologia de Anaximandro é eminentemente processual e se caracteriza por ser uma minuciosa descrição acerca do modo como estados presentes decorrem de estados passados segundo um princípio de justiça que é regulado pela “disposição do tempo”. Sua cosmologia constitui a emergência de uma nova concepção de temporalidade que não explica o que é, foi e será em termos de gerações de deuses, mas em termos de processos que se sucedem; e, por conseguinte, constitui a emergência de uma certa noção de causalidade entendida como regra da sucessão. Entretanto, para Anaximandro, *χρόνος* não é nem o meio neutro onde ocorrem as transformações da natureza, nem designa a totalidade de três instâncias temporais (passado, presente, futuro). Antes, *χρόνος* é um agente regulador das transformações naturais e se identifica com os arranjos celestes.

O ponto de partida da leitura aqui proposta é a contextualização do chamado fragmento DK12B1 em sua fonte doxográfica (SIMPL. *in Phys.* 24.13–25 = DK12A9). A leitura se guia pela compreensão da história da filosofia como uma história da recepção e não da veracidade das fontes. Para a introdução do problema, se apresenta uma breve visão geral sobre a natureza de nossas fontes e se discute os pressupostos filológico-hermenêuticos que sustentariam a pretensão histórica dos estudos pré-socráticos. A análise de SIMPL. *in Phys.* 24.13–25 se inicia discutindo a identificação dos referentes de certos termos anafóricos, além do escopo de abrangência do participio τὰ ὄντα. Contra a ideia de que DK12B1 se refere ou bem a *ἄπειρον* ou bem a *στοιχεῖα*, se levanta a hipótese de que o referente em questão é οὐρανοί. Esta hipótese constitui a pedra angular da edificação argumentativa desta dissertação.

PALAVRAS-CHAVE:

Filosofia Antiga. Pré-socráticos. Cosmologia. Tempo. Anaximandro de Mileto.

ABSTRACT

REBORÊDO LEMOS, Luan. **Architecture Time: Archaic Torso of Anaximander (SIMPL. *In Phys.* 24.13–25). Dissertation** (Master of Philosophy) – Philosophy Post-Degree Program, Institute of Philosophy and Social Sciences, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Against a widespread reading according to which the first philosophers would have occupied themselves especially with the material principle of existing things, the work argues that Anaximander's cosmology is essentially procedural and is characterized by being a detailed description of how present states develop from passed ones according to a principle of justice regulated by time disposition. His cosmology is the emergence of a new conception of temporality that does not explain what is, was and will be in terms of generations of gods, but in terms of processes that follow; and, therefore, it is the emergence of a certain causal notion understood as rule of succession. However, for Anaximander χρόνος is not a neutral means where changes in nature happen, neither designates the totality of three temporal instances (past, present, future). First of all, χρόνος is a regulator agent of natural transformations and identifies itself with celestial arrangements.

The starting point of the reading proposed here is the contextualization of the so-called fragment DK12B1 in its doxographic source (SIMPL. *In Phys.* 24.13-25 = DK12A9). The interpretation guides itself by the understanding of the history of philosophy as a history of reception and not by the veracity of sources. For the introduction of the problem, it is presented a brief overview about the nature of our sources and we discuss the philological-hermeneutical assumptions that would sustain the historical claim of Presocratic studies. The analysis of SIMPL. *in Phys.* 24.13-25 begins discussing the identification of references of certain anaphoric terms, besides the scope of the participle τὰ ὄντα. Contrary to the idea that DK12B1 refers to ἄπειρον or to στοιχεῖα it hypothesizes that the reference in question is οὐρανοί. This hypothesis is the cornerstone of argumentative edification of this dissertation.

KEYWORDS:

Ancient philosophy. Presocratic. Cosmology. Time. Anaximander of Miletus.

ABREVIATURAS

DK DIELS, H.; KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*, 6^a. ed., 1951

DK A Seção de testemunhos (vida e doutrina) em DK

DK B Seção de fragmentos em DK

Dox. DIELS, H. *Doxographi graeci*, 1879

LSJ LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; JONES, H. S. *A Greek-English Lexicon*, With a revised supplement, 1996

TGP DENNISTON, J. D. *The Greek Particles*. Revised by K. J. Dover. 2nd ed., 1996

DGP MALHADAS, D.; DEZOTTI, C.C.; NEVES, M. H. DE M. (coord.). *Dicionário Grego-português*, 2006-2010

Abreviações de obras antigas seguem em geral o padrão do léxico LSJ (pp.XV-XLIV).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. DA MISÉRIA DE NOSSAS FONTES.....	13
1.1. Matriosca grega: as “Migalhas da Doxografia Grega”	13
1.2. Fragmento <i>versus</i> testemunho	17
2. SINTAXE DO TORSO	25
2.1. Enquadrando o ἄπειρον: Aristóteles, Teofrasto e Simplício.....	25
2.2. Tipografias de uma hipótese: fabricando o fragmento DK12B1.....	28
2.3. O emaranhado: de λέγει a λέγων	31
2.4. O problema dos referentes ὧν e ταῦτα	34
3. SEMÂNTICA DO TORSO	45
3.1. Da sintaxe à semântica	45
3.2. O litígio cósmico.....	46
3.2.1. τὰ στοιχεῖα, τὰ καλούμενα στοιχεῖα e ἀλλήλοις.....	46
3.2.2. διδόναι δίκην καὶ τίσιν ἀλλήλοις τῆς ἀδικίας	48
3.3. A regulação dos processos	52
3.3.1. ἡ γένεσις ἐστὶ τοῖς οὖσι, καὶ τὴν φθορὰν γίνεσθαι.....	52
3.3.2. κατὰ τὸ χρεῶν	54
3.4. Dispositivos do tempo: os arranjos dos aros ardentes	55
3.4.1. οὐρανοὶ e κόσμοι.....	55
3.4.2. τάξις	58
3.4.3. χρόνος.....	60
CONCLUSÃO.....	65

ANEXOS	70
ANEXO 1 — SIMPLÍCIO: <i>Comentário à Física de Aristóteles</i> , 24, 13–25 (DK12A9 + DK12BI)	70
ANEXO 2 — Edição Aldina (1526): primeira impressão de SIMPL. <i>in Phys.</i> 24.13–25	71
ANEXO 3 — THEOPH. <i>Phys. Opin.</i> 2 (<i>Dox.</i> 476 e 477)	72
ANEXO 4 — Paralelo entre Ps.-Plutarco (<i>Placita</i>) e Estobeu (<i>Ecloglae</i>): a reconstituição dos <i>Placita</i> de Aécio nos <i>Doxographi Graeci</i> de Diels (<i>Dox.</i> 277 e <i>Dox.</i> 302)	74
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 76
A. EDIÇÕES E TRADUÇÕES DE TEXTOS ANTIGOS	76
B. ESTUDOS	80
C. INSTRUMENTAL	83

INTRODUÇÃO

Há uma leitura disseminada, que remonta pelo menos a Aristóteles, segundo a qual os primeiros filósofos teriam se ocupado sobretudo do princípio material das coisas existentes. Assim, por exemplo, Tales, para quem tudo proviria da água; assim, Anaxímenes, que atribuiria ao ar o princípio de tudo; e, assim, Anaximandro, que, sem identificar nenhum dos chamados elementos, teria sustentado que o ἄπειρον é a ἀρχή de todas as coisas. Nos termos do livro *Alfa da Metafísica* aristotélica:

τῶν δὴ πρώτων φιλοσοφούντων οἱ πλεῖστοι τὰς ἐν ὕλης εἶδει μόνας φήθησαν ἀρχὰς εἶναι πάντων· ἐξ οὗ γὰρ ἔστιν ἅπαντα τὰ ὄντα καὶ ἐξ οὗ γίγνεται πρώτου καὶ εἰς ὃ φθείρεται τελευταῖον, τῆς μὲν οὐσίας ὑπομενούσης τοῖς δὲ πάθεσι μεταβαλλούσης, τοῦτο στοιχεῖον καὶ ταύτην ἀρχὴν φασιν εἶναι τῶν ὄντων, καὶ διὰ τοῦτο οὔτε γίνεσθαι οὐθὲν οἴονται οὔτε ἀπόλλυσθαι, ὡς τῆς τοιαύτης φύσεως ἀεισωζομένης

Entre os que primeiro filosofaram, a maior parte julgou que eram princípios [ἀρχαί] de todas as coisas apenas os princípios em forma de matéria [ἐν ὕλης εἶδει]. De fato, o item primeiro de que tudo se constitui, do qual tudo vem a ser e no qual, por último, tudo se corrompe — subsistindo uma essência [οὐσία], modificada, porém, em suas afecções — eis o que afirmam ser elemento [στοιχεῖον] e princípio [ἀρχή] dos entes, e, por isso, julgaram não ser verdade que algo vem a ser e se destrói, dado que essa natureza sempre se preservaria¹

No que concerne a Anaximandro, porém, o que essa leitura tem de esquemática, tem de desconcertante. Ela põe na boca de Aristóteles algo que ele nunca disse. Aristóteles nunca afirmou — ao menos explicitamente² — que Anaximandro fez do ἄπειρον o princípio material de todas as coisas. Um estranho silêncio que atravessa todo o livro *Alfa* de sua *Metafísica*.

¹ ARIST. *Metaph.* 983b6-983^b13, tradução de ANGIANI (2008, p.14).

² Aristóteles cita explicitamente o nome de Anaximandro apenas quatro vezes: *Phys.* A 4, 187^a21 (DK12A9); *Phys.* Γ 4, 203^b14 (DK12A15); *Met.* Λ 2, 1069^b22 (DK59A61 e DK12A16); e *Cael.* 295^b12 (DK12A26). Uma quinta (e estranhíssima) menção é feita pelo anônimo pseudo-aristotélico do tratado *De Melisso Xenophanes et Gorgia* (M.18.22 Cassin = 975^b22 Bekker):

ἔτι οὐδὲν κωλύει μίαν τινὰ οὔσαν τὸ πᾶν μορφήν, ὡς καὶ ὁ Ἀναξίμανδρος καὶ ὁ Ἀναξίμενης λέγουσιν, ὁ μὲν ὕδωρ εἶναι φάμενος τὸ πᾶν, ὁ δὲ, ὁ Ἀναξίμενης, ἀέρα, καὶ ὅσοι ἄλλοι οὕτως εἶναι τὸ πᾶν ἐν ἡξιώκασιν.

Uma leitura desconcertante, mas também reducionista. Ela ignora o vasto e rico material doxográfico, que, embora atribua essa tese a Anaximandro, não se limita tão somente a ela. Independentemente de Anaximandro ter postulado ou não que o ἄπειρον era a ἀρχή (material) das coisas existentes, essa doutrina não é de longe a de maior relevo no conjunto dos testemunhos que chegaram até nós sobre Anaximandro. Não se faz cosmologia discutindo apenas o que havia no início. Não se explica a *origem* do cosmo discutindo apenas a fonte originária ou o momento inicial e eventualmente final de sua formação. A cosmologia conecta os dois pontos e discute a sucessão causal dos eventos naturais explicando a constituição daquilo que presentemente é a partir daquilo que outrora foi.

A presente dissertação pretende defender que a cosmologia de Anaximandro é eminentemente *processual* na medida em que não se preocupa tanto com a ἀρχή enquanto *fonte material* a partir da qual o mundo teria se formado, quanto com o *modo* pelo qual a totalidade se constitui de sua origem até o presente. Descrevendo as diversas etapas da formação do mundo, sua cosmologia é uma minuciosa descrição acerca do *modo* como estados presentes decorrem de estados passados, segundo um critério de sucessão causal, isto é, um princípio de justiça que regula as transformações que ocorrem na natureza. Nesse sentido, a cosmologia de Anaximandro representaria a emergência de uma nova concepção de temporalidade que não explica o que é, foi e será em termos da geração de deuses, mas em termos de processos que se sucedem. E, por conseguinte, representaria a emergência de uma certa concepção de causalidade enquanto regra da sucessão.

Além disso, nada impede o todo de ser uma forma que seja em um sentido una, como Anaximandro e Anaxímenes o dizem, ora afirmando que o todo é água, e ora, a saber Anaxímenes, que é ar, assim como os outros, todos, tanto quanto eles são, que consideram que o todo é um desta maneira.” — (trad. de Cláudio Oliveira in CASSIN, 2015, p. 162-163 sobre a ed. e trad. de CASSIN, 1980, p.236: “De plus, rien n’empêche le tout d’être une forme qui soit en un sens une, comme Anaximandre et Anaximène le disent, tantôt affirmant que le tout est eau, et tantôt, à savoir Anaximène, air, ainsi que les autres, tous autant qu’il sont, qui ont estimé que le tout est un de cette façon.”)

O ponto de partida dessa leitura “processual” ou, por assim dizer, “temporal-causal” da cosmologia de Anaximandro aqui proposta é o “fragmento” DK12B1 de Anaximandro considerado em seu contexto doxográfico (SIMPL. *in Phys.* 24.13–25 = DK12B9). Compreendemos que a principal dificuldade filológica desse texto — por si só já problemático — reside na identificação dos referentes de certos termos anafóricos (notadamente, um pronome relativo e três pronomes demonstrativos), além do escopo de abrangência do particípio τὰ ὄντα. Forjar um “fragmento” a partir de um punhado de palavras que não mantêm uma unidade semântica independente do seu contexto pouco ajuda na solução dessas dificuldades, quando muito agrava. É certo que a confiabilidade do testemunho doxográfico está frequentemente em xeque — fantasma que sempre apavora a pretensão histórica dos estudos pré-socráticos —, mas em casos extremos como o de Anaximandro, abandoná-lo de partida não é uma boa estratégia. Não há indícios claros acerca da extensão do “fragmento” e a demarcação do mesmo é o resultado e não simplesmente o ponto de partida da crítica textual.

I. DA MISÉRIA DE NOSSAS FONTES

1.1. *Matriosca grega: as “Migalhas da Doxografia Grega”*

“Rěliqũã, ã, s. ap. f. APUL. Migalha (que fica entre os dentes, depois de comer)”
(SANTOS SARAIVA, 1927, p.1019)

Posto que a filosofia fez da escrita o seu principal veículo, a história da filosofia dificilmente pode se desvencilhar dela. Por meio da escrita a interlocução dos séculos se torna possível e, assim, tradições de pensamentos são forjadas ao sabor da hegemonia de certos escritos e interpretações. Não é de estranhar que a história da filosofia se confunda com a história de seus escritos e que ela se encontre em grandes apuros quando se volta para a sua pretensa origem. Reina aí a miséria de nossas fontes. Nenhum escrito dos chamados pré-socráticos sobreviveu intacto à derrocada do mundo antigo. Nossas principais fontes são textos posteriores que nos dão testemunhos de seus pensamentos. Em meio a esses testemunhos, a filologia julgou ter encontrado vestígios desses escritos perdidos, convencionando chamá-los de “fragmentos”, mas que são, em sua grande maioria, citações mais ou menos literais e frequentemente indiretas que foram cindidas dos testemunhos.

Com essa cisão, a história da filosofia de bom grado abandonou os testemunhos em favor da prioridade das citações literais, sempre que elas estão disponíveis. Ainda hoje pouco se traduz e se estuda os testemunhos de Parmênides e Empédocles, para ficar nos exemplos daqueles que têm os fragmentos mais extensos. Porém, se as citações literais são raras, quando não inexistentes, os testemunhos precisam voltar novamente ao centro das atenções e, juntamente com eles, o critério que os legitime. A confiança que um fragmento nos inspira é legitimada pela suposição de que estamos diante de palavras *ipsis litteris* de um autor antigo — tanto quanto se pode crer na independência do fragmento frente ao contexto de onde ele foi arrancado. Um testemunho não dispõe dessa prerrogativa, já que estamos diante de palavras

alheias sobre as quais recaem frequente suspeita. A apreciação da natureza de nossas fontes se torna, desse modo, um tópico obrigatório aos estudos pré-socráticos. Está em xeque aqui a pretensão histórica desses estudos.

A figura de Anaximandro pertence a esse cenário. Escassos são os termos de sua própria lavra, abundantes os testemunhos sobre ele — muitos dos quais relativamente tardios. Com efeito, dos textos que ainda temos acesso, é apenas a partir dos de Aristóteles que seu nome é expressamente citado. Esse silêncio leva Olof Gigon a supor que os escritos dos milésios já haviam sido perdidos na época de Platão e que foi Aristóteles quem buscou e redescobriu as obras dos antigos filósofos da natureza³. Independente da validade dessa suposição — em certa medida inverificável —, o fato é que a história da filosofia viu em Aristóteles o seu primeiro grande precursor, na medida que ele teria sido o primeiro a apresentar uma visão sistemática do desenvolvimento da filosofia no livro *Alfa* de sua *Metafísica*. E mesmo além, com seu frequente costume de retomar e discutir as opiniões dos antigos para início de qualquer investigação⁴ — como bem exemplifica o primeiro livro de sua *Física* —, não tardou que se identificasse em Aristóteles uma fecunda fonte para se investigar as origens da filosofia⁵.

³ Cf. GIGON (1985, pp.47-48), e ainda GUTHRIE (1962, pp.72-73 = 1984, p.80), que o subscreve.

⁴ Sobre o método de Aristóteles, cf. MANSFELD, 2008, p.74:

É parte do método aristotélico, quando engajado na discussão dialética de um problema (definida em *Tópicos* I.11 104b1-8), dividir um gênero em suas espécies para passar em revista as *dóxai* mais relevantes e estabelecer quais as discordâncias e quais as teses sustentadas em comum, de modo a avaliá-las e *criticá-las* da maneira mais apropriada, perseguindo a partir daí.

⁵ Era essa já a opinião de Hegel, para quem

Aristoteles ist die reichhaltigste Quelle. Er hat die älteren Philosophen ausdrücklich und gründlich studiert und im Beginne seiner Metaphysik vornehmlich (auch sonst vielfach) der Reihe nach von ihnen geschichtlich gesprochen. Er ist so philosophisch wie gelehrt; wir können uns auf ihn verlassen. Für die griechische Philosophie ist nichts Besseres zu tun, als das erste Buch seiner Metaphysik vorzunehmen. — (HEGEL, 1986, p.190)

Aristóteles é a fonte mais fecunda. Ele estudou expressamente e a fundo os filósofos antigos e deles falou, sobretudo no começo da sua *Metafísica* (mas também em outros livros), segundo a ordem histórica. Ele é tanto filósofo quanto erudito; podemos ter confiança nele. Para a filosofia grega, não há nada melhor a fazer que conhecer o primeiro livro de sua *Metafísica*. — (*apud* CAVALCANTE DE SOUZA, 1978, p.21, cit. por Heidegger, trad. Ernildo Stein; para a apreciação hegeliana das fontes antigas como um todo, cf. HEGEL, 1995, p.153-155, na trad. mex. de Wenceslao Roces)

Aristóteles esboçou, segundo essa perspectiva, os contornos do desenvolvimento da filosofia, mas foi o seu sucessor no Liceu, Teofrasto, que teria preenchido e expandido esses contornos no seu volumoso porém perdido *Φυσικῶν Δόξαι* (*Pareceres dos Físicos*)⁶. Em época helenista, essa obra teria sido reduzida e revista numa obra menor, modernamente chamada de *Vetusta Placita* (*Pareceres Tardios*) — que também se perdeu, não sem antes ter sido novamente abreviada no século I a.C. por um autor desconhecido chamado Aécio, mencionado apenas três vezes por Teodoreto século V a.C.⁷. Escusado seria dizer que os *Placita* de Aécio também se perderam. E, no entanto, é esse suposto resumo do resumo dos *Φυσικῶν Δόξαι* de Teofrasto que seria a origem dos principais testemunhos sobre os pré-socráticos que nos chegaram, incluso aí os sobre Anaximandro. Não é de se espantar que frequentemente se abandone os testemunhos para se agarrar a uma ninharia que seja de “fragmentos”. Essa matriosca parece não inspirar muita confiança⁸, mas é precisamente nela que a filologia moderna julgou ter encontrado um critério para legitimar nossa confiança histórica em certos testemunhos, a saber, o estarem ou não ligados “à grande obra de Teofrasto por uma linha de descendência direta e vertical”⁹, aparentemente, nossa fonte mais autorizada, porque teria tido acesso aos escritos dos pré-socráticos.

Devemos sobretudo aos *Doxographi Graeci* (1879) de Hermann Diels a formulação mais sistemática dessa hipótese, calcada na investigação genealógica das fontes que dispo-

⁶ O extenso catálogo de Diógenes Laércio sobre as obras de Teofrasto traz *Φυσικῶν δοξῶν* como título, em 16 volumes (D.L.5.48); no entanto, para Mansfeld “é quase certo, porém, que o título original fosse *Φύσικαι δόξαι*, *Pareceres em Física*” (2008, p.66), já que “*Φυσικαί* é mais ‘doxográfico’ do que o prosopograficamente orientado *Φυσικῶν*” (MANSFELD & RUNIA, 1996, p.78, n.53, trad. nossa).

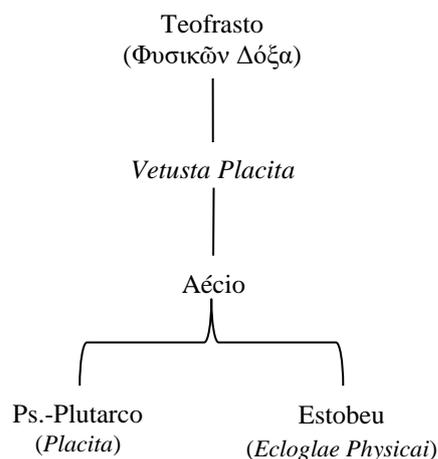
⁷ Sobre essa transmissão, cf. MANSFELD, 2008, p.66-67.

⁸ Mas inspira frequente ironia:

“Mas, se o texto perdido dos pré-socráticos deveria poder se apoiar, fragmento após fragmento, no texto perdido de Teofrasto, o texto perdido de Teofrasto deve, por sua vez, ser extraído fragmento após fragmento de outros textos perdidos. A forma moderna do Fantástico, diz Borges, é a erudição.” (CASSIN, 2015, pp.118-119).

⁹ MANSFELD, 2008, p.67.

mos. Antes dele, seu mestre Hermann Usener havia defendido, em sua dissertação doutoral *Analecta Teophrastea* (1858), que o *Comentário à Física de Aristóteles* de Simplicio possuía diversos excertos de Teofrasto, pertencentes a uma obra perdida e denominada por Usener de *Physicorum Opiniones*, na qual se incluía o opúsculo *De Sensibus*¹⁰. Diels levou a cabo a ideia de Usener e pretendeu demonstrar que certos testemunhos que dispomos descendem em última instância dos *Φυσικῶν Δόξαι* de Teofrasto. Saltou aos seus olhos a extrema semelhança entre os *Placita* de um Pseudo-Plutarco (datados do século II d.C) e o primeiro livro das *Eclogae Physicae* de João Estobeu (já do V século d.C). Pôs em paralelo ambos textos e deduziu das semelhanças que eles descendiam de Aécio¹¹ — que Diels pretendeu reconstituir a partir desse paralelo —, sendo o texto de Estobeu uma redução mais drástica e o de Pseudo-Plutarco uma fonte mais copiosa. E, além desses dois, descenderiam da lavra de Teofrasto ainda: (i) parte do primeiro livro da *Refutatio Omnium Haeresium* de Hipólito do século III d.C.; (ii) os *Stromateis* de um outro Pseudo-Plutarco, conservado por Eusébio; e (iii) algumas partes das *Vitae Philosophorum* de Diógenes Laércio¹².



¹⁰ Cf. USENER, 1858, pp.25-29 e, para uma síntese de sua hipótese, MANSFELD & RUNIA, 1996, pp.6-7.

¹¹ Cf. ANEXO 4.

¹² Cf. a esse respeito MANSFELD, 2008, pp.67-68; uma apreciação sinótica dessas fontes pode se encontrar também em KIRK, RAVEN & SCHOFIELD, 2008, pp.xiii-xviii.

Ao ligar aqueles dois compêndios por meio do desconhecido Aécio, os filiando à grande obra de Teofrasto — não sem antes ter passado pelos *Vetusta Placita* —, Diels lançou as bases filológicas da pretensão histórica dos estudos pré-socráticos. Onde falta fragmento, sobrariam os pareceres de Teofrasto, que afinal teria tido acesso e feito amplo uso das obras dos pré-socráticos; aliás, sobrariam, antes, os testemunhos sobre os pareceres de Teofrasto (várias vezes resumidos e alterados) sobre os pareceres dos antigos φυσικοί. Uma tradição, portanto, de segunda mão, aliás, de terceira (ou seria melhor dizer de quarta mão — ou talvez de quinta categoria?). Para designar essa tradição, Diels forjou os neologismos “doxógrafo” e “doxografia”, “presumidamente para contrastar fundamentalmente com “biógrafo” e “biografia”, um gênero que ele julgava, em princípio, não se poder confiar”¹³. Trata-se, portanto, das “*Doxographorum Graecorum Reliquiae*”¹⁴ — ou, para traduzir o latim pomposo, das *Migalhas da Doxografia Grega*.

Migalhas à parte, ainda hoje a hipótese de Diels se apresenta como uma construção filológica parcialmente robusta, sobretudo no que tange à filiação dos textos de Estobeu e Pseudo-Plutarco a Aécio. No entanto, tem sido seriamente posta em dúvida por MANSFELD & RUNIA (2009) a filiação de Aécio ao *Vetusta Placita* e a Teofrasto, sob suspeita de que a tradição anterior de Aécio seja não só peripatética como também estoica. Seja como for, permanece o imperativo de que o trato com a doxografia demandaria a investigação de sua genealogia.

1.2. *Fragmento versus testemunho*

A hipótese sobre a origem da doxografia proposta por Diels em 1879 pode parecer desconcertante, mas dela é devedor quem quer que faça uso do *Die Fragmente der Vorsokratiker* (inicialmente publicado em 1903). Com efeito, essa coletânea dos “Fragmentos dos Pré-

¹³ MANSFELD, 2008, p.66.

¹⁴ DIELS, 1879, p.265.

socráticos” tem seu alicerce na genealogia das fontes expostas vinte quatro anos antes. E, no entanto, o modo como os *Fragmente* são estruturados obscurece essa hipótese que lhe subjaz, quer por dilacerar e organizar os textos doxográficos em capítulos segundo a sucessão de filósofos, quer por seccionar cada capítulo, pondo, de um lado, os testemunhos (seção A) e, do outro, os fragmentos (seção B).

Ora, a reconstrução empreendida por Diels sugeria fortemente que tanto o *Φυσικῶν Δόξαι* de Teofrasto quanto o *Vetusta Placita* eram estruturados em tópicos temáticos¹⁵, no interior dos quais se agrupavam por divisão as diversas δόξαι dos filósofos. Algo semelhante ao que acontece ao *Placita* de Plutarco — e seja exemplo aqui apenas o índice do primeiro livro conforme apresentado por Diels (*Dox.*268):

Prooemium

- 1 τί ἐστὶν ἡ φύσις
- 2 τίνι διαφέρει ἀρχὴ καὶ στοιχεῖα
- 3 περὶ ἀρχῶν τί εἰσιν
- 4 πῶς συνέστηκεν ὁ κόσμος
- 5 εἰ ἐν τῷ πᾶν
- 6 πόθεν ἔννοιαν ἔσχον θεῶν οἱ ἄνθρωποι
- 7 τίς ἐστὶν ὁ θεός
- 8 περὶ δαιμόνων καὶ ἡρώων
- 9 περὶ ὕλης
- 10 περὶ ιδέας
- 11 περὶ αἰτιῶν
- 12 περὶ σωμάτων
- 13 περὶ ἐλαχίστων
- 14 περὶ σχημάτων
- 15 περὶ χρωμάτων
- 16 περὶ τομῆς σωμάτων
- 17 περὶ μίξεως καὶ κράσεως
- 18 περὶ κενοῦ
- 19 περὶ τόπου

¹⁵ Cf. MANSFELD, 2008, p.84.

- 20 περὶ χώρας
- 21 περὶ χρόνου
- 22 περὶ οὐσίας χρόνου
- 23 περὶ κινήσεως
- 24 περὶ γενέσεως καὶ φθορᾶς
- 25 περὶ ἀνάγκης
- 26 περὶ οὐσίας ἀνάγκης
- 27 περὶ εἰμαρμένης
- 28 περὶ οὐσίας εἰμαρμένης
- 29 περὶ τύχης
- 30 περὶ φύσεως

O plano do *Die Fragmente der Vorsokratiker*, no entanto, não estrutura seus capítulos por tópicos, mas por filósofos, dispersando a doxografia peripatética ao longo da obra. Não era um procedimento de todo novo. Se é verdade que o texto de Teofrasto se estruturava em tópicos, então essa dilaceração já havia sido executada por Diógenes Laércio, Hipólito e pelo Pseudo-Plutarco dos *Stromateis*, que, ao falarem de um dado filósofo, reuniam em um único lugar o conjunto das opiniões atribuídas a esse filósofo. A praticidade dessa forma de organização tem lá seus méritos, mas esse procedimento tira do foco o dispositivo interpretativo que estrutura o texto de Teofrasto, base da doxografia: a διαίρεσις. É sobretudo por meio da divisão de tópicos que Aristóteles e Teofrasto traçam uma certa história do desenvolvimento da filosofia. Se eles em muitos casos são nossas únicas fontes, é preciso mais do que nunca destacar os dispositivos de suas interpretações, quer para subscrevê-las, quer para negá-las (e precisamente nesse caso). A dispersão das δόξαι segundo a sucessão progressiva de filósofos parece não ajudar muito nesse sentido.

Porém, mais grave que essa dispersão é a cisão entre fragmento e testemunho no interior de cada capítulo. Uma vez identificadas as supostas citações literais, elas são reunidas numa tipologia privilegiada na seção B como se fossem entidades autônomas do contexto de onde foram arrancadas, como se fossem, literalmente, “fragmentos”. No caso de citações mais

ou menos extensas, é, de bom grado, efetivamente *como se fosse*. Pode-se, assim, ler um fragmento nele mesmo, ignorando a interpretação oferecida pela nossa fonte; pode-se, aliás, negar, a partir da citação, a leitura do próprio citador. Por exemplo, o descarte sem pudores que em geral se faz da interpretação alegorizante de Sexto Empírico para o proêmio de Parmênides (DK28B1) a partir da leitura do fragmento citado pelo próprio Sexto. A citação deixa de ser tutelada pelo testemunho, ganha autonomia e sobrepuja o citador — um cenário invejável, mas nem sempre encontrado. A brevidade de muitas das citações e o costume grego de imiscuir as palavras citadas às palavras do citador parece não contribuírem muito. Os antigos gregos desconheciam a simplicidade tipográfica das aspas e algo como um “ele disse que” do discurso indireto é quase um imperativo.

O caso de Anaximandro constitui um exemplo paradigmático desta cisão malsucedida. A *Sentença de Anaximandro* — como chama Heidegger o “fragmento” DK12B1 — está longe de constituir um todo autônomo do seu contexto. Os termos que supostamente remontariam ao escrito perdido de Anaximandro estão de tal modo entrelaçados com os termos do testemunho que a cisão não poderia ser feita sem grandes prejuízos. Se é válido o pressuposto hermenêutico de que “cada discurso e cada obra escrita é um particular que apenas pode ser compreendido completamente a partir de um todo ainda maior”¹⁶, então a relativa não autonomia da *Sentença* demandaria sua contextualização para que tivéssemos uma leitura satisfatória.

Todavia, malgrado os casos malsucedidos, a ficção dos “fragmentos” — isto é, das citações (mais ou menos) literais alçadas ao posto de entidades textuais autônomas — constitui um grande ganho para os estudos pré-socráticos, pelo menos quando não se trata de uma ninharia de texto, a exemplo do que ocorre com Parmênides e Empédocles. Pode-se, assim, co-

¹⁶ SCHLEIERMACHER, 2009, p.53.

mo no Proêmio de Parmênides, emancipar o fragmento dos testemunhos. Não é o caso do fragmento DK12BI de Anaximandro. Ainda assim, qualquer leitura que se faça do fragmento DK12BI é fortemente dependente dos casos bem-sucedidos dessa (fictícia porém eventual fértil) emancipação. É a partir desses casos que a crítica moderna pode avaliar quão confiável é certa fonte antiga, confrontando-a com as próprias palavras do autor.

No que concerne a Anaximandro, o testemunho seria de Teofrasto, que Simplício cita no seu *Comentário à Física de Aristóteles*. Mas podemos confiar em um testemunho peripatético? Para o *Doxographi Graeci*, a tradição peripatética é a nossa única fonte legítima. Mas essa hipótese não sobreviveu ilesa ao confronto entre fragmentos e testemunhos, facilitado pela cisão empreendida pelo *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Burnet acusava Aristóteles de expor “as coisas a seu próprio modo, independente de considerações históricas”¹⁷. Já Heidel considerava que Aristóteles “nem sempre foi capaz de distinguir o que seus predecessores disseram da implicação que isso tinha para ele”¹⁸. Mas foi Cherniss quem levou essa hipótese ao extremo na sua *magnum opus* de 1935 (*Aristotle’s Criticism of Presocratic Philosophy*). A partir da constatação de que “é impossível descobrir que critério tem sido fixado mediante o qual os intérpretes modernos rejeitam uma afirmação de Aristóteles e aceitem outra”¹⁹, Cherniss empreende uma exaustiva análise da “crítica aristotélica à filosofia pré-socrática” e conclui que

[...] Aristóteles não está tentando oferecer, em nenhuma das obras que temos, uma abordagem histórica da filosofia anterior. Ele usa essas teorias como interlocutores nos debates fictícios que ele forja visando conduzir “inevitavelmente” às suas próprias soluções, sendo fortemente significativo que esses seus escritos formem uma

¹⁷ BURNET, 2006, p.68.

¹⁸ HEIDEL, 1902, p.212; trad. nossa: “Aristotle himself, with all his speculative genius, or just because of it, was not always able to distinguish between that which his predecessors said and that which their words suggested to him.”.

¹⁹ CHERNISS, 1935, p.ix [1991, p.9]; trad. nossa.

longa série de diálogos em que uma teoria é contraposta à outra de tal modo que cada uma pode lançar luz às dificuldades da outra, dificuldades essas que são resolvidas por meio de uma reconciliação: esta reconciliação é o sistema aristotélico. Tal é o sentido e o propósito do método “aporético”; e a crença aristotélica de que todas as teorias anteriores eram tentativas balbuciantes de expressar a sua própria o leva a interpretar essas teorias sem qualquer semelhança com sua forma original.²⁰

A desconfiança que caiu sobre a historicidade de Aristóteles, recaiu igualmente sobre Teofrasto, afinal “não é nenhum segredo que Teofrasto estava absolutamente sob a influência de seu mestre”²¹. O mesmo tipo de escrutínio que Cherniss dedicou a Aristóteles, McDiarmid pretendeu fazer com as supostas distorções de Teofrasto em um artigo de 1953 (*Theophrastus on the Presocratic Causes*). Assim, a concordância que se julgava haver entre o *Φυσικῶν Δόξαι* e o livro *Alfa* da *Metafísica* deixou de ser considerado como um indício da historicidade de Aristóteles e passou a ser considerado como uma contraprova do valor de Teofrasto²².

Mas se nossas fontes mais autorizadas não são confiáveis, que tipo de abordagem histórica resta aos estudos pré-socráticos quando os fragmentos constituem uma nesga de nada, como ocorre com Anaximandro? Ou, dito em termos mais dramáticos:

Se temos de rejeitar o testemunho das únicas autoridades que leram o livro de Anaximandro [i.e., Aristóteles e Teofrasto], mais nos vale admitir que nada sabemos a seu respeito.²³

No entanto, ainda que os testemunhos de Aristóteles e Teofrasto nada valham, não se seguiria que nada sabemos sobre Anaximandro. Se entendermos a história das ideias não meramente como uma história do que um autor *realmente* pensou, mas como uma história de sua recepção, então ao menos conheceríamos a recepção peripatética de Anaximandro. Se esse é

²⁰ CHERNISS, 1935, p.xii [1991, p.12-13]; trad. nossa.

²¹ HEIDEL, 1902, p.212; trad. nossa.

²² Cf. a esse respeito, MCDIARMID, 1953, pp.85-86.

²³ CORNFORD, 1981, p.261, n.1.

efetivamente o cenário que temos, então seria preciso compreender as informações de que dispomos em seu contexto e empreender uma abordagem semelhante àquela atribuída a Burkert:

Nessa abordagem, Burkert opera no sentido contrário da tradição filológica do século XIX, que se dedicara à compilação de fragmentos e à retomada doxográfica. Seu propósito é inserir as informações que nos chegaram no contexto de seus informantes, o que lhe permite ler a história das ideias como uma história das escolhas dos autores, e não da veracidade das fontes.²⁴

A análise que aqui propomos para o fragmento DK12BI e seu contexto (SIMPL. *in Phys.* 24.13–25 = DK12A9) se orienta em grande medida por essa perspectiva. Mas o fato de assumirmos a história da filosofia como uma história da recepção não se segue que assumamos que tudo o que temos de Anaximandro seja enfiadamente peripatético. Se somos capazes de dizer que *isto* ou *aquilo* é aristotélico, é porque afinal temos algum critério de distinção, ainda que ínfimo; teríamos ao menos um critério negativo: “*isto* ou *aquilo* Anaximandro não disse”. Nesse sentido, seria a partir desse critério que se nortearia uma investigação que buscasse a veracidade das fontes. Essa investigação então se esforçaria em depurar as distorções aristotélicas explorando as tradições antecedentes, como os escritos médicos do corpus hipocrático ou mesmo os fragmentos de Heráclito, Parmênides e Empédocles, visto que “suas formas de pensamento são guias mais seguros do que as categorias da física aristotélica”²⁵. Mas também seria importante destacar, visando aquela depuração, que o próprio Aristóteles está inserido em uma tradição: muito de sua terminologia é herdada das discussões com seus predecessores, ainda que a significação seja alterada visando a economia do seu sistema; e

²⁴ ARAÚJO, “Introdução”, *in* BURKERT, 2014, p.III.

²⁵ VLASTOS, 1947, p.168.

mesmo a forma como Aristóteles aborda os antigos não é de todo nova, já que ele (bem como Platão) teria sido fortemente influenciados pelas coletâneas dos sofistas Górgias e Hípias²⁶.

²⁶ *Cf.* a esse respeito, MANSFELD, 2008, pp.71-73.

2. SINTAXE DO TORSO

2.1. Enquadrando o ἄπειρον: Aristóteles, Teofrasto e Simplicio

Na longínqua Mileto do século VI a.C., o filho de Praxiades ousou (θαρσεῖν)²⁷ escrever, pela primeira vez, um discurso sobre a natureza (λόγος περὶ φύσεως). Quase um milênio depois, comentando a *Física* de Aristóteles, o neoplatônico Simplicio transcreve um excerto do Φυσικῶν Δόξαι de Teofrasto²⁸ que conteria uma citação (de extensão discutível) daquele escrito de Anaximandro, já então perdido. Assim, Aristóteles e Teofrasto (via Simplicio) constituem o pano de fundo do chamado fragmento DK12B1. Antes de analisá-lo detidamente, importa compreender como Anaximandro aparece esquematizado em cada um desses enquadramentos. Embora Simplicio justaponha o texto de Teofrasto para esclarecer o de Aristóteles, não há uma convergência entre ambos no que diz respeito ao nosso milésio.

Começemos por Aristóteles. Sabemos que sua abordagem trata apenas dos tópicos de seu interesse. Quando no início do primeiro livro da *Física* Aristóteles argumenta contra Parmênides, nada ouvimos sobre sua viagem fantástica em uma carruagem puxada por éguas e guiada por uma deusa inominada. Apenas encontramos referências sobre e contra o uno que Parmênides teria postulado. Sua exposição segue um crivo temático e costuma se restringir aos tópicos em questão; aqui, no caso, às ἀρχαί — ou mais precisamente, o número (ἀρίτιμος) delas — por meio das quais poderíamos dizer que temos uma ἐπιστήμη sobre a φύσις. Só co-

²⁷ A asserção é de Temístio (*Or.* 26 p. 383 = DK12A7; trad. nossa):

[Αναξίμανδρος] ἐθάρρησε πρῶτος ὧν ἴσμεν Ἑλλήνων λόγον ἐξενεγκεῖν περὶ φύσεως συγγεγραμμένον.

Até onde sabemos, [Anaximandro] foi o primeiro grego que ousou expor um discurso escrito sobre a natureza.

²⁸ É esta a opinião de Diels, para quem SIMPL. *in Phys.* 24.13–25 (= DK12A9) conteria um excerto do Φυσικῶν Δόξαι de Teofrasto (*Phys. Opin.* fg. 2 = *Dox.*476). Grande parte dos intérpretes modernos endossam essa hipótese (e.g. KAHN, 1960, p.12; COLLI, 1978, p.246 [2013, p.253]), mas MANSFELD (2011, p.2, n.1) acredita que o excerto provém não do Φυσικῶν Δόξαι mas da própria *Física* de Teofrasto.

nhece a natureza — estabelece Aristóteles no início da *Física*²⁹ — quem conhece suas ἀρχαί. Mas quantas ἀρχαί é preciso supor para tanto? Apenas uma (μία) é suficiente — quer seja de natureza imóvel (ἀκίνητος), quer seja móvel (κινουμένη) — ou é preciso supor várias (πλείων)? E no caso de várias, as ἀρχαί seriam numericamente limitadas (πεπερασμένοι) ou ilimitadas (ἄπειροι)?

Ἀνάγκη δ' ἦτοι μίαν εἶναι τὴν ἀρχὴν ἢ πλείους, καὶ εἰ μίαν, ἦτοι ἀκίνητον, ὥς φησι Παρμενίδης καὶ Μέλισσος, ἢ κινουμένην, ὥσπερ οἱ φυσικοὶ, οἱ μὲν ἀέρα φάσκοντες εἶναι οἱ δ' ὕδωρ τὴν πρώτην ἀρχὴν· εἰ δὲ πλείους, ἢ πεπερασμένας ἢ ἀπείρους, καὶ εἰ πεπερασμένας πλείους δὲ μᾶς, ἢ δύο ἢ τρεῖς ἢ τέτταρας ἢ ἄλλον τινὰ ἀριθμόν, καὶ εἰ ἀπείρους, ἢ οὕτως ὥσπερ Δημόκριτος, τὸ γένος ἔν, σχήματι δὲ <διαφερούσας>, ἢ εἶδει διαφερούσας ἢ καὶ ἐναντίας.

Ora, é necessário que o princípio seja um ou mais de um, e, se for um, é necessário que seja ou imóvel, como afirmam Parmênides e Melisso, ou suscetível de movimento, como afirmam os estudiosos da natureza, uns afirmando que o princípio é ar, outros que é água; mas, se os princípios forem mais de um, é necessário que sejam em número limitados ou ilimitados e, se forem limitados, porém mais de um, é necessário que sejam dois, três, quatro, ou outro número e, se forem ilimitados, é necessário que sejam ou da maneira como afirma Demócrito — um único gênero, mas diferenciados em figura — ou diferenciados em forma, ou até mesmo contrários.³⁰

Assim, Aristóteles elenca, por divisão, todas as possibilidades lógicas acerca do número (ἀρίτιμος) dos princípios, associando cada ramo da divisão às opiniões mais relevantes. No entanto, nada fala sobre Anaximandro ter estabelecido que o ἄπειρον é a ἀρχή das coisas existentes; aliás, nessa divisão, nada fala da possibilidade de o ἄπειρον ser uma ἀρχή. Em oposi-

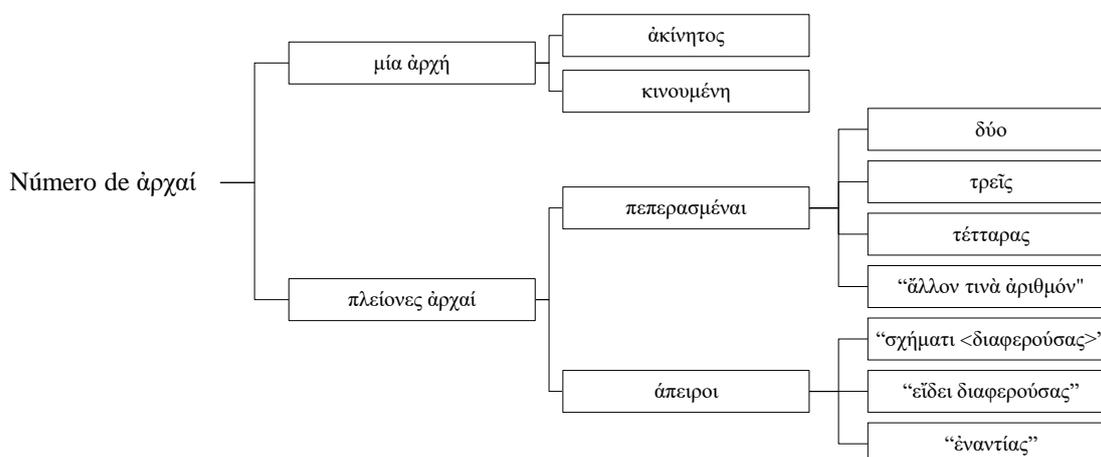
²⁹ Cf. *Phys. A*, 184^a10-16; trad. ANGIONI (2009, p.23):

Ἐπειδὴ τὸ εἰδέναι καὶ τὸ ἐπίστασθαι συμβαίνει περὶ πάσας τὰς μεθόδους, ὧν εἰσὶν ἀρχαὶ ἢ αἷτια ἢ στοιχεῖα, ἐκ τοῦ ταῦτα γνωρίζειν (τότε γὰρ οἰόμεθα γινώσκειν ἕκαστον, ὅταν τὰ αἷτια γνωρίσωμεν τὰ πρῶτα καὶ τὰς ἀρχὰς τὰς πρώτας καὶ μέχρι τῶν στοιχείων), δὴλον ὅτι καὶ τῆς περὶ φύσεως ἐπιστήμης πειρατέον διορίσασθαι πρῶτον τὰ περὶ τὰς ἀρχὰς.

Dado que, em todos os estudos nos quais há princípios (ou causas, ou elementos), sabemos (isto é, conhecemos cientificamente), quando reconhecemos estes últimos (pois julgamos compreender cada coisa quando reconhecemos suas causas primeiras e seus primeiros princípios, bem como seus elementos), evidentemente devemos, de início, tentar delimitar também o que concerne ao princípio da natureza.

³⁰ *Phys. A*, 184^b15-22; trad. ANGIONI (2009, p.24).

ção a πεπερασμένοι, Aristóteles emprega o termo ἄπειροι (no plural e sem artigo) para qualificar a quantidade das ἀρχαί, e não o adjetivo substantivado τὸ ἄπειρον (no singular e com artigo).



Simplício, entretanto, comentando a primeira divisão explicitada por Aristóteles em *Phys.*184^b15 (Ἀνάγκη δ' ἦτοι μίαν εἶναι τὴν ἀρχὴν ἢ πλείους), localiza Anaximandro entre aqueles que disseram ser a ἀρχή una e móvel e, em seguida, transcreve o início do excerto de Teofrasto:

Τῶν δὲ ἓν καὶ κινούμενον καὶ ἄπειρον λεγόντων Ἀναξίμανδρος μὲν Πραξιάδου Μιλήσιος Θαλοῦ γενόμενος διάδοχος καὶ μαθητὴς ἀρχὴν τε καὶ στοιχεῖον εἶρηκε τῶν ὄντων τὸ ἄπειρον, πρῶτος τοῦτο τοῦνομα κομίσας τῆς ἀρχῆς.

Dentre os que disseram [ser] uno, móvel e ἄπειρον, o milésio Anaximandro — filho de Praxiades, sucessor e aprendiz de Tales — afirmou que a ἀρχή e também o στοιχεῖον dos entes era o ἄπειρον, sendo o primeiro introdutor deste termo como ἀρχή.³¹

Desse modo, Anaximandro aparece como aquele que postulou que τὸ ἄπειρον é a ἀρχή das coisas existentes. Se no texto de Aristóteles o termo se apresentava como uma subespécie

³¹ SIMPL. *in Phys.* 24.13–16. Notar que, segundo Diels (*Dox.*476 = *Phys. Opin.* fg. 2), a frase «Τῶν δὲ ἓν καὶ κινούμενον καὶ ἄπειρον λεγόντων» é lavra de Simplício; o excerto de Teofrasto começaria com «Ἀναξίμανδρος μὲν Πραξιάδου Μιλήσιος...». Diels utiliza caracteres espaçados para distinguir o fragmento de Teofrasto das palavras de Simplício (cf. ANEXO 3).

da variedade de princípios (πλείονες ἀρχαί) e se opunha à unidade (μία ἀρχή), agora ἄπειρον é enquadrado no ramo da unidade como uma ἀρχή, deixa de ser empregado como um predicado e passa a ser entendido como um *algo*³².

2.2. Tipografias de uma hipótese: fabricando o fragmento DK12BI

Nesse contexto, em que se atribui a Anaximandro a doutrina de que o ἄπειρον é a ἀρχή dos entes, encontramos a nesga de nada remanescente do escrito de Anaximandro que Hermann Diels, na esteira da filologia do século XIX, delimitou como sendo um fragmento da seguinte extensão³³:

1. SIMPLIC. Phys. 24, 13 [vgl. A 9] Ἄ. ... ἀρχήν ... εἶρηκε
τῶν ὄντων τὸ ἄπειρον ... ἐξ ὧν δὲ ἡ γένεσις ἐστὶ τοῖς
οὔσι, καὶ τὴν φθορὰν εἰς ταῦτα γίνεσθαι κατὰ τὸ
χρεῶν· διδόναι γὰρ αὐτὰ δίκην καὶ τίσιν ἀλλήλοις τῆς
ἀδικίας κατὰ τὴν τοῦ χρόνου τάξιν.

Interessa observar os elegantes recursos tipográficos por meio dos quais Diels expressa sua crítica textual. Pontos marcam a ausência das palavras que não são consideradas propriamente de Anaximandro e 36 palavras com letras espaçadas marcam aquilo que é citação *ipsis litteris*, em contraposição a uma única palavra impressa sem espaçamento — um verbo

³² Discute-se extensamente o significado de τὸ ἄπειρον. Os que sustentam uma leitura qualitativa, como Nietzsche, o traduzem por “o indeterminado”; os que sustentam uma leitura quantitativa, traduzem-no por “o infinito, ilimitado”. Contra ambas as interpretações KAHN (1960, pp.231-239) propõe uma etimologia distinta daquela proposta pelo Léxico LSJ: inicialmente ἄπειρον significaria aquilo que não se pode atravessar, “o intransponível”, e por derivação teria passado a significar “o inesgotável”. MANSFELD (2011) sustentou recentemente uma interpretação temporal e espacial de ἄπειρον, revivendo uma leitura já proposta por MONDOLFO (1968, pp. 77-83). De nossa parte, propomos verter ἄπειρον por “interminável” para deixar em aberto a possibilidade tanto do valor espacial quanto temporal. De qualquer forma, a questão aqui não é relevante à economia do nosso argumento basicamente por dois motivos: (i) não haveria qualquer referência a τὸ ἄπειρον no chamado fragmento DK12BI de Anaximandro, como veremos adiante; (ii) a discussão sobre τὸ ἄπειρον implicaria discutir uma vastidão de testemunhos, quando aqui nos limitamos apenas a SIMPL. in Phys. 24.13–25.

³³ Citamos aqui o fragmento DK12BI tal como aparece na 6ªed. do *Die Fragmente der Vorsokratiker* (DIELS & KRANZ, 1952, p.89). KIRK, RAVEN & SCHOFIELD (2008, pp.106-107), porém, cortavam esse fragmento pela metade e consideravam que apenas a segunda metade era lavra de Anaximandro: «διδόναι γὰρ αὐτὰ δίκην καὶ τίσιν ἀλλήλοις τῆς ἀδικίας κατὰ τὴν τοῦ χρόνου τάξιν». Antes deles, BURNET (2006, p.66 e p.89, n.55) fizera o mesmo, mas também considerava que «κατὰ τὸ χρεῶν» pertencia ao escrito de Anaximandro. HEIDEGGER (1978, pp.29-30) segue Burnet, mas corta fora o final «κατὰ τὴν τοῦ χρόνου τάξιν».

dicendi que marca a natureza indireta da citação e articula o sujeito “Anaximandro” (expresso abreviadamente) às palavras desmembradas do contexto que constituiriam o fragmento.

Com tais procedimentos, Diels visava demarcar que Anaximandro teria efetivamente identificado em seu escrito que o ἄπειρον era a ἀρχή de todo vir a ser. Essa identificação significaria então estabelecer que a ἀδικία referida no fragmento teria sido cometida pelos entes (τὰ ὄντα) contra o princípio primordial (isto é, contra o ἄπειρον). Sua crítica, no entanto, é apenas o coroamento de uma leitura corrente no século XIX³⁴. Com efeito, o mesmo havia sido feito exemplarmente por Nietzsche³⁵ ao pintar, a partir do pessimismo schopenhaueriano, um Anaximandro indiano que considerava “o devir como uma emancipação criminosa do ser eterno, como uma iniquidade que tem de ser expiada com a ruína”³⁶. Ora, se o princípio primordial é aquilo que não tem determinação — isto é, “o indeterminado”, como Nietzsche traduz τὸ ἄπειρον —, então o crime aqui referido é cometido pela multiplicidade de entes particulares pelo simples fato de virem a ser, já que a existência é um ato de delimitação. Sua leitura identifica naquela “sentença enigmática”³⁷, para falar como Nietzsche, uma justificativa para a morte: a existência é uma “decaída ousada da unidade primordial”³⁸ que precisa ser expiada com sua ruína. Mas sua interpretação é comprometida³⁹ quando se restitui ao texto uma palavra omitida desde a primeira edição impressa de Aldo Manutius (embora presente nos

³⁴ Em um minucioso estudo sobre as principais leituras do texto aqui em questão, MANSFELD (2009, pp.10-11) denomina de “mística” essa leitura hegemônica no século XIX e de “secular” a que prevaleceu no século XX. Para uma visão detalhada do modo como o fragmento DK12B1 tem sido interpretado, nos remetemos a esse trabalho.

³⁵ Cf. NIETZSCHE, 1995, pp.33-37 (§4).

³⁶ *Idem*, p.34.

³⁷ *Idem*, p.33.

³⁸ *Idem*, p.35.

³⁹ Cf. BURNET, 2006, p.89, n.57.

manuscritos)⁴⁰ que Nietzsche desconhecia: ἀλλήλοις, comumente vertida pelos termos *reciprocamente, mutuamente, uns aos outros*⁴¹. A injustiça é cometida e paga horizontalmente *entre* os próprios entes e não cometida verticalmente pelos entes contra τὸ ἄπειρον. A reintrodução de ἀλλήλοις, assim, pressupõe que a questão da ἀδικία seja considerada em um âmbito de paridade.

Mas mesmo depois da restituição daquela importante palavra, Diels ainda sustentou que essa injustiça se referia a τὸ ἄπειρον. No entanto, de orientações distintas, ambas as leituras mal se distinguem e inclusive compartilham do mesmo erro, notado apenas no início do século XX por Cherniss⁴² mas que só foi seriamente levado a cabo na segunda metade do mesmo século por Kahn. Elas ignoram o plural de um pronome relativo (ᾧν) no início da frase que trata da geração e corrupção dos entes. Sendo gramaticalmente impossível que seu referente seja a ἀρχή identificada com τὸ ἄπειρον, é preciso levantar outros candidatos para o posto de referente. Kahn argumentou⁴³ que não há outra alternativa senão compreender que o referente seja a palavra στοιχεῖα, citada anteriormente por Simplício. Entende, porém, que os στοιχεῖα (isto é, “os elementares poderes opostos”) é que cometeriam injustiças entre si (ἀλλήλοις). Anaximandro interpretaria, assim, as mudanças físicas como sendo um conflito desses poderes elementares opostos no interior de uma ordem periódica de reciprocidade e simetria reconhecida como justa⁴⁴. Mas é difícil aceitar essa interpretação, que supõe haver um equilíbrio na natureza, quando se toma em conta certos testemunhos em que se lê, por

⁴⁰ Cf. o ANEXO 2 com a página da edição Aldina de 1526 que contém primeira impressão de SIMPL. *in Phys.* 24.13–25. Notar ainda que, além da omissão de ἀλλήλοις, os termos δίκην e τίσιw aparecem invertidos.

⁴¹ Mais adiante, no entanto, preferiremos explorar um possível uso temporal de ἀλλήλοις e o traduziremos por “alternadamente”.

⁴² Cf. CHERNISS, 1935, p.377 [1991, p.419].

⁴³ Cf. KAHN, 1960, pp. 166-168.

⁴⁴ Para uma síntese em português de sua interpretação, cf. ainda KAHN, 2009, pp.42-47.

exemplo, que futuramente o mar irá secar completamente (DK12A27). A ideia de cataclismo parece negar a ideia de um equilíbrio cósmico porque pressupõe a predominância de um dos opostos (a menos que o cataclismo seja cíclico). No entanto, é possível desqualificar testemunhos como o DK12A27 em prol do texto que encontramos em Simplicio, afinal DK12A9 conteria vestígios do escrito de Anaximandro. Na qualidade de texto privilegiado, é a ele que a crítica precisa voltar e perguntar: será mesmo que στοιχεῖα é o único candidato ao posto de referente?

2.3. *O emaranhado: de λέγει a λέγων*

Consideremos o texto em questão em sua integralidade (SIMPL. *in Phys.* 24.13–25 = DK12B9 e DK12A1), acompanhado de uma tradução nossa em processo, com alguns termos de liberadamente ainda não traduzidos⁴⁵:

<p>Τῶν δὲ ἐν καὶ κινούμενον καὶ ἄπειρον λεγόντων Ἀναξίμανδρος μὲν Πραξιάδου Μιλήσιος Θαλοῦ γενόμενος διάδοχος καὶ μαθητῆς ἀρχὴν τε καὶ στοιχεῖον εἶρηκε τῶν ὄντων τὸ ἄπειρον, πρῶτος τοῦτο τοῦνομα κομίσας τῆς ἀρχῆς. λέγει δ' αὐτὴν μήτε ὕδωρ μήτε ἄλλο τι τῶν καλουμένων εἶναι στοιχείων, ἀλλ' ἑτέραν τινὰ φύσιν ἄπειρον, ἐξ ἧς ἅπαντας γίνεσθαι τοὺς οὐρανοὺς καὶ τοὺς ἐν αὐτοῖς κόσμους· ἐξ ὧν δὲ ἡ γένεσις ἐστὶ τοῖς οὐσι, καὶ τὴν φθορὰν εἰς ταῦτα γίνεσθαι κατὰ τὸ χρεῶν· διδόναι γὰρ αὐτὰ δίκην καὶ τίσιν ἀλλήλοις τῆς ἀδικίας κατὰ τὴν τοῦ χρόνου τάξιν, ποιητικωτέροις οὕτως ὀνόμασιν αὐτὰ λέγων. δῆλον δὲ ὅτι τὴν εἰς ἀλληλα μεταβολὴν τῶν</p>	<p>Dentre os que disseram [ser] uno, mó- vel e ἄπειρον, o milésio Anaximandro — filho de Praxiades, sucessor e aprendiz de Tales — afirmou que a ἀρχή e também o στοιχεῖον dos entes era τὸ ἄπειρον, sendo o primeiro intro- dutor deste termo como ἀρχή. E diz que ela não é água nem nenhum outro dos chamados στοιχεῖα, mas certa natureza ἄπειρον diferente, da qual [ἐξ ἧς] se ge- ram todos os οὐρανοί e os κόσμοι den- tro deles; dos quais [ἐξ ὧν], ainda, há a geração dos entes e a ruína se gera para os mesmos [αὐτὰ], segundo a necessi- dade; pois eles [αὐτὰ] se dão alterna- damente [ἀλλήλοις] δίκη e τίσις pela ἀδικία, segundo a τάξις do tempo — dizendo deles [αὐτὰ] deste modo com</p>
---	--

⁴⁵ Para a tradução completa, Cf. ANEXO I.

τεττάρων στοιχείων οὕτως θεασάμενος
οὐκ ἠξίωσεν ἔν τι τούτων ὑποκείμενον
ποιῆσαι, ἀλλὰ τι ἄλλο παρὰ ταῦτα.
οὕτως δὲ οὐκ ἀλλοιούμενου τοῦ
στοιχείου τὴν γένεσιν ποιεῖ, ἀλλ'
ἀποκρινομένων τῶν ἐναντίων διὰ τῆς
αἰδίου κινήσεως.

nomes poeticíssimos. É evidente que,
tendo observado a transformação alter-
nada [εἰς ἄλληλα μεταβολὴν] dos qua-
tro στοιχεῖα, não considerou fazer ne-
nhum deles de substrato, mas outra coi-
sa [τι ἄλλο] diferente deles. Não fez da
geração uma alteração [ἀλλοιούμενου]
dos στοιχεῖα, mas uma separação
[ἀποκρινομένων] dos contrários devido
ao movimento eterno.

Uma glosa sobre os termos exacerbadamente poéticos empregados por Anaximandro (ποιητικώτεροις οὕτως ὀνόμασιν αὐτὰ λέγων)⁴⁶ nos permite identificar, retrospectivamente, que estamos diante de palavras remanescentes do seu escrito, sendo o último membro de um longo período que se inicia com o *dicendi* λέγει. O sujeito desse verbo é Ἀναξίμανδρος mencionado no período anterior; seus complementos, cinco infinitivos (e um destoante presente do indicativo)⁴⁷ que trazem, com os termos que os acompanham, a expressão de várias δόξαι atribuídas a Anaximandro, cuja articulação a crítica precisa investigar. Articulação essa que se expressa sintaticamente sobretudo por partículas (sendo γὰρ a mais importante, por os termos poéticos a ela estarem atrelados) e é marcada ainda a todo momento por uma série de termos anafóricos que retomam referentes anteriormente mencionados (ταῦτα, ὧν e dois αὐτά). Assim, considerar os remanescentes termos da prosa anaximândrica sem seu contexto é não só meramente indesejado, como impossível. Verbos no modo infinitivo, partículas e termos ana-

⁴⁶ O texto traz um comparativo absoluto (ποιητικώτεροις) sem o termo da comparação. Veja-se a esse respeito, SANTORO (2011, p.95), que, destacando o fato de Simplício não explicitar o termo da comparação a partir do qual se mensuraria a poeticidade dos ὀνόματα de Anaximandro, verte «ποιητικώτεροις οὕτως ὀνόμασιν αὐτὰ λέγων» por “dizendo isso assim com nomes mais poéticos” (*idem*, p.94). No entanto, posto que “O comparativo é utilizado, sem complemento, para indicar a posse de uma qualidade em grau elevado em termos relativos: é traduzido, então, por *um pouco, um tanto, razoavelmente*” (RAGON, 2012, p.195, §238), optamos traduzir ποιητικώτεροις pelo superlativo sintético “poeticíssimos”.

⁴⁷ [A.] λέγει ... εἶναι ≈ γίνεσθαι ≈ ἐστι ≈ γίνεσθαι ≈ δίδοναι
[A.] diz ... ser ≈ gerarem-se ≈ há ≈ gerar-se ≈ dar-se
[A.] diz ... (que) é ≈ (que) se geram ≈ (ø) há ≈ (que) se gera ≈ (que) se dão

fóricos formam um emaranhado em uma construção indireta do qual os termos poéticos estão imbricados e do qual não podem sintaticamente se apartar:

λέγει δ' αὐτήν [sc. ἀρχήν] μήτε ὕδωρ μήτε ἄλλο τι τῶν καλουμένων εἶναι στοιχείων,
ἀλλ' ἑτέραν τινὰ φύσιν ἄπειρον,

^[3]ἐξ ἧς ἅπαντας γίνεσθαι τοὺς οὐρανοὺς καὶ τοὺς ἐν αὐτοῖς κόσμους·

^[2]ἐξ ᾧν δὲ ἡ γένεσις ἐστὶ τοῖς οὖσι, καὶ τὴν φθορὰν εἰς ταῦτα γίνεσθαι
κατὰ τὸ χρεών·

^[1]διδόναι γὰρ αὐτὰ^[b] δίκην καὶ τίσιν ἀλλήλοις τῆς ἀδικίας

κατὰ τὴν τοῦ χρόνου τάξιν,

ποιητικωτέροις οὕτως ὀνόμασιν αὐτὰ^[a] λέγων.

E diz que ela [sc. a ἀρχή] não é água nem nenhum outro dos chamados στοιχεῖα, mas certa natureza ἄπειρον diferente,

^[3]da qual se geram todos os οὐρανοί e os κόσμοι dentro deles;

^[2]dos quais, ainda, há a geração dos entes e a ruína se gera para os mesmos,
segundo a necessidade;

^[1]pois eles se dão alternadamente δίκη e τίσις pela ἀδικία,

segundo a τάξις do tempo

— dizendo deles deste modo com nomes poeticíssimos.

Em nível sintático, a maior dificuldade desse emaranhado reside na identificação dos referentes de diversos termos anafóricos, a começar pelo pronome neutro plural αὐτὰ^[a] presente naquela glosa. Seria de esperar que o referente de αὐτὰ^[a] fosse o mesmo do αὐτήν inicial — ou seja, que fosse ἀρχήν —, já que λέγων finaliza o período retomando o longínquo λέγει inicial. Entretanto, no meio do caminho o tema em questão mudou, a crer na alteração do feminino singular αὐτήν para o neutro plural αὐτὰ^[a]. O “[Anaximandro] diz dela” (λέγει αὐτήν) dá lugar ao “dizendo deles deste modo” (οὕτως ὀνόμασιν αὐτὰ^[a] λέγων). Anaximandro, que no início tratava da ἀρχή, terminou falando *deles*. Deles quem? É certo que o referente deve ser encontrado no que precede, mas essa identificação não é óbvia, como indica o texto que segue a glosa, uma espécie de tradução explicativa da terminologia poética de Anaximandro:

δῆλον δὲ ὅτι τὴν εἰς ἀλλήλα μεταβολὴν τῶν τεττάρων στοιχείων οὗτος θεασάμενος οὐκ ἠξίωσεν ἔν τι τούτων ὑποκείμενον ποιῆσαι, ἀλλὰ τι ἄλλο παρὰ ταῦτα. οὗτος δὲ

οὐκ ἀλλοιουμένου τοῦ στοιχείου τὴν γένεσιν ποιεῖ, ἀλλ' ἀποκρινομένων τῶν ἐναντίων διὰ τῆς αἰδίου κινήσεως.

É evidente que, tendo observado a transformação alternada [εἰς ἄλληλα μεταβολὴν] dos quatro στοιχεῖα, não considerou fazer nenhum deles de substrato, mas outra coisa [τι ἄλλο] diferente deles. Não fez da geração uma alteração [ἀλλοιουμένου] dos στοιχεῖα, mas uma separação [ἀποκρινομένων] dos contrários [ἐναντίων] devido ao movimento eterno.

Simplício sente a necessidade de reforçar que está se falando de στοιχεῖα, mencionado bem no começo; também ele se perde naquele longo período, autoria de Teofrasto, que Simplício consulta e copia ao comentar Aristóteles⁴⁸. E ao fazê-lo, explicita não só o referente de αὐτὰ^[a] da glosa, como também o de αὐτὰ^[b] da frase com os termos poéticos, porque ambos se referem aos mesmos στοιχεῖα. Onde Anaximandro teria dito que *eles* (αὐτὰ^[b]) alternadamente (ἀλλήλοις) se dão δίκη e τίσις pela ἀδικία, Simplício explica dizendo que “tendo observado a transformação alternada [εἰς ἄλληλα μεταβολὴν] dos quatro στοιχεῖα, não considerou fazer nenhum deles de substrato, mas outra coisa [τι ἄλλο] diferente deles”. E ainda explicitando que a geração não decorre da alteração (ἀλλοιουμένου) dos στοιχεῖα, mas da “separação [ἀποκρινομένων] dos contrários [ἐναντίων] devido ao movimento eterno”. Sua explicação secular nada menciona sobre δίκη, τίσις e ἀδικία, mas explicita esses termos — ou pelo menos os transporta — em termos dos conflitos dos στοιχεῖα.

2.4. O problema dos referentes ὧν e ταῦτα

Em resumo, o linguajar de Anaximandro foi considerado poeticíssimo porque tratou dos στοιχεῖα em termos de δίκη, τίσις e ἀδικία. Isto nos permite identificar retrospectivamente a partir daquela glosa três cláusulas (donde a numeração decrescente):

⁴⁸ O fragmento de Teofrasto que começaria com «Ἀναξίμανδρος μὲν Πραξιάδου Μιλήσιος...» se estenderia apenas até «...ποιητικότεροις οὕτως ὀνόμασιν αὐτὰ λέγων». Assim, junto do inicial «Τῶν δὲ ἐν καὶ κινούμενον καὶ ἄπειρον λεγόντων», seria lavra de Simplício essa passagem que vai de «δῆλον δὲ ὅτι τὴν εἰς ἄλληλα μεταβολὴν...» até «...διὰ τῆς αἰδίου κινήσεως» (*Dox.*476 = *Phys. Opin.* fg.2). Cf. ANEXO 3.

(i) a primeira traz os ditos termos poéticos:

^[1]διδόναι γὰρ αὐτὰ^[b] δίκην καὶ τίσιν ἀλλήλοις τῆς ἀδικίας
κατὰ τὴν τοῦ χρόνου τάξιν

(ii) a segunda trata da geração e ruína dos entes;

^[2]ἐξ ὧν δὲ ἡ γένεσις ἐστὶ τοῖς οὖσι, καὶ τὴν φθορὰν εἰς ταῦτα γίνεσθαι
κατὰ τὸ χρεῶν·

(iii) a terceira da formação dos οὐρανοί com seus κοσμοί internos.

^[3]ἐξ ἧς ἅπαντας γίνεσθαι τοὺς οὐρανοὺς καὶ τοὺς ἐν αὐτοῖς κόσμους·

Voltemos agora à pergunta sobre o referente do relativo plural ὧν em [2]. Será que, como αὐτὰ^[a] da glosa e αὐτὰ^[b] de [1], seu referente só pode ser στοιχείων como argumentara Kahn? Não nos parece que assim seja, mas olhemos mais de perto os passos de sua interpretação. Para ele, não só αὐτὰ^[a] e αὐτὰ^[b] se referem a στοιχείων, como também ὧν, ταῦτα e ainda τοῖς οὖσι em [2]. O ponto nevrálgico de sua interpretação reside no desvio do significado comumente atribuído a τὰ ὄντα, entendendo a expressão não como os entes particulares, mas como στοιχεῖα.

[...] uma interpretação de τὰ ὄντα como seres individuais, a exemplo de homens e animais, depara-se com um sério obstáculo no γὰρ seguinte. Pois a asserção explicativa introduzida por esta palavra nada diz das coisas particulares, compostas, mas se refere ao invés disso a uma ação recíproca dos poderes elementares uns sobre os outros (ἀλλήλοις). Como uma troca de ofensa e penalidade entre os elementos explicaria por que as coisas compostas voltam a ser dissolvidas nos materiais dos quais foram compostas? Nessa perspectiva, o aparente paralelismo das duas cláusulas perde sua *raison d'être*, como faz o conectivo γὰρ. Teríamos duas proposições independentes e nenhuma ligação clara entre elas.⁴⁹

Kahn não entende “como uma troca de ofensa e penalidade entre os elementos explicaria por que as coisas compostas voltam a ser dissolvidas nos materiais dos quais foram compostas”. E, por isso, ele desvia o significado comumente aceito de τοῖς οὖσι para στοιχεῖα,

⁴⁹ KAHN, 1960, pp.180-181 (trad. nossa).

fazendo deliberadamente com que as cláusulas [1] e [2] signifiquem a mesma coisa⁵⁰. Mas esse desvio é efetivamente necessário? Kahn enxerga que esta é a única opção porque, do contrário, a conexão entre [1] e [2] perderia sua razão de ser. Mas não deveríamos negar a razão de ser do conectivo γὰρ se não entendemos qual seja a sua razão. Se uma conjectura traz consequências incompreensíveis para nós, seria mais prudente revê-la antes de propor gambiarras que a salvem tornando minimamente coerente. Uma olhada na história dessa passagem deveria fazer de nós mais cautelosos.

Seja exemplo aqui a leitura de McDiarmid, que já havia negado — e aqui Kahn apenas o retoma — que a cláusula [2] estivesse conectada com a cláusula [1], de modo que ela não expressaria nenhuma posição de Anaximandro em especial, sendo obra peripatética. McDiarmid argumentou que a “cláusula metafórica” [1] sugeriria uma oposição de iguais que, devido à ofensa cometida, é mutuamente compensada em um tribunal, enquanto que a cláusula [2] sobre a geração e destruição das coisas particulares pressupõe uma relação delas com sua fonte (surgem dela e se dissolvem nela), não havendo aí qualquer ἀδικία:

A dissolução das coisas naquilo a partir da qual elas foram geradas envolve uma relação das coisas particulares com sua fonte. A cláusula metafórica, por outro lado, sugere uma oposição de iguais em um tribunal de justiça e uma compensação de um dos iguais pelo outro por conta da ofensa cometida. Não pode haver nenhuma igualdade deste tipo entre as coisas particulares e o Infinito, nem pode haver nenhuma injustiça contra o Infinito na geração e existência dos entes.⁵¹

Assim, visto que a mútua reparação referida em [1] não se aplicaria à relação ἄπειρον/entes, McDiarmid negou a conexão explicativa (expressa por γὰρ) que liga [1] a [2].

⁵⁰ Cf. KAHN, 1960, p.183 (trad. nossa):

Segundo a interpretação aqui proposta, o significado das duas porções do fragmento é um e o mesmo. O primeiro membro expõe o necessário retorno dos elementos mortais aos poderes opostos a partir dos quais os mesmos são gerados; a segunda cláusula explica essa necessidade simplesmente como uma justa compensação pelo dano cometido no nascimento.

⁵¹ MCDIARMID, 1953, p.97.

Ele assume, desse modo, que [2] se referencia ao ἄπειρον. Todavia, embora sua hipótese da paridade da justiça seja correta (de modo que os entes não poderiam estar cometendo ἄδικία contra o ἄπειρον), simplesmente não há qualquer referência a τὸ ἄπειρον em [2]. McDiarmid reconhece com Cherniss o plural do pronome que inicia [2], mas ignora essa evidência textual, como se nada significasse⁵². Não há nada que legitime negar a conexão expressa por γάρ exceto uma conjectura que reiteradamente se mostra manca por preferir negar a letra do texto para se manter de pé. Não é a conexão que precisa ser descartada, mas a suposição de que τὸ ἄπειρον seja o referente de ὄν. É preciso buscar a razão de ser da conexão numa leitura que dê razão à conexão sem que para isso se negue a letra do texto.

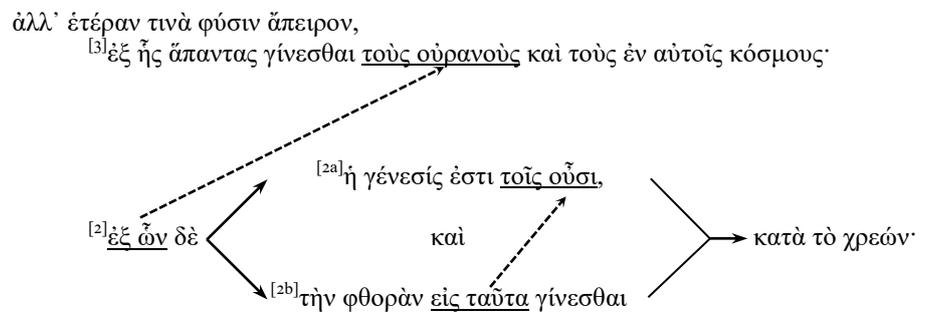
Pois voltemos a Kahn, advertidos de que uma boa conjectura precisa tentar dar conta da letra do texto, e não simplesmente negá-la para a própria conjectura fazer sentido. Pode-se contra ele sustentar, a partir de testemunhos aristotélicos, como fez recentemente MANSFELD (2001), que as elementais forças da natureza não se transformam umas nas outras, mas estão no ἄπειρον temporal e espacialmente. No entanto, essa crítica pressupõe contrastar dois testemunhos distintos, quando agora metodologicamente nos limitamos a compreender um único, diga o que disser. E em nenhum momento o texto de Simplício confunde o princípio com seus principia. Aliás, os considera em uma relação de derivação: os entes *decorrem* dos στοιχεῖα, *não são* os próprios στοιχεῖα. Antes do longo período iniciado com λέγει, é dito que, para Anaximandro, τὸ ἄπειρον é a ἀρχή — e portanto (τε και) ο στοιχεῖον — dos entes. Por que supor então que τοῖς οὔσι em [2] significa στοιχεῖον?

Τῶν δὲ ἐν καὶ κινούμενον καὶ ἄπειρον λεγόντων Ἀναξίμανδρος [...] ἀρχὴν τε καὶ στοιχεῖον εἶρηκε τῶν ὄντων τὸ ἄπειρον, πρῶτος τοῦτο τοῦνομα κομίσας τῆς ἀρχῆς.

⁵² Cf. MCDIARMID, p.141, n.57.

Dentre os que disseram [ser] uno, móvel e ἄπειρον, Anaximandro [...] afirmou que a ἀρχή e também o στοιχεῖον dos entes era o ἄπειρον, sendo o primeiro introdutor deste termo como ἀρχή.

Uma boa conjectura simplesmente não nega a letra do texto sem fortíssimos motivos, mas antes a usa para propor soluções — ainda que tímidas — às inúmeras dificuldades que acometem aqueles que se debruçam à sua leitura. Olhemos para aquele período iniciado com λέγει e perguntemos agora qual dificuldade não é resolvida quando se supõe que o referente de ὄν seja στοιχεῖα. Afinal, qual a razão da alternância do singular ἐξ ἧς na cláusula [3] para os plurais ἐξ ὄν e εἰς ταῦτα em [2]? Dizia-se que todos os οὐρανοί são gerados a partir de uma (ἐξ ἧς) certa natureza ἄπειρον diferente (ἐτέραν τινὰ φύσιν ἄπειρον), e, imediatamente em seguida, diz-se que há a geração e se produz a ruína a partir *deles* (ἐξ ὄν). Acreditamos que o único modo de dar conta dessa alternância é identificar o referente de ὄν na cláusula que imediatamente antecede (excluída com elegantes recursos tipográficos por Diels), explorando a construção paralela entre [3] e [2]. Ou seja, que ἐξ ὄν retoma τοὺς οὐρανούς.



Se assim o é, então o que ταῦτα de [2] estaria retomando? Não podemos seguir com esta hipótese sem elucidar o referente do pronome demonstrativo ταῦτα em [2b]. O que era válido para ὄν, o é ainda mais para ταῦτα. As alternativas se restringem portanto a duas: ou ταῦτα se refere igualmente a οὐρανοί ou está retomando τὰ ὄντα em [2a].

A primeira hipótese contrapõe ἐξ ὄν a εἰς ταῦτα, identificando a fonte (ἐξ) da geração com o destino (εἰς) da corrupção — e nisso segue a tradição, exceto que, onde se supunha ou

ο ἄπειρον ou os στοιχεῖα, se supõe os οὐρανοί: deles surgidos, os entes neles serão dissolvidos. A segunda entende que εἰς ταῦτα retoma τοῖς οὐσι. Elimina desse modo a contraposição entre origem (ἐξ) e destino (εἰς), já que ἐξ ὧν determina igualmente ambos: a partir dos οὐρανοί há tanto a geração quanto a degradação dos entes.

Está em questão nessas duas hipóteses o modo como compreenderemos a preposição εἰς e o acusativo. A primeira se agarra no sentido mais corrente de εἰς, que significa “em direção a”, vendo em ταῦτα um acusativo de direção; a segunda entende que εἰς significa “em relação a”, “a respeito de”⁵³, julgando que se trata de um acusativo de relação.

Em favor da hipótese heterodoxa é preciso notar que o hemistíquio [2b] topicaliza não o destino daquilo que se corrompe, mas um processo; isto é, topicaliza a produção (γίνεσθαι) da ruína (φθορά) dos entes a partir dos οὐρανοί, assim como [2a] expressa a ocorrência (ἔστι) da geração (γένεσις) a partir dos mesmos. O que está sendo tematizado em [2] não é a fonte material de onde tudo surge e para onde tudo retorna, mas a origem de dois processos (γένεσις e φθορά). Isso faz de [2] um caso um tanto distinto, do ponto de vista sintático, do fragmento DK21B27 de Xenófanis:

⁵³ Para uso de εἰς expressando relação, cf. LSJ, s.v. εἰς, IV.1:

to express RELATION, towards, in regard to, ἐξαμαρτεῖν εἰς θεούς A.Pr.945, etc.; ἀμάρτημα εἰς τινα, αἰτία ἐς ἀλλήλους, Isoc.8.96, Th.1.66; ὄνειδος ὀνειδίζειν εἰς τινα S.Ph.522; ἔχθρη ἔστινα Hdt.6.65; φιλία ἐς ἀμφοτέρους Th.2.9; λέγειν ἐς . . . Hdt.1.86; γνώμη ἀποδεχθεῖσα ἐς τὴν γέφυραν Id.4.98; ἡ ἐς γῆν καὶ θάλασσαν ἀρχή Th.8.46.

e ainda LSJ, s.v. εἰς, IV.3:

in regard to, πρῶτος εἰς εὐψυχίαν A.Pers.326; σκόπτειν ἐς τὰ ράκια Ar.Pax740, cf. Eq.90; διαβάλλειν τινὰ ἐς τι Th.8.88; αἰτία ἐπιφερομένη ἐς μαλακίαν Id.5.75; μέμφεσθαι εἰς φίλιαν X.An.2.6.30; εἰς τὰ πολεμικὰ καταφρονεῖσθαι Id.HG7.4.30; πόλεως εὐδοκιμωτάτης εἰς σοφίαν Pl.Ap.29d; in respect of, εὐτυχεῖν ἐς τέκνα E.Or.542, cf. Pl.Ap.35b, etc.; εἰς χρήματα ζημιουῖσθαι Id.Lg.774b, cf. D.22.55; ἐς τὰ ἄλλα Th.1.1; εἰς ἅπαντα S.Tr.489; ἐς τὰ πάνθ' ὁμῶς A.Pr.736; εἰς μὲν ταῦτα Pl.Ly.210a; τό γ' εἰς ἑαυτόν, τὸ εἰς ἐμέ, S.OT706, E. IT691, cf. S.Ichn.346; ἐς ὀλίγους μᾶλλον τὰς ἀρχὰς ποιεῖν Th.8.53; ἐς πλείονας οἰκεῖν Id.2.37; for τελεῖν ἐς Ἑλληνας, Βοιωτοῦς, ἄνδρας, etc., v. τελέω.

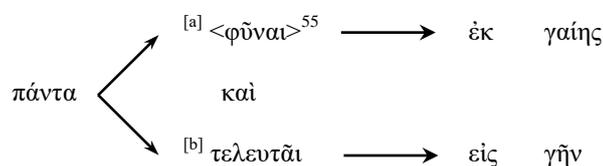
em português, cf. DGP, s.v. εἰς, 12:

(Relação) em relação a; a respeito de; diante de; por.

τὸν ἐξαμαρτόντ' ἐς θεοῦς ἔSQL. *aquele que falhou em relação aos deuses, οὔτε πρὸς τοὺς ἄλλους οὔτε ἐς ἡμᾶς τοιοῦδε εἰσὶν TUC. nem em relação aos outros nem em relação a nós são assim, οὐδ' ἂν κελεύσαιμ' εὐσεβεῖν ἐς τοὺς κακοῦς ΣΟΦ. eu não ordenaria que respeitasse os maus, χαλεπή τῇ ὀργῇ χρῆσθαι ἐς ἅπαντας TUC. sentir violenta cólera contra todos.*

ἐκ γαίης γὰρ πάντα καὶ εἰς γῆν πάντα τελευτᾷ.
 pois da terra tudo se gera e na terra tudo se encerra.⁵⁴

Que podemos esquematizar no seguinte diagrama:



Temos assim um mesmo sujeito (πάντα) regendo dois verbos (φῶναι e τελευτᾷ). Cada verbo tem o seu complemento regido por uma preposição específica (ἐκ e εἰς). Cada preposição, no entanto, se refere a uma mesma palavra (γῆ), declinada segundo uso específico. Trata-se de um caso clássico de verbo de movimento onde um verbo é associado a uma certa preposição para designar ora o estado inicial de uma transformação, ora o seu estado final: tudo surge da terra (ἐκ γαίης); tudo se desintegra igualmente na terra (εἰς γῆν). Início e fim são um e o mesmo; o que há entre eles é o desdobramento dessa unidade primordial.

Um exemplo semelhante do emprego de εἰς expressando o estado *em* que algo se transforma pode ser encontrado em uma elegia de Teógnis:

Πολλοί τοι χρῶνται δειλαῖς φρεσὶ, δαίμονι δ' ἐσθλῶι,
 οἷς τὸ κακὸν δοκέον γίνεται εἰς ἀγαθόν.
 εἰσὶν δ' οἷ βουλῆι τ' ἀγαθῆι καὶ δαίμονι δειλῶι
 μοχθίζουσι, τέλος δ' ἔργμασιν οὐχ ἔπεται.

⁵⁴ DK21B27; trad. SANTORO (2011, pp.40-41).

⁵⁵ O termo φῶναι é subentendido considerando o fragmento DK21B27 em seu contexto doxográfico (DK21B27 = AET.IV.5):

ὁ Κολοφόνιος ὁ τῆς Ἐλεατικῆς αἰρέσεως ἠγησάμενος ἔν εἶναι τὸ πᾶν ἔφησε σφαιροειδὲς καὶ πεπερασμένον, οὐ γενητὸν ἀλλ' αἰδίων καὶ πάμπαν ἀκίνητον. πάλιν δὲ αὐτῶνδε τῶν λόγων ἐπιλαθόμενος ἐκ τῆς γῆς φῶναι ἅπαντα εἶρηκεν· αὐτοῦ γὰρ δὴ τότε τὸ ἔπος ἐστὶν <ἐκ γῆς ... τελευτᾷ> [B27]

Muita gente estúpida tem ótima fortuna,
 e o aparente descalabro [τὸ κακὸν] se lhes transforma em êxito [εἰς ἀγαθόν].
 Depois há aqueles cujo esforço bem intencionado
 tem o pior azar; e a bom termo nunca chegam os seus atos.⁵⁶

Se em Xenófanés tudo (πάντα) se dissolve novamente *em* (εἰς) terra, aqui é o mal aparente (τὸ κακὸν δοκέον) que se transforma *em* (εἰς) um bem (ἀγαθόν). Temos, em ambos casos, um certo *algo* (τίς) que se transforma (γίνεται) *em* um outro *algo* (εἰς τι)⁵⁷; temos, assim, uma mesma estrutura sintática. A única diferença aqui é de ordem metafísica: a elegia de Teógnis descreve simplesmente que uma coisa determinada se transforma em outra coisa determinada, enquanto o fragmento de Xenófanés descreve a metade de um giro pendular em que a totalidade das coisas — e não simplesmente um mero τίς — se desintegra *na* unidade primordial que é fonte de todo vir a ser:

	τίς [nom.]	+	verbo de movimento [m.-p.]	+	εἰς τι [εἰς + ac.]
TEOGNIS XENÓFANES	τὸ κακόν πάντα		γίνεται τελευτᾷ		εἰς ἀγαθόν εἰς γῆν

É por analogia a estruturas sintáticas como estas que tradicionalmente se leu um acusativo de direção na expressão εἰς ταῦτα na cláusula [2]:

	τί [ac.]	+	verbo de movimento [inf.] ⁵⁸	+	εἰς τι [εἰς + ac.]
ANAXIMANDRO	τὴν φθοράν		γίνεσθαι		εἰς ταῦτα (sc. στοιχεῖα οὐ οὐρανοί)

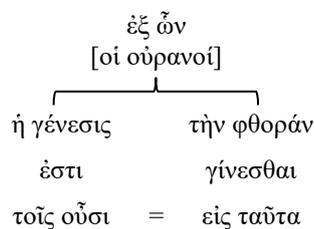
⁵⁶ *Thgn.* I.161-164; trad. de Frederico Lourenço, disponível em <<http://senhorasocrates.blogspot.com.ar/2006/10/o-que-diz-tegnis.html>>, acessado em 20/11/2014.

⁵⁷ Cf. o uso de εἰς com o vocábulo γίγνομαι em LSJ (s.v. γίγνομαι, II.3.c) onde a fórmula «γ. εἰς τι» é vertida por “turn into”. Ou ainda GRONINGEN (1966, p.164.), que, destacando a antiguidade e a raridade da fórmula, verte «γίνεται εἰς» por “changer en”.

⁵⁸ É relevante perceber aqui o uso do infinitivo médio-passivo porque explica o uso do acusativo (τὴν φθοράν) na função de sujeito e evidencia o tema tratado. E não se trata de uma ocorrência única: encontramos na frase antecedente o mesmo uso, com uma expressão acusativa (τοὺς οὐρανοὺς καὶ τοὺς ἐν αὐτοῖς κόσμους) na função de sujeito de um infinitivo médio-passivo (γίνεσθαι). Como vimos, isso se deve à natureza indireta do período.

Um mal pode se transformar em um bem ($\kappa\alpha\kappa\acute{o}\nu \rightarrow \acute{\alpha}\gamma\alpha\theta\acute{o}\nu$); todos os entes se desdobram da terra e todos se finalizam em terra ($\gamma\eta \leftrightarrow \pi\acute{\alpha}\nu\tau\alpha$): trata-se, assim, de uma transformação que se estrutura pela polarização de itens correlacionais. Entretanto, se consideramos o $\epsilon\iota\varsigma$ em [2b] como um acusativo direcional, então isso significaria dizer que a $\phi\theta\omicron\rho\acute{\alpha}$ se transforma *em* [$\epsilon\iota\varsigma$] οὐρανοί (ou στοιχεῖα, se assumimos a tese de Kahn), quando a polarização que faria sentido aqui seria a que há entre γένεσις e φθορά. Não faz sentido dizer que o processo de degradação (φθορά) se desintegrou em οὐρανοί (ou στοιχεῖα); dos *itens* que padecem de φθορά é que poderíamos dizer se desintegrarem em οὐρανοί (ou em στοιχεῖα). O que há de singular na cláusula [2] em relação ao fragmento DK21B27 de Xenófanes e àquela elegia de Teógnis é que [2] contrapõe dois *processos* e não dois *itens* polarizados no interior de um certo processo: γένεσις designaria, assim, o processo de geração de um certo *item* a partir de um certo algo, enquanto φθορά designa o processo oposto, o processo de ruína⁵⁹.

No entanto, a hipótese heterodoxa que interpreta $\epsilon\iota\varsigma \tau\alpha\upsilon\tau\alpha$ como um acusativo de relação desfaz esses embaraços pois não faz da φθορά um *item* que se transforma *em* ($\epsilon\iota\varsigma$) alguma outra coisa ($\tau\alpha\upsilon\tau\alpha$); nessa hipótese, φθορά é um processo e $\epsilon\iota\varsigma \tau\alpha\upsilon\tau\alpha$ designa aquilo que se corrompe, do mesmo modo como τοῖς οὐσι designa aquilo que é gerado no processo de γένεσις. Assim, fica em paralelo o acusativo de relação de $\epsilon\iota\varsigma \tau\alpha\upsilon\tau\alpha$ e o dativo de interesse da expressão τοῖς οὐσι, visto que tanto γένεσις quanto φθορά estão subordinados a ἐξ ὧν.



⁵⁹ Se retornássemos ao fragmento DK21B27 de Xenófanes a partir das considerações acima, poderíamos equacionar esses dois processos da seguinte maneira:

$$\begin{array}{l}
 \gamma\acute{\epsilon}\nu\epsilon\sigma\iota\varsigma = \gamma\eta \rightarrow \pi\acute{\alpha}\nu\tau\alpha \\
 \phi\theta\omicron\rho\acute{\alpha} = \pi\acute{\alpha}\nu\tau\alpha \rightarrow \gamma\eta
 \end{array}$$

Desse modo, se entendermos que ἐξ ὧν retoma τοὺς οὐρανοὺς e εἰς ταῦτα retoma τοῖς οὐσί, podemos explicar, portanto, a alternância do singular ἐξ ἧς para o plural ἐξ ὧν explorando a construção anafórica que há entre [2] e [3], algo que não é explicado quando se sustenta que στοιχεῖα é o referente de ὧν. Com efeito, ambas começam com a preposição ἐξ seguida do pronome relativo no genitivo — no feminino singular em [3], no masculino plural em [2] —, estando [2] conectada à cláusula [3] por meio de um anafórico δὲ⁶⁰ (ainda, por conseguinte, por sua vez). Primeiro é dito que os οὐρανοί e seus κόσμοι internos provêm de certa natureza ἄπειρον distinta dos chamados στοιχεῖα — donde o feminino singular. Em seguida, que a geração e a ruína dos entes decorrem (ἐστὶ // γίνεσθαι), por sua vez (δὲ), dos mesmos οὐρανοί com seus κόσμοι internos — donde o masculino plural. Conjuntamente, as cláusulas [2] e [3] expressam cada uma das etapas da formação do mundo, estando a segunda subordinada e temporalmente condicionada à terceira — e por esta razão o relativo singular feminino de [3] se transforma em plural masculino [2]. Conseqüentemente, a cláusula [1], que pressupõe uma reciprocidade (ἀλλήλοισι) de pares que se opõem, justifica o que é expresso conjuntamente por [2] e [3]. Reciprocidade essa que não pode ser encontrada na cláusula [2], que explicita *aquilo* que ocorre — isto é, o processo de geração e ruína dos entes a partir dos οὐρανοί —, e não a *justificativa* disso que ocorre.

Podemos rearranjar, por fim, aquele longo período que vai de λέγει a λέγων na seguinte tradução-paráfrase:

Anaximandro diz que ocorre a geração dos entes e se produz a ruína dos mesmos (segundo a necessidade) a partir dos οὐρανοί com seus κόσμοι internos — surgidos, por sua vez [δὲ], a partir de certa natureza ἄπειρον distinta dos chamados στοιχεῖα — pois os στοιχεῖα alternadamente se dão (segundo a τάξις do tempo) δίκη e τίσις pela ἀδικία cometida — empregando deste modo termos poeticíssimos para tratar dos στοιχεῖα.

⁶⁰ Para o uso de δὲ em construções anafóricas, cf. TGP, p.163 ss.; DGP, vol. I, pp.198-199.

[A.] λέγει δ' αὐτὴν μήτε ὕδωρ μήτε ἄλλο τι τῶν καλουμένων εἶναι στοιχείων, ἀλλ' ἑτέραν τινὰ φύσιν ἄπειρον, ἐξ ἧς ἅπαντας γίνεσθαι τοὺς οὐρανοὺς καὶ τοὺς ἐν αὐτοῖς κόσμους· ἐξ ὧν δὲ ἡ γένεσις ἐστὶ τοῖς οὐσί, καὶ τὴν φθορὰν εἰς ταῦτα γίνεσθαι κατὰ τὸ χρεῶν· διδόναι γὰρ αὐτὰ δίκην καὶ τίσιν ἀλλήλοις τῆς ἀδικίας κατὰ τὴν τοῦ χρόνου τάξιν, ποιητικωτέροις οὕτως ὀνόμασιν αὐτὰ λέγων·

Ao contrário do que quisera Kahn, não é necessário supor a identificação de τοῖς οὐσί com στοιχεῖα para que γάρ tenha sua razão de ser. O fato dos στοιχεῖα se darem δίκη e τίσις por conta da ἀδικία cometida explica o motivo de ocorrer a geração e a ruína dos entes (a partir dos οὐρανοί com seus κόσμοι internos). Na cláusula [2] estão sendo tematizado dois processos opostos (γένεσις e φθορά) que ocorrem aos entes por conta do constante litígio que há entre os στοιχεῖα, e, por isso, apenas [1] expressa a noção de reciprocidade (ἀλλήλοις) pois apenas [1] faz referência aos στοιχεῖα. Não há razão para supormos que [2] e [1] expressem a mesma coisa, ou mesmo que [2] seja uma explicação⁶¹ ou mesmo uma tradução⁶² peripatética de [1].

⁶¹ Como havia suposto MCDIARMID (1953, p.97).

⁶² Considerou-se recentemente (SANTORO, 2011, pp.100-101) que a cláusula [2] é uma duplicata, quase uma tradução de [1], devido a certos paralelismos como, para citar apenas dois, os verbos depoentes γίνεσθαι e διδόναι e a reciprocidade «τοῖς οὐσί... εἰς ταῦτα» e «ἀλλήλοις». No entanto, o paralelismo dos verbos depoentes se deve à natureza indireta do período (e vimos que esses não são os únicos casos, cf. acima p.32, n.47); e a reciprocidade de ἀλλήλοις não pode ser encontrada em «τοῖς οὐσί... εἰς ταῦτα», se é correta a nossa hipótese de que não há uma contraposição entre «ἐξ» e «εἰς» de modo que «ταῦτα» retoma «οὐσί». A reciprocidade é do âmbito dos στοιχεῖα, não dos τὰ ὄντα.

3. SEMÂNTICA DO TORSO

3.1. Da sintaxe à semântica

Argumentamos que o referente do pronome plural ὧν precisa ser identificado na frase imediatamente anterior a DK12BI, de modo que não haveria na primeira metade do fragmento uma contraposição entre ἐξ ὧν e εἰς ταῦτα e que os entes não se identificariam com os elementares poderes opostos visto que decorrem deles. Assim, a cláusula [1] justifica o que é expresso conjuntamente por [2] e [3], que expressam cada uma das etapas da formação do mundo, estando a segunda subordinada e temporalmente condicionada à terceira.

Certamente a leitura proposta não é isenta de problemas, a começar por sua *lectio difficilior* que identifica em εἰς ταῦτα um acusativo de relação. Mas ao menos procura explicitar a razão da conexão expressa por γὰρ sem negar a letra do texto e propõe uma solução para a alternância do singular feminino ἐξ ἧς para o plural masculino ἐξ ὧν.

Não foi por mero preciosismo filológico que nos debruçamos sobre a referencialidade de ὧν, ταῦτα, αὐτὰ^[b] e αὐτὰ^[a] e do escopo de τοῖς οὓσι. Elucidar tudo isto é condição *sine qua non* de qualquer estudo minimamente cuidadoso que se dedique ao “fragmento” DK12BI, sob o risco de tornar o texto de Simplício um emaranhado de termos mais desconexos que o monstro de Mary Shelley.

Antes de tudo, a leitura proposta traz consigo as condições de possibilidade para que possamos ter uma investigação semântica dos poeticíssimos termos e uma investigação sobre o significado e escopo das regulamentações expressas por κατὰ τὸ χρεών e κατὰ τὴν τοῦ χρόνου τάξιν. Sem lidar com aquelas referencialidades, ficamos sem um parâmetro que nos permita articular as ideias expressas por aquelas expressões. É essa a finalidade do presente capítulo.

3.2. *O litígio cósmico*

3.2.1. τὰ στοιχεῖα, τὰ καλούμενα στοιχεῖα ε ἀλλήλοις

Vimos que, para Teofrasto (copiado por Simplício), Anaximandro empregava termos poeticíssimos para falar *deles*. Deles quem? Dos στοιχεῖα, a crer na explicação de Simplício depois da glosa de Teofrasto. Com efeito, Simplício desdobra a frase «διδόναι γὰρ αὐτὰ δίκην καὶ τίσιν ἀλλήλοις τῆς ἀδικίας» na frase «τὴν εἰς ἄλληλα μεταβολὴν τῶν τεττάρων στοιχείων», como se a primeira fosse uma fórmula exacerbadamente poética para se falar da μεταβολή dos quatro elementos.

ANAXIMANDRO	SIMPLÍCIO
	αὐτὰ → τῶν τεττάρων στοιχείων
	ἀλλήλοις → εἰς ἄλληλα
διδόναι δίκην καὶ τίσιν τῆς ἀδικίας	→ τὴν μεταβολὴν

Mas o que a terminologia peripatética está denominando por στοιχεῖα? No livro *Delta* da Metafísica, Aristóteles define στοιχεῖον como o ingrediente primário indivisível a partir do qual as coisas se compõem⁶³. Nesse sentido, água, terra, ar e fogo não seriam propriamente elementos, pois eles podem ser reduzidos a constituintes mais simples. Para designar essa tétrade clássica, Aristóteles empregaria a expressão “os chamados elementos” (τὰ καλούμενα στοιχεῖα) e reservaria “elementos” (τὰ στοιχεῖα) para os opostos (quente e frio, seco e úmido). Assim, os chamados elementos (água, terra, ar e fogo) são constituídos a partir da combinação dos opostos (ἐναντία), que são os elementos propriamente ditos⁶⁴:

⁶³ Cf. *Met.*1014^a26-27, trad. ANGIONI (2003, p.9):

Στοιχεῖον λέγεται ἐξ οὗ σύγκειται πρώτου ἐνυπάρχοντος ἀδιαρέτου τῷ εἶδει εἰς ἕτερον εἶδος

Denomina-se elemento o item primeiro e imanente a partir de que algo se constitui, e que não pode ser definido especificamente em uma forma.

⁶⁴ Para os detalhes dessa leitura, nos remetemos a KAHN, 1960, pp.119-121.

Ἐπεὶ δὲ τέτταρα τὰ στοιχεῖα, τῶν δὲ τεττάρων ἕξ αἱ συζεύξεις, τὰ δ' ἐναντία οὐ πέφυκε συνδυάζεσθαι (θερμὸν γὰρ καὶ ψυχρὸν εἶναι τὸ αὐτὸ καὶ πάλιν ξηρὸν καὶ ὑγρὸν ἀδύνατον), φανερὸν ὅτι τέτταρες ἔσονται αἱ τῶν στοιχείων συζεύξεις, θερμοῦ καὶ ξηροῦ, καὶ θερμοῦ καὶ ὑγροῦ, καὶ πάλιν ψυχροῦ καὶ ὑγροῦ, καὶ ψυχροῦ καὶ ξηροῦ. Καὶ ἠκολούθηκε κατὰ λόγον τοῖς ἀπλοῖς φαινομένοις σώμασι, πυρὶ καὶ ἀέρι καὶ ὕδατι καὶ γῆ· τὸ μὲν γὰρ πῦρ θερμὸν καὶ ξηρόν, ὁ δ' ἀήρ θερμὸν καὶ ὑγρόν (οἶον ἀτμὶς γὰρ ὁ ἀήρ), τὸ δ' ὕδωρ ψυχρὸν καὶ ὑγρόν, ἡ δὲ γῆ ψυχρὸν καὶ ξηρόν, ὥστ' εὐλόγως διανέμεσθαι τὰς διαφορὰς τοῖς πρώτοις σώμασι, καὶ τὸ πλῆθος αὐτῶν εἶναι κατὰ λόγον.

Dado que os elementos são quatro, os pares possíveis a partir dos quatro serão seis, mas, como os contrários não podem por natureza ser combinados (pois a mesma coisa não pode ser quente e fria, ou húmida e seca), resulta claro que os pares de elementos serão quatro, designadamente quente e seco, quente e húmido, e, ao contrário, frio e seco, frio e húmido. Estes pares são proporcionalmente atribuídos aos corpos que nos aparecem como simples: fogo, ar, água e terra. O fogo é, de facto, quente e seco, o ar é quente e húmido (pois o ar é como um vapor), a água é fria e húmida, e a terra é fria e seca, pelo que [os elementos] são razoavelmente distribuídos pelos corpos simples e o seu número é proporcional.⁶⁵

Assim, onde Anaximandro teria dito que os elementares poderes opostos (στοιχεῖα = ἐναντία) *alternadamente* se dão δίκη e τίσις, Simplicio fala em *alternada* transformação desses mesmos poderes opostos. O ponto que permite a transposição peripatética é o pronome recíproco ἀλλήλοις, formado a partir do redobro de ἄλλος (*outro*) e comumente vertido por *uns aos outros, reciprocamente, mutuamente*⁶⁶. Optamos, no entanto, verter ἀλλήλοις pelo termo *alternadamente* por um motivo estilístico e outro filosófico. Estilisticamente, para marcar as reverberações do termo ἀλλήλοις na explicação de Simplicio⁶⁷; filosoficamente, para introduzir uma leve nuance diacrônica no litígio dos elementos. Assim, os elementares poderes opos-

⁶⁵ ARIST. *de Gen. et Cor.* B, 2, 330^a30-330^b7; trad. CHORÃO (2009, pp.129-130), com modificações.

⁶⁶ Cf. LSJ, s.v. ἀλλήλων; e ainda RAGON, 2012, p.66, §86.

⁶⁷ São elas: «εις ἄλληλα μεταβολήν», «ἀλλά τι ἄλλο παρὰ ταῦτα», «οὐκ ἀλλοιούμενον».

tos se transformam uns nos outros (quente ↔ frio; seco ↔ úmido) numa alternância pendular de um movimento que não cessa nunca, que é perpétuo, eterno (αίδιος κίνησις):

É evidente que, tendo observado a transformação *alternada* dos quatro elementos, não considerou fazer nenhum deles de substrato, mas *outra* coisa diferente desses. Não fez da geração uma *alteração* dos elementos, mas uma separação dos contrários devido ao movimento eterno.

δῆλον δὲ ὅτι τὴν εἰς ἄλληλα μεταβολὴν τῶν τεττάρων στοιχείων οὗτος θεασάμενος οὐκ ἤξιωσεν ἔν τι τούτων ὑποκείμενον ποιῆσαι, ἀλλὰ τι ἄλλο παρὰ ταῦτα. οὗτος δὲ οὐκ ἀλλοιουμένου τοῦ στοιχείου τὴν γένεσιν ποιεῖ, ἀλλ' ἀποκρινομένων τῶν ἐναντίων διὰ τῆς αἰδίου κινήσεως.

3.2.2. διδόναι δίκην καὶ τίσιν ἀλλήλοις τῆς ἀδικίας

Por ter tratado a alternada transformação dos opostos em termos de δίκη, τίσις e ἀδικίας, Anaximandro quase foi chamado de poético. Uma vez estabelecido o referente de αὐτὰ^[b] em [I], podemos nos dedicar aos poeticíssimos termos empregados por Anaximandro.

Importa atentar, antes de tudo, para o modo como os termos poéticos estão sintaticamente estruturados. Kahn argumenta que a construção διδόναι δίκην καὶ τίσιν ἀλλήλοις τῆς ἀδικίας “representa o exemplo mais antigo que temos do que deve ter sido uma frase um tanto comum nos tribunais”⁶⁸, frequente tanto na poesia quanto na prosa ática e jônica, como demonstram as seguintes passagens de Ésquilo e Heródoto:

{ΚΡΑΤΟΣ}
 Χθονὸς μὲν ἐς τηλουρὸν ἤκομεν πέδον,
 Σκύθην ἐς οἶμον, ἄβροτον εἰς ἐρημίαν.
 Ἦφαιστε, σοὶ δὲ χρὴ μέλιν ἐπιστολὰς
 ἄς σοι πατήρ ἐφεῖτο, τόνδε πρὸς πέτραις
 ὑψηλοκρήμους τὸν λεωργὸν ὀχμάσαι 5
 ἀδαμαντίνων δεσμῶν ἐν ἀρρήκτοις πέδαις.
 τὸ σὸν γὰρ ἄνθος, παντέχνου πυρὸς σέλας,
 θνητοῖσι κλέψας ὤπασεν· τοιᾶσδέ τοι

⁶⁸ KAHN, 1960, p.169; trad. nossa.

ἀμαρτίας σφε δεῖ θεοῖς δοῦναι δίκην,

ὡς ἂν διδαχθῆ τὴν Διὸς τυραννίδα 10
στέργειν, φιλανθρώπου δὲ παύεσθαι τρόπου.

PODER – Termina o mundo e chega a terra cita:

homem nenhum, deserto inacessível.

deves cumprir à risca, Hefesto, o édito

paterno: aprisionar o criminoso

com fortes cabos de aço no rochedo 5

íngreme. Ele roubou a tua flor

— brilho ígneo, matriz de toda técnica —,

passou-a a mãos humanas. Tal afronta [ἀμαρτίας]

aos imortais requer castigo duro [δοῦναι δίκην].

Que aprenda a dar valor à voz de Zeus 10

e refreie seus gestos filantrópicos⁶⁹

Οὕτω μὲν Ἴουὺν ἐς Αἴγυπτον ἀπικέσθαι λέγουσι Πέρσαι, οὐκ ὡς Ἑλληνας, καὶ τῶν ἀδικημάτων πρῶτον τοῦτο ἄρξαι· μετὰ δὲ ταῦτα Ἑλλήνων τινάς (οὐ γὰρ ἔχουσι τοῦνομα ἀπηγήσασθαι) φασὶ τῆς Φοινίκης ἐς Τύρον προσσχόντας ἀρπάσαι τοῦ βασιλέως τὴν θυγατέρα Εὐρώπην· εἶησαν δ' ἂν οὗτοι Κρήτες. Ταῦτα μὲν δὴ ἴσα πρὸς ἴσα σφι γενέσθαι· μετὰ δὲ ταῦτα Ἑλληνας αἰτίους τῆς δευτέρας ἀδικίης γενέσθαι. Καταπλώσαντας γὰρ μακρῆ νηὶ ἐς Αἴάν τε τὴν Κολχίδα καὶ ἐπὶ Φᾶσιν ποταμόν, ἐνθεῦτεν, διαπρηξαμένους καὶ τᾶλλα τῶν εἵνεκεν ἀπίκατο, ἀρπάσαι τοῦ βασιλέως τὴν θυγατέρα Μηδείην. Πέμψαντα δὲ τὸν Κόλχων βασιλέα ἐς τὴν Ἑλλάδα κήρυκα αἰτέειν τε δίκας τῆς ἀρπαγῆς καὶ ἀπαιτέειν τὴν θυγατέρα· τοὺς δὲ ὑποκρίνασθαι ὡς οὐδὲ ἐκεῖνοι Ἴουζ τῆς Ἀργείης ἔδοσαν σφι δίκας τῆς ἀρπαγῆς· οὐδὲ ὦν αὐτοὶ δώσειν ἐκεῖνοισι.

Deste modo contam os Persas que Io chegou ao Egito, e não daquele que dizem os Helenos. Asseguram também que esse foi o primeiro dos agravos [ἀδικημάτων πρῶτον] cometidos. Na sequência destes acontecimentos, dizem eles, alguns Helenos, de que não souberam especificar o nome, aportaram a Tiro, na Fenícia, e raptaram Europa, a filha do rei. Talvez se tratasse de Cretenses. Postos deste modo uns e outros em plano de igualdade, os Gregos tornaram-se depois culpados [αἰτίους] de uma segunda ofensa [ἀδικίης]. Navegaram em uma longa nau até o rio Fásis e dali, após concluir a missão porque tinham ido, raptaram a filha do rei, Medeia. O rei de Colcos enviou um arauto à Hélade a pedir justiça [δίκας] pelo rapto e a reclamar a

⁶⁹ ÉSQ.Prom.1-11; trad. de Trajano Vieira (in ALMEIDA & VIEIRA, 2007, p.143)

filha. Os Gregos responderam que nunca eles lhes tinham dado satisfação [δίκας] do rapto de Io, a Argiva, e portanto também não lha concediam [δώσειν] a eles.⁷⁰

Trata-se, portanto, da seguinte estrutura: δίκην (ou τίσιν) διδόναι seguida de um genitivo que explicita a ofensa cometida e um dativo explicitando quem foi ofendido e a quem se deve restituição:

	<u>ação legal de compensação</u> [διδόναι τι]	<u>ofensa cometida</u> [gen.]	<u>quem foi ofendido e a quem se deve restituição</u> [dat.]
ANAXIMANDRO	διδόναι δίκην καὶ τίσιν	τῆς ἀδικίας	ἀλλήλοισι
ÉSQUILO	δοῦναι δίκην	ἀμαρτίας	θεοῖς
HERÓDOTO	ἔδοσαν δίκας	τῆς ἀρπαγῆς	ἐκεῖνοισι

A partir dessa construção, Kahn pretende estabelecer o significado dos termos poéticos. Seguindo as indicações do léxico LSJ, adverte que o termo ἀδικία apenas tardiamente teria significado *injustiça* ou *iniquidade* em contraposição a δικαιοσύνη. Destaca que ἀδικία é, antes, o termo frequentemente empregado no jônico e no ático antigo para designar o “dano” (*wrongdoing*) ou a “ofensa” (*offence*) que se comete contra alguém (ἀδικεῖν τινα) e para designar, em especial, “uma ofensa que se encontra no âmbito de uma ação e compensação legais (δίκη)”⁷¹. Assim, a expressão διδόναι δίκην designaria não o ato de proferir um julgamento (*render judgments*) — como se encontra em Hesíodo⁷² —, mas o ato de punição (*pu-*

⁷⁰ HDT.Hist.I.2.3; trad. FERREIRA & SILVA (2002, p.55)

⁷¹ Cf. KAHN, 1960, p.169, e também LSJ s.v. ἀδικία.

⁷² Cf. HES.Op.225-229; trad. MOURA (2012):

οἱ δὲ δίκας ξείνοισι καὶ ἐνδήμοισι διδοῦσιν
 ἰθείας καὶ μὴ τι παρεκβαίνουσι δικαίου,
 τοῖσι τέθηλε πόλις, λαοὶ δ' ἀνθεῦσιν ἐν αὐτῇ·
 εἰρήνη δ' ἀνὰ γῆν κουροτρόφος, οὐδέ ποτ' αὐτοῖς
 ἀργαλέον πόλεμον τεκμαίρεται εὐρύοπα Ζεὺς·

Os que para estrangeiros e conterrâneos dão sentenças [δίκας διδοῦσιν]
 retas, e em nada se desviam do justo,
 para esses a cidade prospera e nela o povo floresce;
 na terra vigora a Paz nutriz de jovens, e jamais para eles
 Zeus que vê longe reserva a penosa guerra;

Segundo KAHN (1960, p.169), o equivalente hesiódico de “fazer reparação” (*making amends*) seria δίκην παρασχεῖν (HES.Op.712).

nishment) ou de reparação (*making amends*)⁷³. No entanto, contra essa ideia de que *διδόναι δίκην* de Anaximandro seria uma expressão idiomática para expressar reparação ou punição, Guariglia argumentou⁷⁴ que a mesma expressão no plural (*διδόναι/δοῦναι δίκας*)⁷⁵ reconhecidamente significa “conceder juízos”, já que o verbo *δίδωμι* teria aqui o mesmo sentido de quando traz por objeto substantivos abstratos como *νίκην* e *κῶδος*, isto é, “conceder, outorgar”⁷⁶.

Teríamos aqui, portanto, pelo menos duas possibilidades de entender *διδόναι δίκην*: (i) como uma expressão idiomática para punição ou restituição; (2) ou como expressão de um “direito formular”⁷⁷ que significaria o ato de sentenciar, de formular um juízo. Eleger firmemente entre uma dessas possibilidades em detrimento da outra demandaria um estudo muito mais amplo do que o dessa dissertação. Apenas podemos oferecer aqui os motivos pelos quais consideramos a segunda uma alternativa razoavelmente mais interessante.

Ora, embora a expressão *διδόναι δίκην* aparecesse em Hesíodo (HES.*Op.*225) significando “pronunciar uma sentença”, apenas a partir de Anaximandro a encontramos em uma construção seguida de genitivo e dativo. E como posteriormente *διδόναι δίκην* teria sido empregado nessa mesma estrutura para se referir a restituição ou punição, Kahn julgou que a linguagem de Anaximandro não era “o dialeto artificialmente arcaico da tradição épica, mas a

⁷³ Cf. LSJ, s.v. *δίκη*, IV.3:

the object or consequence of the action, atonement, satisfaction, penalty, *δίκην ἐκτίειν, τίθειν*, Hdt.9.94, S.Aj.113: adverbially in acc., *τοῦ δίκην πάσχεις τάδε*; A.Pr.614; freq. *δίκην* or *δίκας διδόναι* suffer punishment, i. e. make amends (but *δίκας δ.*, in A.Supp.703 (Iyr.), to grant arbitration); *δίκας διδόναι τινί τινος* Hdt.1.2, cf. 5.106; [...]

⁷⁴ Cf. GUARIGLIA, 1966, p.135.

⁷⁵ Cf. BENVENISTE, 1969, II, p.110 [1995, II, p.112]: “As *δίκαι* são de fato as fórmulas de direito que se transmitem e que o juiz deve conservar e aplicar”.

⁷⁶ GUARIGLIA (1966, p.135, n.128) se remete, como exemplo, às passagens homéricas *Il.*19.204 e *Il.*11.397, além do léxico LSJ, s.v. *δίδομι*, II.

⁷⁷ Cf. BENVENISTE, 1969, II, p.107 [1995, II, p.109]:

O latim *disco* e o grego *δίκη* impõem a representação de um direito formular, determinando para cada situação particular o que se deve fazer. O juiz — hom *δίκας-πόλος* — é aquele que tem a guarda do conjunto de fórmulas e pronuncia com autoridade, *dicit*, a sentença apropriada.

linguagem falada no sexto século da Jônia”⁷⁸. Entretanto, a leitura de διδόναι δίκην como sendo a formulação de uma sentença não é incompatível com essa construção. O genitivo segue explicitando a ofensa cometida e o dativo segue explicitando quem foi ofendido e a quem se deve restituição no âmbito de uma demanda legal cuja expressão é uma sentença. Assim, διδόναι δίκην expressaria a formulação de um julgamento, enquanto διδόναι τίσιν expressaria o ato de compensação dado pela execução dessa sentença⁷⁹. Nesse sentido, a frase «διδόναι γὰρ αὐτὰ δίκην καὶ τίσιν ἀλλήλοις τῆς ἀδικίας» poderia ser vertida por “pois eles decretam penas e fazem retaliação uns contra os outros devido a injustiça”. Entretanto, a formulação do julgamento e sua correspondente compensação não é dada por um juiz neutro mas pelos próprios litigantes em questão, isto é, pelos próprios elementares poderes opostos. Os elementos fazem justiça com as próprias mãos e a natureza é espelho da disputa sem fim entre eles em busca de vingança recíproca.

No mais, embora consideremos mais acurada a tradução acima proposta para aquela frase, optamos por vertê-la de um modo um pouco distinto para manter a estrutura da frase grega e a ressonância entre δίκη e ἀδικία.

pois eles se dão alternadamente justiça e retaliação pela injustiça,
διδόναι γὰρ αὐτὰ δίκην καὶ τίσιν ἀλλήλοις τῆς ἀδικίας

3.3. *A regulação dos processos*

3.3.1. ἡ γένεσις ἐστὶ τοῖς οὖσι, καὶ τὴν φθορὰν γίνεσθαι

Vimos ainda que a cláusula [2] topicaliza os processos: a geração (γένεσις) e a ruína (φθορά) dos entes que ocorrem a partir dos οὐρανοί. Os termos γένεσις e φθορά não constitu-

⁷⁸ KAHN, 1960, p.168.

⁷⁹ Se assumimos a leitura de Kahn, no entanto, δίκη e τίσις se apresentam quase como equivalente na expressão διδόναι δίκην καὶ τίσιν. Sendo palavras distintas para expressar a mesma ideia, a repetição dos termos se torna algo supérfluo, para não dizer prolixo.

em um problema semântico, exceto quando se entra em questão se Anaximandro realmente os empregou. Dado que eles são termos técnicos platônicos, Burnet argumentou que seria mais seguro não os atribuir a Anaximandro⁸⁰. Mas não é correto inferir que, por um termo ter ganhado um sentido técnico, ele não era utilizado outrora. E γένεσις é um termo patente disso, pois possui datação antiquíssima (encontra-se já em Homero⁸¹) e está amplamente presente entre os pré-socráticos, como impecavelmente demonstrou Kahn em uma minuciosa investigação histórico-lexical dos termos em questão⁸². E a favor da autenticidade de [2] pode se acrescentar ainda, com Cornford, que a cláusula possui uma fraseologia extremamente arcaica: “Teofrasto, um escritor extremamente conciso e econômico, não teria escrito «ἢ γένεσις ἔστι τοῖς οὐσι» para «γίγνεται τὰ ὄντα» ou «τὴν φθορὰν γίγνεται» para «φθείρεσθαι»⁸³.

Seja como for, como vimos no primeiro capítulo, este tipo de questionamento não constitui o mote deste trabalho. Mais importante aqui é o problema do significado de τὰ ὄντα, que vertemos por “os entes”. Kahn desconsiderou o sentido comumente dado a essa expressão visando salvar a conexão expressa por γάρ. No entanto, vimos que não é preciso esse desvio para que γάρ tenha sua razão de ser. Assumimos, então, com Jaeger, que nesse contexto sobre Anaximandro τὰ ὄντα designa todas as coisas existentes. Com efeito, embora na linguagem jurídica dos oradores áticos τὰ ὄντα designe comumente os bens domésticos e as propriedades de alguém (equivalente de οὐσία), Jaeger argumentou⁸⁴ que na linguagem filosófica o significado da expressão teria se ampliado para incluir a totalidade das coisas encontradas pela per-

⁸⁰ Cf. BURNET, 2006, p.89, n.55.

⁸¹ Cf. *Iliada*, XIV, 200-201 e 245-246, onde se diz que o Oceano é a γένεσις dos deuses e de tudo que há: «εἶμι γάρ ὀψομένη πολυφόρβου πείρατα γαίης, / Ὀκεανόν τε θεῶν γένεσιν [...]», «[...]καὶ ἂν ποταμοῖο ῥέεθρα / Ὀκεανοῦ, ὅς περ γένεσις πάντεσσι τέτυκται».

⁸² Cf. KAHN, 1960, pp.168-178.

⁸³ CORNFORD, 1934, p.II, n.2.

⁸⁴ Cf. JAEGER, 1947, pp.18-19 [1952, pp.24-25].

cepção humana (excluindo desse escopo algumas das forças celestes). Nesse sentido, a filosofia da natureza segue os passos da épica clássica já que em Hesíodo e Homero τὰ ἔοντα designaria a presença imediata e tangível das coisas, em contraposição às coisas que serão no futuro (τὰ ἐσσόμενα) e as que foram no passado (τὰ πρὸ ἔοντα). Portanto,

A própria oposição prova que a palavra [i.e., ὄντα] indicava originalmente a presença imediata e tangível das coisas. Os ἔοντα de Homero não existiam no passado nem existirão no futuro. Eles não excluíaam ainda a γένεσις nem a φθορά, como Parmênides pensava. Quanto a isto, os mais antigos pensadores foram perfeitamente homéricos.⁸⁵

3.3.2. κατὰ τὸ χρεῶν

A cláusula [2] diz ainda que a geração e a corrupção dos entes ocorrem κατὰ τὸ χρεῶν, segundo τὸ χρεῶν. Kahn acredita que talvez essa expressão seja uma alusão secundária à ideia de retribuição enquanto dívida ou obrigação, posto que χρεῶν seria da mesma raiz de χρέος e χρέως⁸⁶; assim, χρεῶν combinaria a ideia de direito com a de necessidade, sendo a expressão κατὰ τὸ χρεῶν “a mais impessoal fórmula grega para Destino [*Fate*]”⁸⁷. Guariglia⁸⁸, no entanto, rechaçando a etimologia comumente aceita para χρεῶν (*χρηῖ ὄν > *χρηῖόν > χρεῶν), argumenta que o termo proviria do substantivo homérico χρεῶ seguido da terminação neutra -v. E posto que χρεῶ significaria *necessidade* no sentido de uma “situação ou circunstância particular em que se faz evidente a carência ou falta de alguma coisa ou pessoa”⁸⁹, Guariglia estabelece que a noção de obrigação inevitável expressa pela fórmula impessoal τὸ χρεῶν (construída a partir do neutro) se originaria dessa noção de carência. Nesse sentido, “segundo a ne-

⁸⁵ JAEGER, 1947, p.197, n.2 [1952, p.198, n.2].

⁸⁶ Cf. LSJ, s.v. χρέος, I: “that which one needs must pay, obligation, debt”.

⁸⁷ Cf. KAHN, 1960, pp.180.

⁸⁸ Cf. GUARIGLIA, 1966, p.131-133.

⁸⁹ GUARIGLIA, 1966, p.131.

cessidade” seria uma tradução razoável para κατὰ τὸ χρεών, visto que a palavra “necessidade” em português pode designar tanto a carência quanto o imprescindível. Assim, “segundo a necessidade” expressa a situação obrigatoriamente requerida segundo o que se carece em certo caso. E o que se carece é δίκη e τίσις mencionadas na cláusula [1], alternadamente requeridas por cada um dos opostos. Ora o frio demanda vingança pela ἀδικία do calor, ora o calor do frio; ora o seco demanda vingança do úmido, ora o úmido do seco. Desse modo, “segundo a necessidade” designaria a alternada demanda por justiça dos opostos.

dos quais, ainda, há a geração dos entes e a ruína se gera para os mesmos,
segundo a necessidade
ἐξ ὧν δὲ ἡ γένεσις ἐστι τοῖς οὖσι, καὶ τὴν φθορὰν εἰς ταῦτα γίνεσθαι
κατὰ τὸ χρεών

3.4. *Dispositivos do tempo: os arranjos dos aros ardentes*

3.4.1. οὐρανοί e κόσμοι

A hipótese de que o pronome relativo ὧν não se refere a τὸ ἄπειρον nem a τὰ στοιχεῖα nos levou a identificar o referente com o termo οὐρανοί da frase imediatamente anterior ao chamado fragmento DK12B1. Mas o que significaria estabelecer que a geração e a ruína dos entes ocorrem a partir dos οὐρανοί com seus κόσμοι internos? Aliás, antes, qual o significado dos termos οὐρανοί (céus) e κόσμοι (mundos) e por que são empregados no plural? Teria nossa fonte anacronicamente atribuído a Anaximandro a crença atomista de inumeráveis sistemas de mundos que coexistiriam simultaneamente no espaço? Ou teria nossa fonte simplesmente atribuído à Anaximandro a ideia de mundos que se sucedem no tempo? Vejamos os indícios textuais.

ἀλλ' ἑτέραν τινὰ φύσιν ἄπειρον,

^[3]ἐξ ἧς ἅπαντας γίνεσθαι τοὺς οὐρανοὺς καὶ τοὺς ἐν αὐτοῖς κόσμους·

^[2]ἐξ ὧν δὲ ἡ γένεσις ἐστι τοῖς οὐσι, καὶ τὴν φθορὰν εἰς ταῦτα γίνεσθαι

mas certa natureza ἄπειρον diferente,

^[3]da qual se geram todos os οὐρανοί e os κόσμοι dentro deles;

^[2]dos quais, ainda, há a geração dos entes e a ruína se gera para os mesmos,

- (i) Há uma variedade de οὐρανοί e nossa fonte diz que todos eles (ἅπαντας) surgiram (γίνεσθαι) a partir de uma (ἐξ ἧς) certa natureza ἄπειρον diferente.
- (ii) Há uma variedade de κόσμοι e eles:
 - a. surgiram igualmente (καὶ) de uma (ἐξ ἧς) certa natureza ἄπειρον diferente;
 - b. se localizam no interior (ἐν) dos οὐρανοί.
- (iii) Os οὐρανοί com seus os κόσμοι internos constituem a origem (ἐξ ὧν) da geração e ruína dos entes (ἡ γένεσις ἐστι // τὴν φθορὰν γίνεσθαι).

Ora, a cosmologia de Anaximandro trouxe uma drástica mudança no modo como o espaço era representado: a Terra passa a pairar sem nenhum suporte no centro do universo devido a uma igualdade⁹⁰, e a ideia de uma abóbada celeste rígida e metálica⁹¹ é dilacerada em inúmeros aros ardentes⁹² proporcional e arquitetonicamente dispersos na profundidade do es-

⁹⁰ Cf. HIPÓLITO *Ref.*1.6.3 = DK12A11, trad. EUDORO DE SOUSA, 1954, p.105:

τὴν δὲ γῆν εἶναι μετέωρον ὑπὸ μηδενὸς κρατουμένην, μένουσαν δὲ διὰ τὴν ὁμοίαν πάντων ἀπόστασιν.

A Terra paira <no meio> sem qualquer apoio, e permanece <no lugar em que está> pela equidistância a todas as coisas.

E ainda Aristóteles *Cael.*295^b13-16 = DK12A26:

εἰσὶ δὲ τινες οἱ διὰ τὴν ὁμοιότητά φασιν αὐτὴν [sc. γῆν] μένειν, ὥσπερ τῶν ἀρχαίων Αναξίμανδρος, μᾶλλον μὲν γὰρ οὐθὲν ἄνω ἢ κάτω ἢ εἰς τὰ πλάγια φέρεσθαι προσήκει τὸ ἐπὶ τοῦ μέσου ἰδρυμένον καὶ ὁμοίως πρὸς τὰ ἔσχατα ἔχον· ἅμα δ' ἀδύνατον εἰς τὰναντία ποιεῖσθαι τὴν κίνησιν, ὥστ' ἐξ ἀνάγκης μένειν.

Sustentam outros que <a Terra> permanece <no seu lugar> por equilíbrio, como Anaximandro, entre os antigos. O movimento para cima, para baixo e para os lados, não convém àquilo que no centro se estabelece, cuja distância a todos os extremos é a mesma; e como é impossível o movimento simultâneo em direções contrárias, <a Terra> tem de permanecer onde está. (trad. Eudoro de Sousa, 1954, p.105)

⁹¹ Cf. «σιδήρεον οὐρανόν» em *Od.*15.329 e *Od.*17.565; «χάλκεον οὐρανόν» em *Il.*17.565 e Píndaro *N.*6.3-4; «οὐρανὸν ἐς πολύχαλκον» em *Il.*5.504 e *Od.*3.2. Sobre este tema, veja-se KIRK, RAVEN & SCHOFIELD (2008, p.3).

⁹² Literalmente, “aros de fogo”: cf. «[sc. τὴν σελήνην] κύκλον εἶναι ἐννεακαίδεκαπλασίονα τῆς γῆς, ὅμοιον ἀρματεῖω <τροχῶι> κοίλην ἔχοντι τὴν ἀψίδα καὶ πυρὸς πλήρη καθάπερ τὸν τοῦ ἡλίου» em AÉCIO *Plac.*II.25.1

paço. Trata-se, assim, de um universo esquematicamente representado de modo geométrico segundo critérios de distância e posição⁹³. Considerando essa astronomia geométrica, é razoável supor, então, como fizera Zeller⁹⁴, que essa pluralidade de οὐρανοί designa essas diversas regiões celestes. E é essa estrutura que produz a geração e a ruína dos entes. Na medida em que ela se move, os dias se sucedem e ocorre geração e ruína dos entes. No interior dessa astronomia geométrica ocupada com o problema da passagem dos dias, cuja melhor instância é o movimento cíclico dos corpos celestes, Anaximandro teria estabelecido uma estreita relação entre o movimento dos οὐρανοί e o devir.

Assim, talvez fosse mais adequado verter οὐρανοί por “orbes”, mas vertemos por “céus” para não perder a gama de associações que o termo pode trazer. Quanto a κόσμοι, optamos vertê-lo por “arranjos” e não por “mundos”. O uso do plural sugere que aqui a palavra esteja sendo usada em seu sentido mais antigo, e não naquele posterior que expressa a totalidade da existência enquanto uma unidade, enquanto *universo*. Nesse sentido, o termo κόσμοι designa os diversos arranjos possíveis no interior dos οὐρανοί.

ἐξ ἧς ἅπαντας γίνεσθαι τοὺς οὐρανοὺς καὶ τοὺς ἐν αὐτοῖς κόσμους·
da qual se geram todos os céus e os arranjos dentro deles;

(*Dox.*351 = DK12A22), «κύκλον πύρος» em HIPÓLITO *Ref.*1.6.4 (DK12A11) e ainda «τῶν κύκλων καὶ τῶν σφαιρῶν» em AÉCIO *Plac.*11.16.5 (*Dox.*345 = DK12A18).

⁹³ Essa hipótese, magistralmente desenvolvida por Vernant na década de sessenta em uma série de artigos recolhidos em *Mythe et pensée chez les Grecs* (1965 [2007]; trad. bras. 1990), remonta a Eudemo, citado por Simplicio in *Cael.* 441.1 = DK12A19:

Ἀναξίμανδρου πρώτου τὸν περὶ μεγεθῶν καὶ ἀποστημάτων λόγον εὐρηκότος, ὡς Εὐδημος [fr. 95 Sp.] ἱστορεῖ τὴν τῆς θέσεως τάξιν εἰς τοὺς Πυθαγορείους πρώτους ἀναφέρων.

Foi Anaximandro o primeiro que observou a ordem, assim como a grandeza e a distância dos planetas — informa Eudemo. (trad. Eudoro de Sousa, 1954, p. 106)

[Des Planètes.] Anaximandre fut le premier à découvrir la raison des grandeurs et des distance, comme le rapporte Eudème [fr. 146 Wehrli], qui attribue aux premiers Prythagoriciens la découverte de l'ordre de leurs position. (trad. CONCHE, 1991, p. 201)

⁹⁴ Cf. KAHN, 1960, p.50.

3.4.2. τάξις

A geração e a ruína ocorrem para os entes a partir dos arranjos celestes segundo a necessidade pois os opostos alternadamente se dão justiça e retaliação *κατὰ τὴν τοῦ χρόνου τάξιν*, segundo a *τάξις* do χρόνος. Qual o significado destes termos?

Uma leitura corrente⁹⁵ costuma entender *τάξις* como “decreto” ou “mandato”, como se *χρόνος* fosse aqui uma espécie de juiz. Vimos, no entanto, que a formulação da sentença e o ato de restituição são dadas e recebidas mutuamente pelos próprios elementos. Não há lugar para nenhum juiz à parte dos próprios litigantes. Além disso, como destaca Guariglia, “nas passagens em que a palavra aparece atestada pela primeira vez, seu significado é unívoco: “ordem”, “disposição ordenada””⁹⁶. E, com efeito, uma olhada no índice feito por Kranz para a obra *Die Fragmente der Vorsokratiker* atesta essa asserção (vol. III, p.422):

- 1) Em Demócrito e Leucipo, conjuntamente com *σκήμα* e *θέσις*, o termo *τάξις* aparece como sinônimo de *διαθιγή*;
- 2) O termo *τάξις* aparece ligado a termos como *κόσμοι*, *οὐρανοί* e *ὄλον*:
 - a) ἡ ἔν τῶν κόσμοι τάξις — PITAGOR. DK.14.21 (I 105, 25): «Π. πρῶτος ὠνόμασε τὴν τῶν ὄλων περιοχὴν κ ό σ μ ο ν ἐκ τῆς ἐν αὐτῶι τάξεως»;
 - b) ἡ ἔν τῶι οὐρανοί — PITAGOR. DK.58B4 (I 452, 18): «τῆς δὲ τάξεως τῆς ἐν τῶι οὐρανῶι»;
 - c) ἡ περὶ τὸν ὄλον κόσμον τάξις — ANAXAG. A 30 (II 13, 21): «‘τοῦ’ φάναι [sc. [Ἀναξαγόραν] ‘θεωρῆσαι τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν περὶ τὸν ὄλον κόσμον τάξιν’».
 - d) νοῦς αἴτιον . . . τῆς τάξεως πάσης — ANAXAG. A 58 (II 20, 41): «νοῦν δὴ τις εἰπὼν ἐνεῖναι καθάπερ ἐν τοῖς ζώοις καὶ ἐν τῆι φύσει, τὸν αἴτιον τοῦ κόσμου καὶ τῆς τάξεως πάσης».

⁹⁵ Cf., por exemplo: KAHN (1960, p.131); KIRK, RAVEN & SCHOEFIELD (2008, p.120) e ainda JAEGER (2001, p.201).

⁹⁶ GUARIGLIA, 1966, p.150.

3) O termo τάξις aparece associado ao que é designado pelo termo ἀστήρ:

a) τάξις ἀστέρων

— PITAGOR. DK58B35 (I 461, 12) «τῆς δὲ τάξεως τῆς ἐν τῷ οὐρανῷ, ἣν ἐποιοῦντο τῶν ἀριθμῶν οἱ Πυθαγόρειοι, μνημονεύει ἐν τῷ δευτέρῳ περὶ τῆς Πυθαγορικῶν δόξης.»;

— DEMOCR. DK77A86 (I 105, 7) «D. 344; περὶ τάξεως ἀστέρων Δ. τὰ μὲν ἀπλανῆ πρῶτον, μετὰ δὲ ταῦτα τοὺς πλανήτας, ἐφ' οἷς ἥλιον φωσφόρον σελήνην.»;

— ANAXIMAND. DK58B35 (I 461, 12) «Ἀναξιμάνδρου πρώτου τὸν περὶ μεγεθῶν καὶ ἀποστημάτων λόγον εὐρηκότος, ὡς Εὐδήμος [fr. 95 Sp.] ἱστορεῖ τὴν τῆς θέσεως τάξιν εἰς τοὺς Πυθαγορείους πρώτους ἀναφέρων.»;

— DEMOCR. DK77A86 (I 105, 7) «D. 344; περὶ τάξεως ἀστέρων Δ. τὰ μὲν ἀπλανῆ πρῶτον, μετὰ δὲ ταῦτα τοὺς πλανήτας, ἐφ' οἷς ἥλιον φωσφόρον σελήνην.»;

— FILOL. DK44A16 (I 403, 19) «καὶ πάλιν πῦρ ἕτερον ἀνωτάτω τὸ περιέχον. πρῶτον δ' εἶναι φύσει τὸ μέσον, περὶ δὲ τοῦτο δέκα σώματα θεῖα χορεύειν, [οὐρανόν] <μετὰ τὴν τῶν ἀπλανῶν σφαῖραν> τοὺς <ε> πλανήτας, μεθ' οὓς ἥλιον, ὑφ' ᾧ σελήνην, ὑφ' ἧ τὴν γῆν, ὑφ' ἧ τὴν ἀντίχθονα, μεθ' ἧ σύμπαντα τὸ πῦρ ἐστίας περὶ τὰ κέντρα τάξιν ἐπέχον.»

— DIOG. DK64A6 (II 53, 7) «τὰ <δὲ> κουφότατα τὴν ἄνω τάξιν λαβόντα τὸν ἥλιον ἀποτελέσαι»

4) E o termo τάξις aparece, por fim, associado ao termo χρόνος:

a) ANAXIMAND. DK12B1 (I 89, 15) «κατὰ τὴν τοῦ χρόνου τάξιν».

b) HERÁCL. DK22A5 (I, 145, 15) «ποιεῖ δὲ καὶ τάξιν τινὰ καὶ χρόνον ὀρισμένον τῆς τοῦ κόσμου μεταβολῆς κατὰ τινὰ εἰμαρμένην ἀνάγκην».

Percorrido esta lista de textos pré-socráticos, não é possível encontrar um único exemplo de τάξις significando “decreto”, apenas “disposição”. Nesse sentido, κατὰ τὴν τοῦ χρόνου

τάξιτιν pode ser vertido por “segundo a disposição do χρόνος”. Mas o que significa essa disposição e o que o termo χρόνος designa aqui?

3.4.3. χρόνος

A questão do tempo tem ocupado um lugar de pouco relevo nos estudos pré-socráticos sob a frequente escusa de que “na filosofia antiga, o conceito de tempo tem sido relegado ou pelo menos posto entre parênteses em favor do conceito do ser”⁹⁷. Com efeito, dos textos que sobreviveram à derrocada do mundo antigo, é só no *Timeu* de Platão e, especialmente, na *Física* de Aristóteles que o tempo (χρόνος) é explicitamente abordado como objeto de uma análise sistemática — e mesmo nesses casos, ele não é uma questão autônoma, estando subordinado a problematizações mais amplas, como a questão do movimento (κίνησις) e da imobilidade (ἀκίνητον)⁹⁸.

Contudo, a questão do tempo não se restringe ao termo χρόνος. EGGERS LAN, em um importante estudo sobre *Las Nociones de Tiempo y Eternidad de Homero a Platón* (1984), atenta para o fato de que as noções de tempo e de eternidade não são encontradas nos campos semânticos das palavras gregas χρόνος e αἰών na literatura grega anterior a Platão, mas encontram-se prefiguradas [i] no sentimento da brevidade da vida humana, que envelhece e morre, em contraposição aos deuses, que, embora nasçam, não envelhecem; e [ii] “nas referências horárias e nos calendários que regulam as distintas atividades do homem, e cujo marco é o da natureza, que oferece um caráter cíclico que contrasta com o caráter linear do tempo da vida humana”⁹⁹.

⁹⁷ BERNABÉ, 1990, p.62.

⁹⁸ Cf. a este respeito, PUENTE & BORACAT, 2014, pp.10-11.

⁹⁹ EGGERS LAN, 1984, p.14.

Nesse sentido, a questão da temporalidade não está plenamente circunscrita ao campo semântico arcaico do termo χρόνος. Para expressar a experiência da temporalidade enquanto totalidade de presente, passado e futuro, Homero e Hesíodo empregam uma fórmula que ressoa em cada rincão da filosofia grega: “o que é, foi e será”.

Assim, no primeiro canto da *Ilíada* homérica, o vidente Calcas aparece como alguém privilegiado que conhece tudo acerca dos acontecimentos que são, que foram e que serão:

[...] τοῖσι δ' ἀνέστη
 Κάλχας Θεστορίδης οἰωνοπόλων ὄχ' ἄριστος,
 ὃς ἤδη τά τ' ἐόντα τά τ' ἐσσόμενα πρό τ' ἐόντα

[...] Entre eles se levantou
 então Calcas, filho de Testor, de longe o melhor dos adivinhos.
 Todas as coisas ele sabia: as que são, as que serão e as que já foram.¹⁰⁰

Do mesmo modo em Hesíodo, com a diferença de que não mais um vidente mas as musas é que conhecem aquela totalidade e a cantam a Hesíodo:

τύνη, Μουσάων ἀρχώμεθα, ταὶ Διὶ πατρὶ
 ὕμνεῦσαι τέρπουσι μέγαν νόον ἐντὸς Ὀλύμπου,
 εἴρουσαι τά τ' ἐόντα τά τ' ἐσσόμενα πρό τ' ἐόντα

Ei tu, pelas Musas comecemos, que, para Zeus pai
 cantando, regozijam seu grande espírito no Olimpo,
 dizendo o que é, o que será e o que foi antes¹⁰¹

Algo completamente distinto encontramos em Heráclito. Se em Homero o âmbito “do que é, foi e será” estava restrito aos acontecimentos narrados pela épica, e, em Hesíodo, o “que é, foi e será” se identificava com a genealogia dos deuses — em Heráclito, todavia, a fórmula aparece identificada com o próprio cosmo para negar que o mesmo tenha tido uma

¹⁰⁰ *Il.*1.68-70, tradução de LOURENÇO (2013).

¹⁰¹ *Theog.* 36-38, tradução de WERNER (2003, p.33).

origem e, assim, afirmar a unidade das três instâncias temporais por meio da doutrina do fogo-medida:

κόσμον τόνδε, τὸν αὐτὸν ἀπάντων, οὔτε τις θεῶν οὔτε ἀνθρώπων ἐποίησεν, ἀλλ' ἦν
ἀεὶ καὶ ἔστιν καὶ ἔσται πῦρ ἀείζωνον, ἀπτόμενον μέτρα καὶ ἀποσβεννύμενον μέτρα

Este cosmo, o mesmo para todos, não o fez nenhum dos deuses nem nenhum dos homens, mas sempre foi, é e será fogo sempre vivo, acendendo-se segundo medidas e segundo medidas apagando-se.¹⁰²

De modo semelhante Parmênides que, identificando a fórmula com o próprio ser, parece negar duas das instâncias temporais (passado e futuro)¹⁰³ ao afirmar que “o que é” nunca foi nem será. Há apenas a realidade presente, completa e imutável. E assim, cindindo ser e devir, instaura uma crise no seio da cosmologia jônica, já que ela, afinal, nada mais é do que uma descrição sobre como estados presentes decorrem de estados passados.

μόνος δ' ἔτι μῦθος39 ὁδοῖο
λείπεται ὡς ἔστιν· ταύτηι δ' ἐπὶ σήματ' ἔασι
πολλὰ μάλ', ὡς ἀγένητον ἐὸν καὶ ἀνώλεθρόν ἐστιν,
ἐστι γὰρ οὐλομελές τε καὶ ἀτρεμές ἠδ' ἀτέλεστον·
οὐδέ ποτ' ἦν οὐδ' ἔσται, ἐπεὶ νῦν ἔστιν ὁμοῦ πᾶν,
ἔν, συνεχές· τίνα γὰρ γένναν διζήσεται αὐτοῦ;
πῆι πόθεν αὐξηθέν; οὐδ' ἐκ μὴ ἐόντος ἐάσσω
φάσθαι σ' οὐδὲ νοεῖν· οὐ γὰρ φατὸν οὐδὲ νοητόν
ἔστιν ὅπως οὐκ ἔστι. τί δ' ἂν μιν καὶ χρέος ὄρσεν
ἰο ὕστερον ἢ πρόσθεν, τοῦ μηδενὸς ἀρξάμενον, φῦν;

Ainda uma só palavra resta do caminho:

que é; sobre este há bem muitos sinais:
que sendo ingênito também é imperecível.
Pois é todo único como intrépido e sem meta;
nem nunca era nem será, pois é todo junto agora,
uno, contínuo; pois que origem sua buscarias?
Por onde, de onde se distenderia? Não permitirei que tu

¹⁰² DK22B30; trad. de COSTA (2012, p.135), com alterações.

¹⁰³ Cf. EGGERS LAN, 1984, p.14.

digas nem penses que do não ente: pois não é dizível nem pensável
que seja enquanto não é. E que Necessidade o teria impelido,
depois ou antes, a desabrochar começando do nada?¹⁰⁴

A listagem das reverberações filosóficas daquela fórmula épica poderia seguir extensamente, mas os exemplos acima são suficientes para acenar que a totalidade da experiência temporal (em termos de passado, presente e futuro) não é designada arcaicamente pelo termo grego χρόνος, mas por aquele mote formular. O emprego mais próximo disso pode ser encontrado na exposição de uma das aporias sobre χρόνος exposta por Aristóteles no quarto livro da Física. Questionando se o χρόνος “está entre as coisas que existem ou entre as que não existem [πότερον τῶν ὄντων ἐστὶν ἢ τῶν μὴ ὄντων], afirma que o χρόνος “não existe de modo absoluto” pois “por um lado ele <já> deixou de existir e não existe <mais> [γέγονε καὶ οὐκ ἔστιν], por outro ele, existirá, mas ainda não existe [μέλλει καὶ οὐπω ἔστιν]”¹⁰⁵.

Assim sendo, o χρόνος de Anaximandro não designa a totalidade de três instâncias temporais (passado, presente, futuro), mas tampouco designa o “meio neutro onde ocorrem as mudanças naturais”¹⁰⁶. Anaximandro não fala que algo acontece *no* (ἐν) tempo, mas segundo (κατά) a disposição do χρόνος¹⁰⁷; para ele, χρόνος é um agente regulador das transformações naturais. Nesse sentido, considerando que os termos τάξις e κόσμος pertencem ao mesmo registro semântico¹⁰⁸ e dado que posteriormente era quase um lugar comum associar χρόνος com οὐρανός, é fortemente sugestivo que κατὰ τὴν τοῦ χρόνου τάξιν esteja retomando τοὺς οὐρανοὺς καὶ τοὺς ἐν αὐτοῖς κόσμους, de modo que a disposição do tempo se refere aos ar-

¹⁰⁴ DK28B8.1–10; trad. SANTORO (2011, p.93).

¹⁰⁵ ARIST. *Phys.*217^b10, trad. PUENTE (2014, p.23).

¹⁰⁶ LLOYD, 1975, p.150.

¹⁰⁷ Cf. FRÄNKEL (1931, pp.1-3), *apud* EGGERS LAN, 1984, p.14, para quem o termo χρόνος, em Homero, “designa sempre uma duração, nunca um ponto; não se fala assim de ‘neste tempo’ ou de modo semelhante”.

¹⁰⁸ O léxico de Hesíoco, por exemplo, explica o significado de κόσμος citando a palavra τάξις. Cf. HSCH.*Lex.*K.3770: «<κόσμος> *καλλωπισμός rA, κατασκευή, *|τάξις gs, κατάστασις.».

ranjos celestes. Ao que tudo indica, Anaximandro teria sido o primeiro de uma longa tradição a fazer esta associação entre “tempo” e “céu”¹⁰⁹. Possivelmente propiciado pelo modo inovador com que ele representava a estrutura do cosmo ao dilacerar a rígida e metálica abóbada celeste em inúmeros aros de fogo proporcional e arquitetonicamente dispersos no espaço. Nessa astronomia geométrica, χρόνος seria o giro dessa estrutura. E aqui pouco importa que se recuse a leitura de Zeller e não se identifique o plural de οὐρανοί com o conjunto dos aros ardentes que compõe cada uma das regiões celeste; pouco importa que se identifique o plural diacronicamente com o conjunto dos céus que cada novo dia traz; *mutatis mutandis*, o céu de cada dia nada mais seria do que o resultado do giro daqueles aros ardentes.

Portanto, a expressão κατὰ τὴν τοῦ χρόνου τάξιν designa uma certa disposição dos arranjos celestes que propicia o domínio de um determinado elemento sobre o seu oposto, do mesmo modo como, para Empédocles, o “rodeio do tempo” (περιπλομένοιο χρόνοιο)¹¹⁰ propicia a alternada predominância entre Amor e Ódio. A alternância com que os elementos se dão justiça e retaliação uns contra os outros é regulada pela alternância dos giros dos arranjos celestes. É por isso que Anaximandro teria dito que a geração e a ruína dos entes ocorrem a partir dos arranjos celestes; e é igualmente por isso que o litígio dos elementos — que justifica ambos processos — ocorrem alternadamente segundo a disposição do tempo.

¹⁰⁹ Para a antiguidade da associação entre tempo e céu, a propósito da passagem 37d do *Timeu*, BRAGUE (2006, p.69, n.101) sinaliza os seguintes exemplos: Píndaro, *Olímpica* IV.2; Ístmica VIII.15; e Empédocles, DK31B17.29. Subscrevemos aqui sua leitura de que, para Platão, nessa passagem 37d do *Timeu*, o “tempo é o movimento do céu na medida em que este possui uma estrutura numérica” (*idem*, p.69). Não menos interessante, ademais, é a definição dada pelas *Definições* pseudoplatônicas: «Χρόνος ἡλίου κίνησις, μέτρον φορᾶς.» — “O Tempo é o movimento do sol, a medida do transporte” (trad. presente em BRAGUE, 2006, p.30).

¹¹⁰ Cf. DK28B17.29, trad. CAVALCANTE DE SOUZA (1978, p.224), com alterações: «ἐν δὲ μέρει κρατέουσι περιπλομένοιο χρόνοιο» — “em turnos predominam no rodeio do tempo”

CONCLUSÃO

Ao analisar o chamado fragmento DK12BI em seu contexto, argumentamos que o referente do pronome plural ὧν precisa ser identificado na frase imediatamente anterior a DK12BI, de modo que não haveria na primeira metade do fragmento uma contraposição entre ἐξ ὧν e εἰς ταῦτα e que os entes não se identificariam com os elementares poderes opostos visto que decorrem deles. Pretendíamos mostrar ainda que o litígio dos elementos da cláusula [1] justifica o que é expresso conjuntamente por [2] e [3] e que elas expressam cada uma das etapas da formação do mundo:

Anaximandro diz que ocorre a geração dos entes e se produz a ruína dos mesmos (segundo a necessidade) a partir dos céus com seus arranjos internos — surgidos, por sua vez [δὲ], a partir de certa natureza interminável distinta dos chamados elementos — pois os elementos alternadamente se dão (segundo a disposição do tempo) justiça e retaliação pela injustiça cometida — empregando deste modo termos poeticíssimos para tratar dos elementos.

[A.] λέγει δ' αὐτὴν μήτε ὕδωρ μήτε ἄλλο τι τῶν καλουμένων εἶναι στοιχείων, ἀλλ' ἑτέραν τινὰ φύσιν ἄπειρον, ἐξ ἧς ἅπαντας γίνεσθαι τοὺς οὐρανοὺς καὶ τοὺς ἐν αὐτοῖς κόσμους· ἐξ ὧν δὲ ἡ γένεσις ἐστι τοῖς οὐσι, καὶ τὴν φθορὰν εἰς ταῦτα γίνεσθαι κατὰ τὸ χρεῶν· διδόναι γὰρ αὐτὰ δίκην καὶ τίσιν ἀλλήλοις τῆς ἀδικίας κατὰ τὴν τοῦ χρόνου τάξιν, ποιητικωτέροις οὕτως ὀνόμασιν αὐτὰ λέγων·

A leitura partia da constatação de que SIMPL. *in Phys.* 24.13–25 continha uma série de termos anafóricos de referencialidade extremamente dúbia. Dependendo de como essa referencialidade era estabelecida, uma série de dificuldades aparecia. Procuramos encontrar uma leitura que articulasse cada uma dessas dificuldades dando razão de ser para cada uma delas.

Concentramo-nos estritamente em SIMPL. *in Phys.* 24.13–25 mas a leitura proposta também traz um ganho metodológico para o trato com os demais testemunhos doxográficos. É possível extrair da leitura proposta um critério organizacional, segundo o conteúdo, dos dispersos testemunhos doxográficos atribuídos a Anaximandro. Se Simplicio *in Phys.* 24.13–25 descreve as diversas etapas da formação do mundo e seus processos, podemos considerar

aqueles dispersos testemunhos pareados ao texto de Simplicio, segundo as δόξαι se refiram a este ou aquele momento da formação do mundo. Ora, tal como aparece em Simplicio, se ignoram: (a) os detalhes acerca da formação dos céus e seus arranjos¹¹¹ e ainda (b) os detalhes da geração e ruína dos entes, o que inclui (c) dos próprios seres vivos¹¹², dentre os quais o homem¹¹³. Tais detalhes só são encontrados nas versões paralelas ao texto do Simplicio, como em Hipólito, Pseudo-Plutarco e Aécio. Portanto, será nessa dispersa porém rica doxografia paralela que poderemos identificar não só os possíveis casos que exemplifiquem a ação cosmológica da justiça, como também as pistas para compreendermos os detalhes sobre a disposição do tempo¹¹⁴.

Assim, descrevendo as diversas etapas da formação do mundo, sua cosmologia é uma minuciosa descrição acerca do *modo* como estados presentes decorrem de estados passados, segundo um critério de sucessão causal, isto é, um princípio de “justiça” (δίκη) que regula as transformações que ocorrem na natureza. Nesse sentido, a cosmologia de Anaximandro representaria a emergência de uma nova concepção de temporalidade que não explica o que é, foi e

¹¹¹ É o Pseudo-Plutarco dos *Stromateis* quem nos informa como se formaram os οὐρανοί: a partir da separação dos opostos outrora contidos em um γόνιμος, “uma espécie de esfera de chamas se formou em volta do ar que circunda a Terra, como a casca em redor de uma árvore. Quando esta esfera estalou e se encerrou em determinados círculos, foi então que se formaram o Sol e a Lua e os Astros” (DK12A10 = [PLUT.] *Strom.* 2; citamos na tradução apresentada em KIRK, RAVEN e SCHOFIELD, 2008, p.131).

¹¹² Sobre a formação dos seres vivos nos informa Aécio com mais precisão (Cf. DK12A14 = Aet. IV.3.2), e Hipólito vagamente (DK12A11 = HIPPOL. *Ref.* 1.6.6): os primeiros seres vivos nasceram na umidade, envoltos em cascas espinhosas; com o tempo, sob a ação do sol, as cascas estalaram e passaram a habitar os lugares mais secos. O que não ocorreu de imediato, todavia, com os homens.

¹¹³ Como se formaram os homens é Plutarco quem explicita: os homens por um longo tempo no início de sua vida não sustentam a si próprios, precisando longo período de amamentação; daí Anaximandro dizer que no começo os homens nasceram de uma espécie diferente — nasceram de peixes! (Cf. DK12A30 = PLUT. *Symp.* VIII. 8, 4 P. 730 E).

¹¹⁴ Chama atenção nas três últimas notas que em todos os testemunhos citados se pressupõe ao menos — explicitamente ou não — uma certa noção de temporalidade, ou pelo menos uma noção de contiguidade espaço-temporal. É aberrante que esses testemunhos sejam tão pouco explorados para elucidar DK12B1, ainda mais quando se considera que um deles (DK12A14 = Aet. v.19.2) explicitamente menciona a palavras χρόνος.

será em termos da geração dos deuses, mas em termos de processos que se sucedem. E, por conseguinte, representaria a emergência de uma certa concepção de causalidade enquanto regra da sucessão.

Com efeito, Anaximandro trata do problema da geração e corrupção dos entes no interior de uma astronomia geométrica ocupada com o problema da passagem dos dias que tem nos arranjos dos corpos celestes sua melhor instância, para não dizer sua melhor representação: pois é pela influência dos arranjos dos οὐρανοί que ocorre o devir, e é nesse contexto que se dá a regulação do tempo (κατὰ τὴν τοῦ χρόνου τάξιν). É tentador relacionar esta regulação com os arranjos dos οὐρανοί quando consideramos que se trata de uma associação antiga para a cosmologia grega. Por exemplo, no *Timeu* 38b6 é dito que “o tempo nasceu junto com o céu” (Χρόνος δ’ οὖν μετ’ οὐρανοῦ γέγονεν); em *Física* 223b22, Aristóteles discute o fato de o tempo parecer “ser o movimento da esfera celeste” (δοκεῖ ὁ χρόνος εἶναι ἢ τῆς σφαίρας κίνησις); e no passo 22 do *Timeu*, fala-se das muitas destruições que a humanidade padecera e ainda padecerá de tempos em tempos por conta das variações dos corpos celestes que giram em torno da Terra, ocasionando ora insolação pelo excesso de fogo, ora dilúvio pelo excesso de água¹¹⁵.

Mas, diferente de Aristóteles, que nega ser o tempo *um* movimento mas algo *do* movimento¹¹⁶ e o define como “número *de* um movimento segundo o anterior e o posterior”¹¹⁷,

¹¹⁵ Cf. *Timeu*, 22c-d, trad. LOPES (2011, p.83):

πολλαὶ κατὰ πολλὰ φθοραὶ γεγόνασιν ἀνθρώπων καὶ ἔσονται, πυρὶ μὲν καὶ ὕδατι μέγιστα, μυρίαὶ δὲ ἄλλοις ἕτεροι βραχυτέροι. [...] τὸ δὲ ἀληθές ἐστι τῶν περὶ γῆν κατ’ οὐρανὸν ἰόντων παράλλαξις καὶ διὰ μακρῶν χρόνων γιγνομένη τῶν ἐπὶ γῆς πυρὶ πολλῶ φθορά.”

muitas foram as destruições que a humanidade sofreu e muitas mais haverá; as maiores pelo fogo e pela água, mas também outras menores por outras causas incontáveis. [...] pois a verdade é que os corpos que no céu giram à volta da terra sofrem uma variação e, de muito em muito tempo, sobrevém a destruição na terra por causa do excesso de fogo.

¹¹⁶ Cf. *Fis.* 218b: ὁ δὲ χρόνος οὐχ ὄρισται χρόνος, οὔτε τῷ ποσός τις εἶναι οὔτε τῷ ποιός. ὅτι μὲν τοίνυν οὐκ ἔστιν κίνησις, φανερόν· μηδὲν δὲ διαφερέτω λέγειν ἡμῖν ἐν τῷ παρόντι κίνησιν ἢ μεταβολήν.

¹¹⁷ *Fis.* 219b1-2: λέγομεν χρόνον· τοῦτο γάρ ἐστιν ὁ χρόνος, ἀριθμὸς κινήσεως κατὰ τὸ πρότερον καὶ ὕστερον.

Anaximandro parece identificar o tempo com os arranjos¹¹⁸ dos οὐρανοί — quer os entendamos verticalmente (consistindo nos diversos aros de fogo que compõe o céu, como quisera Zeller), quer horizontalmente (cada dia corresponderia a um céu distinto, e o tempo corresponderia, assim, à passagem dos sucessivos céus de cada dia). A ideia aristotélica de que a μεταβολή não é realizada *pele* tempo, mas ocorre *no* tempo parece ter se insurgido contra esta concepção. Parece ser sua inovação a ideia de que o tempo não é uma mudança e portanto não se identifica com o medidor, mas é essa medida numérica do movimento segundo o anterior e o posterior¹¹⁹. Mas se retirarmos o aspecto abstrato da definição, veremos facilmente aí a herança da teoria cosmológica inaugurada por Anaximandro. Sempre lidando com as questões do movimento, a cosmologia nada mais é do que uma descrição acerca do modo *como* aquilo que é (posterior) decorre daquilo que foi (anterior) — ou em função daquilo que será, se considerarmos a teleologia aristotélica. As características do presente são explicadas quando consideramos seu processo de formação no passado. Não é de espantar que, ao advento da concepção processual do tempo se atrele, igualmente, a emergência de uma certa ideia de causalidade (no sentido de uma regra da sucessão), cuja principal característica seria a contiguidade espaço-temporal.

Onde Aristóteles entendeu o tempo como número do movimento, Anaximandro o teria identificado com os arranjos dos οὐρανοί. Sua cosmologia conceberia χρόνος como um agente responsável pelas transformações da natureza, ou quando menos com um agente regulador.

¹¹⁸ No que concerne a SIMPL. *in Phys.* 24.13–25, a hipótese que levantamos depende certamente de uma investigação semântica dos termos οὐρανοί e κόσμοι. O decisivo, porém, está na aproximação semântica dos termos κόσμοι e τάξις.

¹¹⁹ Diríamos em termos modernos: o relógio não *é* o tempo, ele *marca* a duração do tempo; os movimentos de seus ponteiros expressam o número da duração de um certo tempo, mas não são o próprio tempo.

Tudo acontece *por causa do* tempo, e não simplesmente *no* tempo¹²⁰. O tempo *faz* algo, ó χρόνος ποιεῖ — poderíamos parafrasear Aristóteles ao revés. E este seria o seu ofício de realizador da existência: gerar e produzir a ruína de tudo o que há.

¹²⁰ Cf. *Física* 222^b16-27, Trad. PUENTE, 2014, p.45:

ἐν δὲ τῷ χρόνῳ πάντα γίνεταί καὶ φθείρεται· διὸ καὶ οἱ μὲν σοφώτατον ἔλεγον, ὁ δὲ Πυθαγόρειος Πάρων ἀμαθέστατον, ὅτι καὶ ἐπιλανθάνονται ἐν τούτῳ, λέγων ὀρθότερον. δῆλον οὖν ὅτι φθορᾶς μᾶλλον ἔσται καθ' αὐτὸν αἴτιος ἢ γενέσεως, καθάπερ ἐλέχθη καὶ πρότερον (ἐκστατικὸν γὰρ ἢ μεταβολὴ καθ' αὐτήν), γενέσεως δὲ καὶ τοῦ εἶναι κατὰ συμβεβηκός. σημεῖον δὲ ἰκανὸν ὅτι γίνεταί μὲν οὐδὲν ἄνευ τοῦ κινεῖσθαι πῶς αὐτὸ καὶ πράττειν, φθείρεται δὲ καὶ μηδὲν κινούμενον. καὶ ταύτην μάλιστα λέγειν εἰώθαμεν ὑπὸ τοῦ χρόνου φθοράν. οὐ μὴν ἄλλ' οὐδὲ ταύτην ὁ χρόνος ποιεῖ, ἀλλὰ συμβαίνει ἐν χρόνῳ γίνεσθαι καὶ ταύτην τὴν μεταβολήν.

No tempo, todas as coisas se geram e se corrompem, por isso alguns o denominam “o mais sábio”; o pitagórico Paron, entretanto, denominava-o, mais corretamente, o “mais ignorante”, porque é também nele que esquecemos. É evidente, portanto, que <o tempo> por si mesmo, será antes causa da corrupção que da geração, como também havíamos dito anteriormente (pois a mudança, por si mesma, é um exteriorizar <potencialidades>). Da geração, contudo, ele <será causa> por acidente. Um indício suficiente disso é o fato de que nada pode gerar, sem que de algum modo se mova ou aja, mas pode corromper mesmo sem ser movido. E é isso, sobretudo, que costumamos denominar corrupção pelo tempo. Tampouco é o tempo que faz isso, mas ocorre que esta mudança acontece em um tempo.

ANEXOS

ANEXO I — SIMPLÍCIO: *Comentário à Física de Aristóteles*, 24, 13–25 (DK12A9 + DK12B1)

Τῶν δὲ ἐν καὶ κινούμενον καὶ ἄπειρον λεγόντων Ἄναξιμανδρος μὲν Πραξιάδου Μιλήσιος Θαλοῦ γενόμενος διάδοχος καὶ μαθητῆς ἀρχὴν τε καὶ στοιχεῖον εἶρηκε τῶν ὄντων τὸ ἄπειρον, πρῶτος τοῦτο τοῦνομα κομίσας τῆς ἀρχῆς. λέγει δ' αὐτὴν μήτε ὕδωρ μήτε ἄλλο τι τῶν καλουμένων εἶναι στοιχείων, ἀλλ' ἑτέραν τινὰ φύσιν ἄπειρον, ἐξ ἧς ἅπαντας γίνεσθαι τοὺς οὐρανοὺς καὶ τοὺς ἐν αὐτοῖς κόσμους· ἐξ ὧν δὲ ἡ γένεσις ἐστὶ τοῖς οὐσί, καὶ τὴν φθορὰν εἰς ταῦτα γίνεσθαι κατὰ τὸ χρεῶν· δίδοναι γὰρ αὐτὰ δίκην καὶ τίσιν ἀλλήλοις τῆς ἀδικίας κατὰ τὴν τοῦ χρόνου τάξιν, ποιητικωτέροις οὕτως ὀνόμασιν αὐτὰ λέγων· δῆλον δὲ ὅτι τὴν εἰς ἄλληλα μεταβολὴν τῶν τεττάρων στοιχείων οὗτος θεασάμενος οὐκ ἠξίωσεν ἐν τι τούτων ὑποκείμενον ποιῆσαι, ἀλλὰ τι ἄλλο παρὰ ταῦτα. οὗτος δὲ οὐκ ἀλλοιούμενου τοῦ στοιχείου τὴν γένεσιν ποιεῖ, ἀλλ' ἀποκρινομένων τῶν ἐναντίων διὰ τῆς αἰδίου κινήσεως.

Dentre os que disseram [ser] uno, móvel e interminável, o milésio Anaximandro — filho de Praxiades, sucessor e aprendiz de Tales — afirmou que a origem e também o elemento dos entes era o interminável, sendo o primeiro introdutor deste termo como origem. E diz que ela não é água nem nenhum outro dos chamados elementos, mas certa natureza interminável diferente, da qual se geram todos os céus e os arranjos dentro deles; dos quais, ainda, há a geração dos entes e a ruína se gera para os mesmos, segundo a necessidade; pois eles se dão alternadamente justiça e retaliação pela injustiça, segundo a disposição do tempo — dizendo deles deste modo com nomes poeticíssimos. É evidente que, tendo observado a transformação alternada dos quatro elementos, não considerou fazer nenhum deles de substrato, mas outra coisa diferente deles. Não fez da geração uma alteração dos elementos, mas uma separação dos contrários devido ao movimento eterno.

ποιεῖ δὲ καὶ τάξιν τινὰ καὶ χρόνον ὠρισμένον τῆς τοῦ κόσμου μεταβολῆς κατὰ τινὰ εἰμαρμένην ἀνάγκην.

2

Simplific. in phys. f. 6^r 36—54.

Τῶν δὲ ἐν καὶ κινούμενον καὶ ἄπειρον λεγόντων Ἀναξίμανδρος μὲν Πραξιάδου Μιλήσιος Θαλοῦ γενόμενος διάδοχος καὶ μαθητῆς ἀρχὴν τε καὶ στοιχεῖον εἶρηκε τῶν ὄντων τὸ ἄπειρον, πρῶτος τοῦτο τοῦνομα κομίσας τῆς ἀρχῆς· λέγει δὲ αὐτὴν μήτε ὕδωρ μήτε ἄλλο τι τῶν καλουμένων εἶναι στοιχείων, ἀλλ' ἑτέραν τινὰ φύσιν ἄπειρον, ἐξ ἧς ἅπαντας γίνεσθαι τοὺς οὐρανοὺς καὶ τοὺς ἐν αὐτοῖς κόσμους· ἐξ ὧν δὲ ἡ γένεσις ἐστὶ τοῖς οὐσί, καὶ τὴν φθορὰν εἰς ταῦτα γίνεσθαι κατὰ τὸ χρεῶν, διδόναι γὰρ αὐτὰ δίκην καὶ τίσιν ἀλλήλοις τῆς ἀδικίας κατὰ τὴν τοῦ χρόνου τάξιν, ποιητικωτέροις οὕτως ὀνόμασιν αὐτὰ λέγων. ὁῦλον δὲ ὅτι τὴν εἰς ἀλλήλα μεταβολὴν τῶν τεσσάρων στοιχείων οὕτως θεασάμενος οὐκ ᾔξίωσεν ἐν τι τούτων ὑποκείμενον ποιῆσαι, ἀλλὰ τι ἄλλο παρὰ ταῦτα. οὗτος δὲ οὐκ ἀλλοιούμενου τοῦ στοιχείου τὴν γένεσιν ποιεῖ, ἀλλ' ἀποκρινόμενων τῶν ἐναντίων διὰ τῆς ἀιδίου κινήσεως. διὸ καὶ τοῖς περὶ Ἀναξαγόραν τοῦτον ὁ Ἀριστοτέλης συνέταξεν. Ἀναξιμένης δὲ Εὐρύστρατου Μιλήσιος ἑταῖρος γεγονώς Ἀναξιμάνδρου μίαν μὲν καὶ αὐτὸς τὴν ὑποκειμένην φύσιν καὶ ἄπειρόν φησιν, ὥσπερ ἐκεῖνος, οὐκ ἀόριστον δὲ ὥσπερ ἐκεῖνος, ἀλλὰ ὠρισμένην,

1 καὶ ante χρόνον aF: παρὰ E: περὶ BD. sed cf. Diog. VIII 84 Ἰππασος. . . ἔφη δὲ χρόνον ὠρισμένον εἶναι τῆς τοῦ κόσμου μεταβολῆς || 2 ἀνάγκην glossema nunc putat Usener

4 διάδοχος καὶ μαθητῆς Simplificio videtur deberi successionum scriptorum morem secuto. Theophrasto licuit dicere Θαλοῦ πολίτης καὶ ἑταῖρος cf. Simplific. d. cael. p. 273^b 39 Karst. p. 514^a 26 Br. Cic. Lucull. 37 118 [Prol. p. 119] || repetit Simplificus Theophrasteum locum aliis verbis infra f. 32^v 10 οὐδὲ κατὰ ἀλλοίωσιν τοῦ ὑποκειμένου τὰς γενέσεις ἀποδιδόσιν, ἀλλὰ κατὰ ἔκκρισιν. ἐνούσας γὰρ τὰς ἐναντιότητας ἐν τῇ ὑποκειμένῃ ἀπείρῳ ὄντι σώματι [sic DEF: σώματι a] ἔκκρινεσθαι φησιν Ἀναξίμανδρος πρῶτος αὐτὸς ἀρχὴν ὀνόμασας τὸ ὑποκείμενον. cf. Hippol. 6 2 [Prol. p. 133] || 5 πρῶτον B || αὐτὸ τοῦνομα scripsit Usener ex alterius Simplificiani loci lectione αὐτὸς || καὶ μίσας B unde noli καινίσας cf. Arist. p. 159^b 30, 1096^a 17 || 6 λέγει δ' aF: λέγει δὲ καὶ DE || τι om. a || cum Theophrasto comparandus Arist. Phys. III 4 p. 203^a 16 οἱ δὲ περὶ φύσεως ἅπαντες ἀεὶ ὑποτιθέασιν ἑτέραν τινὰ φύσιν τῇ ἀπείρῳ τῶν

λεγομένων στοιχείων ὅσον ὕδωρ ἢ ἀέρα ἢ τὸ μεταξὺ τούτων cf. Prol. p. 180¹ || 7 pro εἶναι scripsit νυνὶ Usener || φύσιν κτλ. cf. Hippol. 6 1 φύσιν τινὰ τοῦ ἀπείρου ἐξ ἧς γίνεσθαι τοὺς οὐρανοὺς καὶ τοὺς ἐν αὐτοῖς κόσμους Plut. Stromat. 2 Ast. I 3 3 [Prol. p. 133]. Theophrasti eiusdem loci breviorē memoriā servavit Simplific. infra f. 9^v 3 Ἀναξίμανδρος ὁ Πραξιάδου Μιλήσιος ἀπείρῳ τινὰ φύσιν ἄλλην οὖσαν τῶν τεσσάρων στοιχείων ἀρχὴν ἔθετο, ἧς τὴν ἀίδιον κίνησιν αἰτίαν εἶναι τῆς τῶν οὐρανῶν [οὐρανῶν E^a: ἀνῶν DEF: ὄντων a] γενέσεως ἔλεγε [Prol. p. 133] || 9 ταῦτά Schleiermacher || κατὰ om. E || 10 δίκην καὶ τίσιν BDEE^a: τίσιν καὶ δίκην aF || ἀλλήλοις om. a || 11 οὕτως DEE^a: om. reliqui. de hoc loco cf. Prol. p. 219 || 13 παρ' αὐτὰ E^a || 14 cf. adnotata ad vv. 5 et 7 || 17 καὶ αὐτὸς BDEE^aF: om. a: καὶ οὗτος scripsit Usener. sed cf. Simpl. f. 9^v 5 et de cael. p. 303^b 10 Karst. || 18 ὥσπερ ἐκεῖνος inclusit Usener || ἀόριστον Theophrasti propria de Anaximandri ἀπείρῳ praedicatio cf. Luetze ueber das ΑΠΕΙΡΟΝ Anaximanders p. 72 sqq. || ἀλλὰ BDEE^a: ἀλλὰ καὶ aF

ἀέρα λέγων αὐτήν· διαφέρειν δὲ μανότητι καὶ πυκνότητι κατὰ τὰς οὐσίας, καὶ ἀραιούμενον μὲν πῦρ γίνεσθαι, πυκνούμενον δὲ ἄνεμον, εἶτα νέφος, ἔτι δὲ μᾶλλον ὕδωρ, εἶτα γῆν, εἶτα λίθους, τὰ δὲ ἄλλα ἐκ τούτων· κίνησιν δὲ καὶ οὗτος αἰδίον ποιεῖ, δι' ἣν καὶ τὴν μεταβολὴν γίνεσθαι. καὶ Διογένους δὲ ὁ Ἀπολλωνιάτης σχεδὸν νεώτατος ὅ γε γινώσκων τῶν περὶ ταῦτα σχολασάντων τὰ μὲν πλεῖστα συμπεφορημένως γέγραφε τὰ μὲν κατὰ Ἀναξαγόραν, τὰ δὲ κατὰ Λεύκιππον λέγων· τὴν δὲ τοῦ παντὸς φύσιν ἀέρα καὶ οὗτος φησὶν ἄπειρον εἶναι καὶ αἰδίον, ἐξ οὗ πυκνουμένου καὶ μανουμένου καὶ μεταβάλλοντος τοῖς πάθεσι τὴν τῶν ἄλλων γίνεσθαι μορφήν. καὶ ταῦτα μὲν Θεόφραστος ἱστορεῖ περὶ τοῦ Διογένους.

3

Simplic. in phys. f. 6^v 4—18.

Τῶν δὲ πλείους λεγόντων οἱ μὲν πεπερασμένας, οἱ δὲ ἀπείρους ἔθεντο τῶν πλήθει τὰς ἀρχάς, καὶ τῶν πεπερασμένων οἱ μὲν δύο ὡς Παρμενίδης ἐν τοῖς πρὸς δόξαν πῦρ καὶ γῆν (ἢ μᾶλλον φῶς καὶ σκότος), ἢ ὡς οἱ Στωικοὶ θεὸν καὶ ὕλην οὐχ ὡς στοιχεῖον δηλονότι τὸν θεὸν λέγοντες, ἀλλ' ὡς τὸ μὲν ποιοῦν, τὸ δὲ πάσχον, οἱ δὲ τρεῖς ὡς ὕλην καὶ τὰ ἐναντία Ἀριστοτέλης, οἱ δὲ τέσσαρας ὡς Ἐμπεδοκλῆς ὁ Ἀκραγαντῖνος οὐ πολὺ κατόπιν τοῦ Ἀναξαγόρου γεγονώς, Παρμενίδου δὲ ζηλωτῆς καὶ πλησιαστῆς καὶ ἔτι μᾶλλον τῶν Πυθαγορείων·

1 διαφέρειν aE^aF: διαφέρει DE || eadem repetit Simplic. infra f. 32^r 46 Ἀναξιμένης ἀραιούμενον μὲν τὸν ἀέρα πῦρ γίνεσθαι φησὶ, πυκνούμενον δὲ ἄνεμον, εἶτα νέφος, εἶτα ἔτι μᾶλλον ὕδωρ, εἶτα γῆν, εἶτα λίθους, τὰ δὲ ἄλλ' ἐκ τούτων. ἐπὶ γὰρ τούτου μόνου [πρώτου emendavit Usener Prol. p. 164²] Θεόφραστος ἐν τῇ ἱστορίᾳ τὴν μάνωσιν εἰρήκε καὶ τὴν [τὴν om. D] πύκνωσιν. idem f. 9^v 5 post ea quae supra ad v. 5 attuli: καὶ Ἀναξιμένης δὲ [ὁ add. aF] Ἐδουστράτου Μιλήσιος καὶ αὐτὸς ἀρχὴν ἔθετο μίαν [μίαν ἔθετο aF] καὶ ἄπειρον, ἀέρα ταύτην λέγων, ἐξ οὗ ἀραιούμενον καὶ πυκνουμένου τὰ ἄλλα γίνεσθαι cf. Hippol. 7 3 [Prol. p. 135] et Cic. Lucull. 37 118 [Prol. p. 119] || 2 διαιρούμενον vulgo: correxi ex Simpl. f. 9^v 6 || 4 καὶ οὗτος ut Anaximander cf. p. 477, 15 Prol. p. 135 || 5 Anaximeni Diogenem adiungit Theophrastus Aristotelis exemplo Met. A 3 p. 984^a 5 || 5 σχεδὸν nam νεώτατος est Archelaus fr. 4 cf. Krische p. 166 || 6 συμπεφορημένως vulgo: συμπεφορημένος BE^a voce Platonica [Leg. 805 E 693 A Phaedr. 253 E Phil. 64 E] etiam Epicurus ad *eclecticam* rationem significan-

dam usus est cf. Gomperz Sitzungsber. d. Wien. Akad. ph.-h. Cl. LXXXIII p. 6 v. Prol. p. 81⁴ || 7 γέγραφε aBE^aF: ἔγραψε DE || 9 πυκνουμένου καὶ μανουμένου cf. Diog. IX 57 τὸν τ' ἀέρα πυκνούμενον καὶ ἀραιούμενον γεννητικὸν εἶναι τῶν κόσμων

13 ὡς DEE^a: ὡςπερ ceteri || Παρμενίδης cf. fr. 6 || 14 ἢ μᾶλλον BDEE^aF: μᾶλλον δὲ a || φῶς om. E || 16 ὡς delevit post τρεῖς et inseruit post τὰ ἐναντία Torstrik || τῶν ante πυθαγορείων addit D || 17 κατόπιν Aristotelis vox ignota, usurpata a Theophrasto H. pl. VII 13 7 εὐθὺς κατόπιν || 18 ζηλωτῆς καὶ πλησιαστῆς (πλησιαστῆς E) DEE^a: πλ. x. ζ. aF || cf. Diog. VIII 55 ὁ δὲ Θεόφραστος Παρμενίδου φησὶ ζηλωτὴν αὐτὸν [Empedoclem] γενέσθαι καὶ μμητὴν ἐν τοῖς ποιήμασι· καὶ γὰρ ἐκεῖνον ἐν ἔπεισι τὸν περὶ φύσεως λόγον ἐξενεγκεῖν || καὶ ἔτι μᾶλλον aDEE^a: μᾶλλον δὲ BF || τῶν DEE^a: om. aF || narratio de Pythagoreorum disciplina a Theophrasto aut aliena est (cf. Krische p. 117) aut certe immutata redditur a Simplicio, velut Alcidasantis similis relatio a Laertio l. c. 56

ANEXO 4 — Paralelo entre Ps.-Plutarco (*Placita*) e Estobeu (*Eclogiae*): a reconstituição dos *Placita* de Aécio nos *Doxographi Graeci* de Diels (*Dox.*277 e *Dox.*302)

AETII PLAC. I 8 2-3
PLUTARCHI EPIT. I 3 STOBÆI ECL. I 10 2. 12

277

E XIV 14 1.

Διὰ τοῦτο καὶ Ὀμηρος ταύτην τὴν 2
γνώμην ὑποτίθεται περὶ τοῦ ὕδατος·
ὠκεανὸς ὥσπερ γένεσις πάντεσσι
5 τέτυκται.

ὠκεανός ὅ' ὥσπερ γένεσις πάντεσσι
τέτυκται.

E XIV 14 2

Ἄναξίμανδρος δὲ ὁ Μιλήσιός φησι 3
τῶν ὄντων τὴν ἀρχὴν εἶναι τὸ ἄπειρον·
ἐκ γὰρ τούτου πάντα γίνεσθαι καὶ εἰς
10 τοῦτο πάντα φθειρέσθαι· διὸ καὶ γεν-
νᾶσθαι ἀπείρους κόσμους καὶ πάλιν
φθειρέσθαι εἰς τὸ ἐξ οὗ *γίνεται*.
λέγει γοῦν διότι ἀπέραντόν ἐστιν, ἵνα
μηδὲν ἐλλείπη ἢ γένεσις ἢ ὑφισταμένη.
15 ἁμαρτάνει δὲ οὗτος μὴ λέγων τί ἐστι

Ἄναξίμανδρος δὲ Πραξιᾶδου Μι-
λήσιός φησι τῶν ὄντων ἀρχὴν εἶναι
τὸ ἄπειρον· ἐκ γὰρ τούτου πάντα γί- 5
νεσθαι καὶ εἰς τοῦτο πάντα φθειρέ-
σθαι. διὸ καὶ γεννᾶσθαι ἀπείρους
κόσμους καὶ πάλιν φθειρέσθαι εἰς τὸ
ἐξ οὗ *γίνεται*. λέγει γοῦν διότι
ἀπέραντόν ἐστιν, ἵνα μηδὲν ἐλλείπη 10
γένεσις ἢ ὑφισταμένη. ἁμαρτάνει δὲ

2 de § 2 dixi Prol. p. 95 || 3 γνώμην E
¶ γνώμην mrg. A pr. m.: γένεσιν ABC cf.
Prol. p. 9. 34 || 7 de fonte cf. Prol. p. 133.
179 || 12 εἰς om. E || γίνεται E(A)C: γίνον-
ται B cf. Prol. p. 50 || 13 γοῦν A: ὅ' οὖν E:
οὖν BC || διότι τὸ ἀπέραντον E: διὰ τί ἄπειρον
(A)BC || 14 καὶ ἢ γένεσις E at cf. Prol.
p. 180 || 15 καὶ οὗτος E

1 versus a Stobaeo poeticis c. 10 eclogis
insertus est

3 προξιάδου A

4 τὴν ante τῶν addidit Heeren, debuit
post ὄντων. sed cf. § 4

9 γίνονται Heeren. sed cf. Prol. p. 50 ||
γοῦν F: οὖν C || 10 ἀπέραντον A

11 ἢ ante γένεσις add. Heeren

TESTIMONIA PLUTARCHI

ἀναλύεσθαι. Idem c. 5 ὁ πρεσβύτατος τῶν
κατ' αὐτοὺς ἀπάντων Θαλῆς ἀρχὴν τῶν ὄντων
ὕδωρ εἶναι λέγει. ἐξ ὕδατος γὰρ φησι τὰ πάντα
εἶναι καὶ εἰς ὕδωρ ἀναλύεσθαι τὰ πάντα. στο-
χάζεται δὲ πρῶτον μὲν ἀπὸ τοῦ πάντων τῶν
ζώων τὴν γοῆν ἀρχὴν οὖσιν ὑγρὰν εἶναι, δεύ-
τερον δὲ ὅτι πάντα τὰ φυτὰ ὑγρῷ τρέφεται καὶ
καρποφορεῖ, ἀμοιροῦντα δὲ τοῦ ὑγροῦ ἐτραίνε-
ται. Philo interpolatus de provid.
I 22 *Thales Milesius aquam.*

2 [Instim.] l. c. c. 5 εἰθ' ὥσπερ μὴ ἀρκού-
μενος οἷς στοχάζεται καὶ τὸν Ὀμηρον ὡς
ἀξιόπιστον μαρτύρεται οὕτως λέγοντα 'ὠκεα-
νός — τέτυκται.'

3 [Instim.] c. 3 Ἄναξίμανδρος δὲ μετὰ
τούτον ἀπὸ τῆς αὐτῆς ὀρμώμενος Μιλήτου τὸ
ἄπειρον ἀρχὴν ἀπάντων ἐφησεν εἶναι ἐκ τού-
του γὰρ δὴ τὰ πάντα γίνεσθαι καὶ εἰς τοῦτο τὰ
πάντα φθειρέσθαι. Philo l. c. *Anaximander
Milesius infinitum.*

- στοιχειώδους ὕγροῦ δύναμιν θεῖαν κινητικὴν αὐτοῦ.
- Ἄναξιμανδρος τοὺς ἀπείρους οὐ- 12 Ἄναξιμανδρος ἀπεφήνατο τοὺς ἀπείρους οὐρανούς θεούς.
- 13 Ἄναξιμένης τὸν ἀέρα. δεῖ δ' ὁ ὑπακούειν ἐπὶ τῶν οὕτως λεγομένων τὰς ἐνδιηκούσας τοῖς στοιχείοις ἢ τοῖς σώμασι δυνάμεις.
- 14 Ἀρχέλαος ἀέρα καὶ νοῦν τὸν θεόν, ὃ μέντοι κοσμοποιὸν τὸν νοῦν. 10
- 15 Ἄναξαγόρας νοῦν κοσμοποιὸν τὸν θεόν.
- Δημόκριτος νοῦν τὸν θεὸν ἐν 16 Δημόκριτος νοῦν τὸν θεὸν ἐν πυρὶ σφαιροειδεῖ.
- 6 τὴν τοῦ κόσμου ψυχὴν. 17 Διογένης καὶ Κλεάνθης καὶ 18 Οἰνοπίδης τὴν τοῦ κόσμου ψυχὴν.
- Πυθαγόρας τῶν ἀρχῶν τὴν μο- 18 Πυθαγόρας τῶν ἀρχῶν τὴν [μὲν] νάδα θεὸν καὶ τάγαθόν, ἥτις ἐστὶν μονάδα θεὸν καὶ τάγαθόν, ἥτις ἐστὶν ἢ τοῦ ἐνὸς φύσις, αὐτὸς ὁ νοῦς· τὴν ἢ τοῦ ἐνὸς φύσις, αὐτὸς ὁ νοῦς, καὶ τὴν ἀόριστον δυάδα δαίμονα καὶ τὸ κα- 20 κόν, περὶ ἣν ἐστὶ τὸ ὕλικόν πλῆθος. περὶ ἣν ἐστὶ τὸ ὕλικόν πλῆθος.
- 19 Προσειδώνιος πνεῦμα νοερὸν καὶ πυρῶδες, οὐκ ἔχον μὲν μορφὴν μετα-

1 ἀπείρους νοῦς G: ἀπείρους κόσμους Cyrill.: ἀστέρας οὐρανίους (E)(A)BC cf. Prol. p. 11 || 3 νοῦν τὸν om. E || ἐν πυρὶ σφαιροειδεῖ (σφαιροειδῆ E) EG Cyrill.: ἐμπυροειδῆ (A)BC || 5 male continuavit Plutarchus Democrito cf. Prol. p. 63 || τοῦ om. E [cfr. 1] || 6 τὴν EGA: τὴν μὲν BC || 8 ὁ om. C || 9 δυάδα καὶ E || 10 post πλῆθος addunt ἐστὶ δὲ καὶ ὁρατὸς ὁ κόσμος (A)BC: om. E. novit interpolationem iam G qui contraxit περὶ ἣν ἐστὶν ὁ ὁρατὸς κόσμος. cf. I 11 2

5 δεῖ sic A: χρῆ rec. man. superscr. in F
7 ἐνδιηκούσας C: ἐνδοικούσας F cf. §§ 11.
30. 33 Meineke adn. crit. ad ecl. I p. xvii
17 μὲν A: inclusi cf. v. 19 καὶ
18 τοῦ νοῦς A quod frustra tutabatur
Heeren: corr. Meineke
20 δαίμονα post δυάδα addidit Heeren

TESTIMONIA PLUTARCHI

7 12 Cyrill. l. c. post §§ 16. 17 Ἄναξιμανδρος δὲ οἶμον ὥσπερ ἑτέραν ὁλοτρόπως ἰῶν θεὸν διορίζεται εἶναι τοὺς ἀπείρους κόσμους οὐκ οἶδ' ὅτι λέγων.

16. 17 Idem post § 11 Δημόκριτος δὲ ὁ Ἀβδηρίτης συμφέρεται μὲν κατὰ τι, προσεπάγει δὲ τι καὶ ἕτερον· νοῦν μὲν γὰρ εἶναι τὸν θεὸν ἰσχυρίζεται καὶ αὐτόν, πλὴν ἐν πυρὶ σφαιροειδεῖ, καὶ αὐτὸν εἶναι τὴν τοῦ κόσμου ψυχὴν.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A. EDIÇÕES E TRADUÇÕES DE TEXTOS ANTIGOS

PRÉ-SOCRÁTICOS

BORNHEIM, Gerd A.

— *Os Filósofos Pré-socráticos*. 15^a. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

CAVALCANTE DE SOUZA, J.

— *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. [Os Pensadores]

COLLI, Giorgio

— *La sapienza greca I: Dioniso, Apolo, Eleusi, Orfeo, Museo, Iperborei, Enigma*. Milano: Adelphi Edizioni, 1977. [trad. bras.: *A sabedoria grega (I): Dioniso, Apolo, Elêusis, Orfeu, Museu, Hiperbóreos, Enigma*. Tradução Renato Ambrósio. São Paulo: Paulus, 2012.]

— *La sapienza greca II: Epimenides, Farcide, Talete, Anassimandro, Anassimene, Onomacrito; Teofrasto, Opinioni dei físicos I*. Milano: Adelphi Edizioni, 1978. [trad. bras.: *A sabedoria grega (II): Epimênides, Farécides, Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Onomácrito; Teofrasto, Opiniões dos Físicos I*. Tradução Renato Ambrósio. São Paulo: Paulus, 2013.]

CONCHE, Marcel.

— *Anaximandre: Fragments et Témoignages*. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

COSTA, Alexandre.

— *Heráclito: fragmentos contextualizados*. Tradução, estudo e comentários Alexandre Costa. São Paulo: Odisseus, 2012.

DIELS, H.

— *Doxographi graeci*. Berolini: G. Reimer, 1879.

DIELS, H. & KRANZ, W.

— *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 6^a ed. Zürich: Weidmann, 1952 (2004). 3.v.

EUDORO DE SOUSA.

— “Fontes da História da Filosofia Antiga”, *Revista Brasileira de Filosofia*, vol. IV, fasc. I, São Paulo, 1954, pp. 96-123.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M.

— *Os filósofos pré-socráticos*. História Crítica com Seleção de Textos. Tradução de Carlos Alberto Louro Fonseca. 6^a. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

SANTORO, Fernando.

- *Filósofos épicos I: Parmênides e Xenófanes, fragmentos*. Edição do texto grego, tradução e comentários Fernando Santoro; revisão científica Néstor Cordero. Rio de Janeiro: Hexis; Fundação Biblioteca Nacional, 2011.

HOMERO

Ilíada

ALLEN, Thomas.

- *Homeri Ilias*. Edidit Thomas W. Allen. Oxonii: Typographeo Clarendoniano, 1930. 2v.

LOURENÇO, Frederico.

- *Ilíada*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e apêndices de Peter Jones; introdução à edição de 1950 E. V. Rieu. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2013.

HESÍODO

Os Trabalhos e os Dias

SOLMSEN, F.; MERKELBACH, R.; WEST, M. L.

- *Hesiodi Theogonia; Opera et dies; Scutum*. Edidit Friedrich Solmsen. Fragmenta selecta / ediderunt R. Merkelbach et M. L. West. Oxonii: Typographeo Clarendoniano, 1970.

MOURA, Alessandro Rolim de.

- *Os trabalhos e os dias*. Edição, tradução, introdução e notas: Alessandro Rolim de Moura. Curitiba: Segesta, 2012. [Raízes do pensamento econômico; 2]

Teogonia

SOLMSEN, F.; MERKELBACH, R.; WEST, M. L.

- *Hesiodi Theogonia; Opera et dies; Scutum*. Edidit Friedrich Solmsen. Fragmenta selecta / ediderunt R. Merkelbach et M. L. West. Oxonii: Typographeo Clarendoniano, 1970.

WERNER, Christian.

- *Teogonia*. Trad. e introd. Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.

TEÓGNIS

Elegias

GRONINGEN, B. A. Van

- *Theognis*. Le premier livre édité avec un commentaire. Amsterdam: Noord-Hollandsche Uitg. Mij, 1966.

HERÓDOTO**Histórias**

LEGRAND, Ph.-E.

— *Histoires*: Livre I, Clio. Texte établi et traduit par Ph.-E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1932.

FERREIRA, José R.; SILVA, Maria de Fátima

— *Histórias*: Livro I. Introdução geral de Maria Helena da Rocha Pereira; introdução ao Livro I, versão do grego e notas de José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva. Lisboa: Edições 70, 2002.

ÉSQUILO**Prometeu Acorrentado**

ALMEIDA, Guilherme de; VIEIRA, Trajano

— *Três tragédias gregas*: Antígone, Prometeu prisioneiro, Ájax. Com a participação especial de Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MURRAY, G

— *Aeschyli septem quae supersunt tragoediae*. Recensuit Gilbertus Murray. Accedunt tetralogiarum ad has fabulas pertinentium fragmenta elegiae, poetae vita, operum catalogus, Suidae et marmoris Parii testimonia. Oxonii: Typographeo Clarendoniano, 1955.

PLATÃO**Timeu**

BURNET, J.

— *Platonis Opera*: 4, Tetralogiam VIII (continens: Clitopho, Res publica, Timaeus, Critias). Oxonii: Typographeo Clarendoniano, 1954.

LOPES, Rodolfo.

— *Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas: Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

ARISTÓTELES**Da Geração e Corrupção**

CHORÃO, Francisco.

— *Sobre a Geração e Corrupção*. Tradução de Francisco Chorão. Revisão científica de Revisão científica de Alberto Bernabé Pajares. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009. [OBRAS COMPLETAS DE ARISTÓTELES, Volume II, Tomo III]

MUGLER, C.

— *De la génération et de la corruption*. Texte établi et traduit par Charles Mugler. Paris: Les Belles Lettres, 1966.

Física

ANGIONI, Lucas.

— *Física I-II*. Prefácio, introdução, tradução e comentários L. Angioni. Campinas: Ed. UNICAMP, 2009.

PUENTE, F. Rey; BORACAT Júnior, J.

— *Tratados sobre o tempo: Aristóteles, Plotino e Agostinho*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

ROSS, W. D.

— *Aristotle's physics*. A revised text with introduction and commentary by W. D. Ross. Oxford: Clarendon press, 1936.

Metafísica

ANGIONI, Lucas.

— *Metafísica I, II e III*. Tradução, notas e comentários: L. Angioni. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2008. [Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 15]

— “Metafísica, IV(Δ) 1-8”, *Phaos*, 2003, pp.5-21.

ROSS, W. D.

— *Aristotle's Metaphysics*. A revised text with introduction and commentary by W. D. Ross. Oxford: Clarendon press, 1924 (1981).

SIMPLÍCIO

Comentário à Física de Aristóteles

EDIÇÃO ALDINA

— ΣΙΜΠΛΙΚΙΟΥ ΥΠΟΜΝΗΜΑΤΑ ΕΙΣ ΤΑ ΟΚΤΩ ΑΡΙΣΤΟΤΕΛΟΥΣ ΦΥΣΙΚΗΣ ΑΚΡΟΑΣΕΩΣ. Simplicii Commentarii in octo Aristotelis Physicae auscultationis libros cum ipso Aristotelis textu. Venetiis in Aedibus Aldi, & Andreae Asulani soceri, mensæ Octobri, 1526 [Venezia : Aldo Manuzio il vecchio e Andrea Torresano, 1526]. Disponível em <<https://archive.org/details/hin-wel-all-00001528-001>>, acesso em 22/12/2015.

DIELS, Hermann

— *Simplicii in Aristotelis Physicorum libros quattuor priores commentaria*. Edidit Hermannus Diels. Berolini: typis et impensis G. Reimeri, 1882. [Commentaria in Aristotelem Graeca, Vol. IX]

B. ESTUDOS

BERNABÉ, A.

- “Κατὰ τὴν τοῦ χρόνου τάξιν. El tiempo en las cosmogonías presocráticas”, *Emerita*, 58, n.1, 1990, 61-98.

BRAGUE, Rémi.

- *O Tempo em Platão e Aristóteles*. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2006.

BURNET, John.

- *A aurora da filosofia grega*. Tradução Vera Ribeiro; revisão da tradução Agatha Bacelar; tradução das citações em grego e latim Henrique Cairus, Agatha Bacelar, Tatiana Oliveira Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

BURKERT, Walter.

- “Platão ou Pitágoras: sobre a origem do termo “filosofia””, introdução e tradução de Carolina Araújo, *Kléos*, n.18, 2014, pp.109-138.

CASSIN, Barbara.

- *Si Parménide: Le Traité Anonyme De Melisso, Xenophane, Gorgia*. Édition critique et commentaire, Barbara Cassin. Lille: Presses universitaires de Lille, 1980. [trad. bras.: *Se Parmênides: O tratado anônimo De Melisso Xenophane Gorgia*. Tradução e apresentação Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.]

CHERNISS, Harold.

- *Aristotle's criticism of presocratic philosophy*. Baltimore: The Johns Hopkins press, 1935. [trad. mexicana: *La Crítica Aristotélica a La Filosofía Pressocrática*. Tradución de Lorena Brass de Eggers, Nicole Ooms, Luis Ignacio Helguera y Maite Brosa Curcó, bajo la dirección del Dr. Conrado Eggers Lan. México D.F.: UNAM, 1991.]

CORNFORD, F. M.

- “Innumerable worlds in Presocratic philosophy”, *The classical Quarterly*, XXVIII, 1934, p. 1-16.
- *Principium Sapientiae*. Trad. de Maria M. R. do Santos. Prefácio W. K. C. Guthrie. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

EGGERS LAN, Conrado.

- *Las Nociones de Tiempo y Eternidad de Homero a Platon*. México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 1984.

FRÄNKEL, Hermann.

- “Die Zeitauffassung in der archaischen griechischen Literatur” (1931). *In: Wege und Formen frühgriechischen Denkens: literarische und philosophiegeschichtliche Studien*. München: Beck, 1960.

GUARIGLIA, Osvaldo N.

- “Anaximandro de Mileto: Fragmento B 1 (Diels-Kranz)”, *Anales de Filología Clásica*, Tomo IX, 1966, 23-155.

GIGON, Olof.

- *Los orígenes de la filosofía griega: de Hesíodo a Parménides*. Versión española de Manuel Carrión Gútiez. Madrid: Gredos, 1985.

GUTHRIE, W. K. C.

- *A history of Greek philosophy*, vol. 1: The earlier Presocratics and the Pythagoreans. Cambridge: Cambridge University Press, 1962. [trad. esp.: *Historia de la filosofía griega*, vol. 1: Los primeros presocráticos y los pitagóricos. Versión española de Alberto Medina González. Madrid: Gredos, 1984.]

HEGEL, G. W. F.

- *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie I. Werke*, Band 18. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986. [trad. mexicana: *Lecciones sobre la historia de la filosofía I*. Traducción de Wenceslao Roces. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995.]

HEIDEGGER, M.

- *A Sentença de Anaximandro*. Trad. Ernildo Stein. In: CAVALCANTE DE SOUZA, 1978.

HEIDEL, W. A.

- “On Anaximander”, *Classical Philology*, Vol. 7, No. 2, Apr., 1912, pp. 212-234.

JAEGER, Werner.

- *The theology of the early Greek philosophers: the Gifford lectures, 1936*. Translated for the Gifford Lectures from the German manuscript by Edward S. Robinson. Oxford: Clarendon Press, 1947. [trad. mexicana: *La teología de los primeros filósofos griegos*. Traducción de José Gaos. México: Fondo de Cultura Económica, 1952.]
- *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução de Arthur M. Parreira; adaptação do texto para a edição brasileira Mônica Stahel; revisão do texto grego Gilson César Cardoso de Souza. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KAHN, Charles H.

- *Anaximander and the origins of Greek cosmology*. New York: Columbia University Press, 1960 (Reedição: Hackett Publishing Company, 1994).
- *A arte e o pensamento de Heráclito: uma edição dos fragmentos com tradução e comentários*. Tradução Écio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Paulus, 2009.

MCDIARMID, John B.

- “Theophrastus on the Presocratic causes”, *Harvard Studies in Classical Philology*, LXI, 1953, p. 85-156.

MANSFELD, Jaap.

- “Bothering the Infinite: Anaximander in the Nineteenth Century and Beyond”, *Antiquorum philosophia: an international journal*, 3, 2009, pp.9-68.
- “Anaximander’s Fragment: Another Attempt”, *Phronesis*, 56, 2011, 1-32.

— “Fontes”. In: LONG, A. A (Org.). *Primórdios da filosofia Grega*. Tradução Paulo Ferreira. Aparecida: Idéias & Letras, 2008, pp. 41-89.

MANSFELD, J.; RUNIA, D.T.

— *Aëtiana, the method and intellectual context of a doxographer*: vol. I, the sources. Leiden: Brill, 1997.

— *Aëtiana, the method and intellectual context of a doxographer*: vol. II, the compendium. Leiden: Brill, 1990.

MONDOLFO, Rodolfo.

— *O infinito no pensamento da antiguidade clássica*. Tradução Luiz Darós. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

NIETZSCHE, Friedrich.

— *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*. Tradução Maria Inês Madeira de Andrade; revisão Artur Morão. Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Lisboa: Edições 70, 1995.

SANTORO, Fernando.

— “O que é um filósofo demasiado poeta?”, *HYPNOS*, São Paulo, número 26, 1º semestre 2011, pp. 93-105.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E.

— *Hermenêutica: Arte e técnica da interpretação*. Tradução e apresentação de Celso Reni Braida. 7ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

USENER, Hermann.

— *Analecta Theophrastea*. Lipsiae: Typis B.G. Teubneri, 1858. [Diss., Universitate Fridericia Guilelmia Rhenana, Bonn]

VERNANT, Jean-Pierre.

— “Structure géométrique et notion politiques dans la cosmologie d’Anassimandre”, *Eirene*, VII, 1969, p. 5-23. Reimpresso em: *Mythe et pensée chez les Grecs*, I. Paris: Maspero, 1971, p. 185-206. [Mito e Pensamento entre os Gregos. Tradução de Haiganuch Sarian. São Paulo: DIFEL; Ed. USP, 1973.]

VLASTOS, Gregory.

— “Equality and Justice in Early Greek Cosmologies”, *Classical Philology*, Vol. 42, No. 3 (Jul., 1947), pp. 156-178.

C. INSTRUMENTAL

LÉXICOS E DICIONÁRIOS

BENVENISTE, E.

- *Le vocabulaire des institutions indo-européennes* : v.1. Economie, parenté, société ; v.2. Pouvoir, droit, religion. Sommaires, tableau et index établis par Jean Lallot. Paris: Les Editions de Minuit, 1969. [trad. bras.: *O vocabulário das instituições indo-européias*: v.1. Economia, Parentesco, sociedade; v.2. Poder, direito, religião. Trad. Denise Bottmann. Campinas: Ed. UNICAMP, 1995]

DENNISTON, J. D.

- *The Greek Particles*. 2nd ed. revised by K. J. Dover. London: Bristol Classical Press, 2002.

HESYCHII ALEXANDRINI LEXICON.

- Vols. I-II: A-O. Ed. K. LATTE. In: *THESAURUS LINGVAE GRAECAE (TLG-E)*. Canon of Greek Authors and Works. Luci Berkowitz et alii. Irvine: University of Carolina, 2000.
- Vol. III: Π-Σ. Editionem post Kurt Latte continuans; recensuit et emendavit Peter Allan Hansen. Berlin: De Gruyter, 2005.
- Vol. IV: T-Ω. Editionem post Kurt Latte continuans; recensuit et emendavit Peter Allan Hansen, Ian C. Cunningham. Berlin: De Gruyter, 2005.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; JONES, H. S.

- *A Greek-English Lexicon*. With a revised supplement. Oxford: Clarendon Press; New York: Oxford University Press, 1996.

MALHADAS, D.; DEZOTTI, C.C.; NEVES, M. H. DE M. (coord.).

- *Dicionário Grego-português (DGP)*. Cotia: Ateliê, 2006-2010. 5 v.

RAGON, E.

- *Gramática Grega*. Inteiramente reformulada por A. Dain, J.-A. de Foucault, P. Purlain; tradução de Cecília Bartolotti; Supervisão Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, 2011.

SANTOS SARAIVA, F.R.

- *Novissimo diccionario latino-portuguez*: etymologico, prosodico, historico, geographico, mythologico, biographico, etc., no qual são aproveitados os trabalhos de philologia e lexicographia mais recentes, redigido segundo o plano de I. Quicherat e precedido d'uma lista dos auctores e monumentos latinos citados no volume e das principaes siglas usadas na lingua latina. Nona Edição. Rio de Janeiro; Paris: Garnier, 1927.

